Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23276 DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA SEXTA-FEIRA 6 JULHO 90 70$00

Autódromo requisitado

O Autódromo do Estoril, propriedade da empresa privada Autodril, vai ser requisitado pelo Governo, ao abrigo da Lei de Bases do Sistema Desportivo. Em causa está o facto de, segundo o Governo, «não estarem reunidas suficientes garantias» para o «comprometimento absoluto, total e completo» do Grande Prémio de Portugal de Fórmula 1. Não existindo acordo entre o Governo, o ACP e a Autodril, será publicada no início da próxima semana uma portaria que requisita o Autódromo por forma a garantir definitivamente a realização do Grande Prémio, que, como é público, está marcado para Setembro. **Pág. 4**

EDITORIAL

O nosso imigrante Le Pen

Lembra-se de Maurice Béjard, posto na fronteira pelos salazaristas, após um espectáculo no Coliseu? Recorda-se da delegação da Internacional Socialista (integrada, entre outros, por um membro do actual Governo sueco, Pierre Shori) que veio observar as «eleições» de 1969 e foi expulsa de Portugal por ordem de Marcelo Caetano? Outros casos haveria, certamente, a citar na lista da hospitalidade internacionalista do Estado Novo...

Mas o salazarismo era o salazarismo. A democracia, essa, é generosa e acolhe, tranquilamente, o sr. Le Pen, que considerou os campos de concentração um «pormenor» na história da Segunda Guerra Mundial e costuma fazer humor negro com «crematórios». *Imigrante* de luxo, em Sesimbra, com direito a tempo de antena e a insultos ao Presidente da República, que teve o bom-gosto de alargar, embora com menos ênfase, ao primeiro-ministro...

A polémica é já antiga, mas actualiza-se com frequência: a força da democracia reside na sua capacidade de integrar a sua própria contestação, mas até onde pode e deve ir a tolerância dos democratas com os inimigos da própria democracia? A BBC concedia tempo de antena a Hitler durante a Segunda Guerra Mundial? A pergunta tem sido formulada a propósito de situações de conflito armado, mas também da divulgação, no plano interno, de ideologias fascistas ou racistas.

O problema ocorreu-nos, ressalvadas as proporções, ao ouvirmos Le Pen a insultar o Presidente da República Portuguesa - comparando-o a Hitler e a Mussolini -, em pleno Telejornal da RTP, seguindo-se o comentário de Mário Soares, como se do exercício do direito de resposta se tratasse. Não estariam os «papéis» mal distribuídos? Ou seja, para retomarmos a analogia do tempo de guerra, não será de distinguir entre fornecer

Mário Mesquita

continua na pág. 6

Lusa

Soares em Coimbra com a tradicional capa dos estudantes

Mário Soares lança «desafio da educação»

Mário Soares lança esta noite «O desafio da educação». Na RTP, o Presidente vai abordar a grande aposta portuguesa dos anos 90. A intervenção, simbolicamente, foi gravada esta manhã na Universidade de Coimbra, presentemente a festejar o sétimo século de existência.

A terminar a «Presidência Aberta», o dia de ontem foi sobretudo de balanço. De quase tudo se falou, mas quanto à recandidatura do actual Presidente, são mais as dúvidas que as certezas.

Em Penacova, ontem na agenda, fez-se a homenagem a António José de Almeida, da lavra de Romero de Magalhães, um indefectível do Chefe de Estado da I República. De regresso a Coimbra, Soares assistiu, da varanda do Astória, à procissão da Rainha Santa. Hoje, visita o litoral do distrito. Depois de Cantanhede, segue para Mira e desloca-se, uma vez mais, à Figueira da Foz. **Págs. 2 e 3**

Um morto

80 idosos apanhados pelo fogo

O incêndio que deflagrou, às 3 horas da manhã de hoje, no Lar de Santa Teresinha, à Calçada do Combro, em Lisboa causou um morto e pôs em estado de choque duas pessoas que deram entrada no Hospital de S. José. Os restantes residentes do lar, mais de 80 idosos, foram transportados para a Igreja de Santa Catarina e serão instalados, posteriormente, em Almoçageme. Esta manhã estavam no local do sinistro o padre Victor Melicias, provedor da Misericórdia e Jorge Sampaio, presidente da Câmara. Este último referiu «o estado precário da maioria dos lares de Lisboa», sublinhando que «é preciso uma convergência de esforços entre várias entidades para se criarem condições para os idosos». **Pág. 12**

Lusa

O «DL» no TROFÉU JOAQUIM AGOSTINHO com o patrocínio

TOITORRES — O SEU CONCESSIONÁRIO TOYOTA NO OESTE — TOYOTA

Banix — BMW — pelo prazer de conduzir MOTOCICLOS

Em causa a retroactividade

Incompatibilidades à espera do Tribunal

Pág. 5

Crimes incómodos não se resolvem
Págs. 16 e 17

NATO convida Gorbachev a falar em Bruxelas
Pág. 9

Albânia: cada vez mais refugiados nas embaixadas
Pág. 9

Vinte e uma mil cassettes-pirata dão 18 meses de prisão
Pág. 22

Quase dois milhões de contos para interceptor Algés-Alcântara
Pág. 13

Lotaria Nacional
1.º - 48 843
2.º - 03 017
3.º - 59 981

PORTE PAGO

As PRESIDÊNCIAS ABERTAS foram uma novidade do exercício presidencial de Mário Soares. Amanhã conclui a oitava e última deste seu mandato. Geraram muitas expectativas, mas os resultados ficam aquém do que seria de esperar

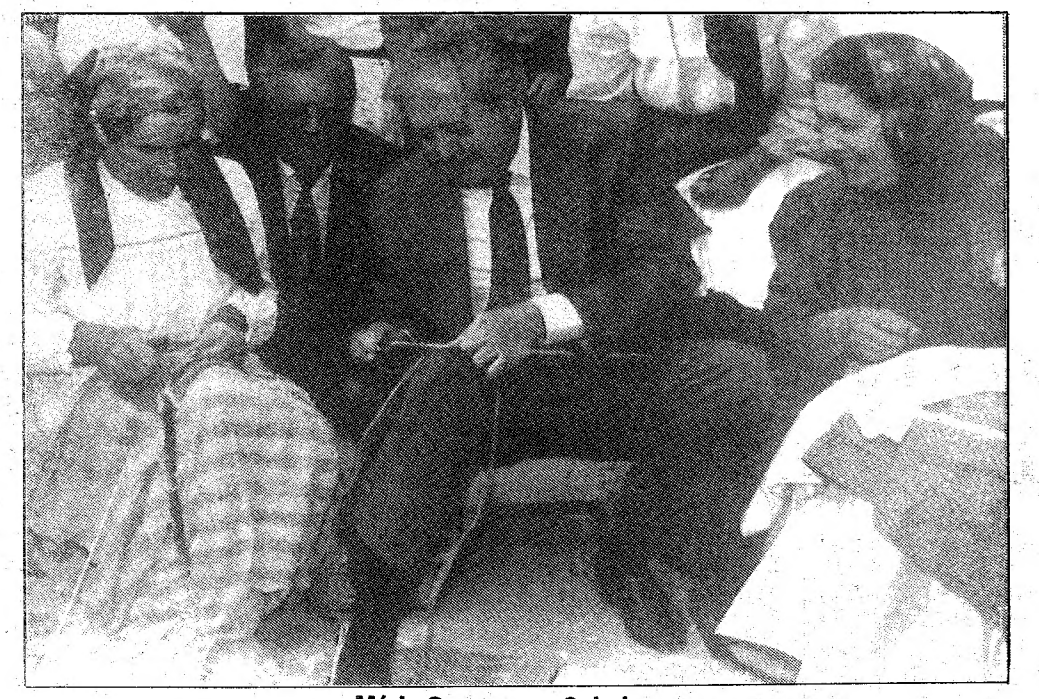
GRANDE ANGULAR

A mensagem da educação no sétimo dia de Coimbra

Com o simbolismo conferido pelo facto de se encontrar instalado numa das mais antigas universidades da Europa, agora a comemorar os seus 700 anos, Mário Soares gravou esta manhã a mensagem «O desafio da educação», a transmitir esta noite pela RTP. Com essa mensagem, no mesmo espírito da que há cerca de um ano dirigiu ao País da ilha do Corvo, Soares pretende chamar a atenção para o mais importante problema que se coloca ao futuro dos portugueses — a educação — e ao mesmo tempo definir o sentido geral da última Presidência Aberta do seu mandato.

Entretanto, ontem de manhã, Mário Soares convidou os jornalistas para um pequeno-almoço informal, destinado a fazer uma espécie de balanço destes sete dias de permanência em Coimbra. Respondeu a diversas perguntas, mas continua a deixar uma sem resposta — a sua recandidatura.

«Não estou muito voltado para isso, mas como já disse, dadas as solicitações que me têm sido feitas, tenho que tomar em conta esses apelos. No entanto, em relação ao próprio futuro que tenho traçado para mim próprio, tenho de decidir.»



Mário Soares em Coimbra

Pouco ou nada se pode inferir deste tipo de respostas quanto às intenções de Soares. Tantos são, porém, os apoios recebidos por toda a parte que, mesmo que existissem de facto reservas, elas parecem um tanto abaladas. São muitas e variadas as forças que o empuram cada vez mais para a recandidatura.

Como tem acontecido noutras regiões, a passagem de Soares, mesmo que fugaz, não dá origem apenas às lamentações dos autarcas, a descoberta das carências. Desperta iniciativas, mobiliza as populações e faz descobrir agradáveis realidades, designadamente no plano cultural.

Esta é, talvez, uma das consequências mais significativas da experiência de descentralização do poder empreendida pelo actual Presidente da República e que se tem traduzido num verdadeiro levantamento cultural do País desconhecido.

O elogio da pacificação

«Veio pelo rio vermelho do Povo, em luta incessante contra os elementos e contra a diversidade. Fez frente à cordilheira maciça de uma Universidade esclerosada. Acicatou os turbilhões populares para derrubar a tecnocrática monarquia de mais de sete séculos. Semeou ventos e espalhou tempestades. A sua voz provocou ecos e reflexos que se estenderam para esse Portugal além, acordando vontades, impulsionando quereres, empurrando indecisões.» Se mudássemos os tempos e os nomes das instituições este poderia ser o elogio ao Presidente da República feito por um apologista indefectível.

As palavras são, porém, do prof. Romero de Magalhães para homenagear, ontem de manhã, em Penacova, António José de Almeida, Presidente da República de 1919 a 1923.

Romero de Magalhães apresentou-se como o «agitador» e o «apaziguador», que «guerreou os radicais, que concebiam a República como fortaleza ameaçada», mas que no seu íntimo pensava que «a bondade e a vitalidade do novo regime político não careciam de demonstração» porque «a República aí estava e todos os homens a deviam servir, não se excluía ninguém, se alguém conspirasse então excluir-se-ia».

Quando chegou a vez da intervenção de Mário Soares, foi apenas para acrescentar «uma pequena nota pessoal». Dizer que era filho de um republicano, preso e deportado no tempo da monarquia, mas que «não navegava nas águas de António José de Almeida, porque era um afonsista radical».

Interrogando-se sobre as razões por que seu pai era «afonsista» e realçando a «generosidade, a tolerância, o amor entranhado de Portugal e sobretudo esse respeito pelos outros de não excluir ninguém» característica de António José de Almeida, disse ter chegado mais tarde à conclusão de que, afinal, ele era mais almeidista do que afonsista.

«Essa característica, modestamente, eu tenho procurado seguir, como grande admirador de António José de Almeida. E se há uma linhagem na República em que me filio, é nesse grande humanismo e generosidade.»

Ainda em Penacova, numa sessão solene pouco reivindicativa, contra o que tem sido habitual, o presidente da Câmara, Manuel Marques (PSD), elogiou a actuação política de Mário Soares, salientando não lhe pedir para se recandidatar porque ele tem dito que não está nos seus horizontes fazê-lo.

Falou do IP3, que atravessa o concelho, considerando-a importante para o desenvolvimento regional, apesar de constituir uma agressão ecológica e levantou outros problemas deste concelho também de economia ligada à floresta.

Lorvão mosteiro esquecido

A visita ao Mosteiro de Lorvão, fundado três séculos antes da instauração da nacionalidade e um dos mais antigos da Europa, permitiu observar outro dos muitos casos de degradação do património cultural português. As preocupações mais urgentes vão para o célebre cadeiral, completamente desconjunto, e para o órgão que não toca, cuja reparação está orçada pelo IPPC em cerca de 4000 contos.

Convidado por Mário Soares, o secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, que acompanhou a visita, pôde tomar consciência desse facto e ali mesmo anunciou que a SEC vai ainda este ano financiar as obras mais urgentes e votará no próximo ano uma verba específica para obras de fundo, o que levou Mário Soares a confessar-se satisfeito por «ter conseguido o seu objectivo».

No regresso a Coimbra, Mário Soares e a comitiva vieram pelo IP3, uma via ainda não aberta ao trânsito e que ligará o porto da Figueira da Foz.

Da parte da tarde, Soares inaugurou a nova Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e concedeu audiências às Ordens dos médicos, engenheiros, advogados, farmacêuticos, organismos representantes dos enfermeiros, Conselho de Comunicação Social, Federação Internacional dos Têxteis e Vestuário, Sindicato dos Têxteis, UGT, CGTP e ainda a um enviado do rei Hassan II de Marrocos, que foi portador de uma mensagem confidencial.

À noite, o Presidente da República ofereceu um jantar ao bispo de Coimbra, (que se deslocou expressamente de Fátima onde se encontra numa reunião), e assistiu da varanda do Hotel Astória à procissão da Rainha Santa.

Hoje, Mário Soares visita Cantanhede e Mira e volta à Figueira da Foz onde participa num jantar promovido pela Câmara Municipal daquela cidade e pelo Forum Conimbriga.

Augusto Vilela

FAMOPE

Fábrica de Móveis e Carpintaria Penelense, Ld.ª

Congratulamo-nos e saudamos a Presença de sua excelência o Presidente da República, Dr. Mário Soares, em Terras de Penela.

Sentimo-nos altamente Honrados Pela Visita de Sua Excelência às nossas instalaçãoes

St.ª Eufémia — Tel. 039-56 417 3239
Penela

À MARGEM

O Mosteiro de Lorvão em 250 mil fósforos

O fabrico de palitos é uma das actividades tradicionais de Lorvão. A entrada do Mosteiro várias mulheres do Rancho Típico das Paliteiras de Chelo faziam palitos e cantavam. Soares sentou-se ao lado de uma e tentou imitá-las, mas apesar da simplicidade deste utensílio, frequentemente destruidor das boas maneiras a mesa, fazer palitos é difícil.

Entretanto, o Presidente pôde ver uma miniatura do Mosteiro feita com 250 mil fósforos.

A obra custou oito anos de trabalho ao sr. Sabino Torcato, um alfaiate local de 55 anos, que se queixa agora que ela precisa de uma redoma para a proteger. Soares consultou os seus assessores para saber do que se tratava exactamente e dediciu oferecê-la ao autor daquele paciente trabalho.

Pagadores de promessas pararam para ver o Presidente

Coimbra veio a rua ontem a noite para a assistir à procissão da Rainha Santa. Quando Mário Soares regressou da Reitoria após as numerosas audiências que concedeu já a Rua da Sofia, estava encerrada ao trânsito, com muitas pessoas a percorrê-la de joelhos, no cumprimento de promessas.

A comitiva atravessou-a em marcha lenta, para não causar perturbação. Quando viram o Presidente, os pagadores de promessas pararam e, embora de joelhos, fizeram uma interrupção na penitência para o aplaudir.

Dançando folclore na região minhota

Riqueza de expectativas miséria de realizações

Os efeitos das Presidências Abertas ficam muito aquém das expectativas que geram — eis a conclusão manifestada pelos interlocutores do «DL» convidados a pronunciarem-se sobre as estadas de Mário Soares em sete capitais de distrito, à excepção de D. António Rafael, bispo de Bragança e Miranda, que não vê discrepância entre o que esperava e o que sucedeu.

«Em Bragança, o Presidente da República uniu o povo à volta de um ideal cultural — disse o prelado. — As dificuldades próprias do meio impediram, como antecipadamente se sabia, outros benefícios. Ainda assim, a minha grande esperança na promoção dos valores culturais realizou-se em boa parte.

O Centro Cultural foi elevado à dignidade de Paços de Bragança (era assim que o Presidente datava os documentos) e nasceu, depois, uma associação com o mesmo nome.»

Engraxando os sapatos na rua

Abílio Curto, presidente da Câmara da Guarda, destaca, à semelhança de outras personalidades com quem falámos, a circunstância de as Presidências Abertas transformarem a cidade em que têm sede na capital do País e, deste modo, concentrarem as atenções gerais nos problemas e anseios da região em causa.

«O Presidente da República traz com ele membros do Governo que podem inteirar-se *in loco* das dificuldades que afligem as populações. Na Guarda, as dificuldades persistem, apesar da sensibilização a que Mário Soares procedeu, no sentido de serem resolvidas, junto do Executivo. Por exemplo, o património histórico e cultural do distrito, que é riquíssimo, continua à mercê da degradação do tempo e das gentes. Reduz-se tudo a boas intenções, como no caso do castelo de Marialva. As expectativas criadas pelas Presidências Abertas não têm, depois, correspondência na actuação governamental.»

Mais lacónico, o presidente da Associação de Defesa do Património Histórico de Beja, José Barbosa Bentes, disse ao «DL», a propósito da Presidência Aberta sediada naquela capital de distrito alentejana: «Não adiantou absolutamente nada. Ficou tudo na mesma.»

Convergentes no destaque dado à convivência do Presidente com os concidadãos são Abílio Curto e Silva Júnior, director do «Diário dos Açores». Diz o primeiro:

«As Presidências Abertas projectam o Chefe de Estado despido da reverência em que as pessoas, por vezes, envolvem as personalidades dirigentes de um País. Mário Soares é um homem terra a terra, mistura-se com as gentes, é de acesso fácil, ouve todos.»

Silva Júnior salienta também esta «característica pessoal» de Soares:

«Ele confunde-se com o público. A Presidência Aberta nos Açores foi um momento ímpar na vida do arquipélago. As viagens presidenciais anteriores caracterizaram-se por uma certa austeridade. Com Mário Soares, o ambiente é diferente. Mantém-se o respeito, claro, mas as pessoas sentem-se próximas do Presidente da República, convivem com ele, queixam-se. São muitas as queixas, tantas que ele não as pode resolver...»

Redacção «DL»

COMENTÁRIO

Ser solidário

A expressão «País real» foi popularizada como forma de aludir à distância que separa o povo dos seus governantes que conhecem melhor o País de gabinete. Enredados na luta política que tinha sede no grande centro e cultivando uma aura de reverência e de medo que os abrigava de interpelações incómodas, solicitados pelas crescentes complicações da vida na mutação das pequenas sociedades que ainda consentiam a prática da democracia directa para as que exigiam a delegação de poderes, os dirigentes profissionalizaram-se e progressivamente adquiriram do povo a imagem construída na própria cabeça, com fragmentos de realidades que lhes chegavam através dos vários cortesãos. O «País real» vivia e sofria noutra esfera, lamentando que o senhor não lhe entendesse as dificuldades ou bendizendo a sua distracção, conforme os casos.

A exigência democrática moderna, a progressiva consciencialização, por parte dos cidadãos, dos seus direitos, o abandono da comodidade de confiar a outrém a resolução dos problemas próprios tem conduzido ao que convencionou chamar-se a libertação da sociedade civil. Em Portugal, com o 25 de Abril, deu-se um verdadeiro florescimento da iniciativa individual com a descentralização de poderes e o incentivo ao associativismo. O «País real» transforma-se rapidamente, agora também por força da integração na CEE, e reserva surpresas a quem o percorrer com atenção. Das boas e das más, porque nem tudo nasce, cresce e morre nos limites da autarquia, nem tudo depende dela. O «Estado» não é, obviamente, ou infelizmente, dispensável. Descentralizar não deve constituir argumento perverso justificativo da indiferença do Poder central.

Sabe o Estado do real estado do País, os seus agentes comunicam com ele e entre si de forma satisfatória? E o País sabe de si próprio no todo - das agressões ao ambiente, da degradação do património artístico, das potencialidades de desenvolvimento sócio-económico de cada região, da gravidade das carências que a cada uma afectam? Quer dizer: o País é solidário?

As Presidências Abertas procuram responder a esta questão, malgrado o saber-se que as expectativas geradas não têm, depois, a correspondência devida na prática. Aprofundam a descentralização do Poder, porque levam a Chefia do Estado a peregrinar por distritos que, por breves dias que seja, concentram as atenções do País. Dessacralizam o Poder, porque o povo deixa de ter que subir até ele; é o Poder que desce até ao povo. Sensibilizam os governantes para dificuldades esquecidas. Representam, assim, uma forma de comunhão nacional . Acima de tudo, as Presidências Abertas são uma proposta de solidariedade. Concorrem para a popularidade de Mário Soares? Pois concorrem. É inevitável.

João Paulo de Oliveira

POLÍTICA

Enquanto César Torres escreve ao Procurador-Geral da República

Governo prepara-se para requisitar autódromo

O Governo tem já preparada uma portaria do Ministério da Educação, que poderá ser publicada na próxima terça-feira, para a requisição do Autódromo do Estoril, propriedade da Autodril - soube o «DL» de fonte oficial.

A requisição poderá durar até ao dia 31 de Outubro de 1990. Fundamenta-se na Lei de Bases do Sistema Desportivo e por existir um «gravíssimo» risco de se comprometer a realização do Grande Prémio de Portugal em Fórmula 1, que tem lugar em 23 de Setembro próximo.

Este é o resultado de se terem gorado as negociações entre o Governo e a Autodril a propósito da utilização do Autódromo para provas desportivas, particularmente a Fórmula 1.

Entretanto, Alfredo César Torres, secretário de Estado do Turismo, enviou ontem uma carta ao Procurador-Geral da República em que solicita a averiguação das afirmações que, atribuídas à empresa Autodril, lhe têm sido dirigidas. As acusações referem-se à possibilidade de César Torres ter usado o seu cargo governamental para obter vantagens de carácter privado e de acumular as suas funções com as de administrador de várias empresas ligadas ao Automóvel Clube de Portugal, ACP. O secretário de Estado solicita assim ao Procurador-Geral da República que avalie se há, ou não, matéria para eventual queixa-crime. Este é, aliás, o procedimento habitual em casos semelhantes que envolvam membros do Governo.

Os mesmos pressupostos explicam que a Autodril esteja a preparar uma queixa-crime contra o secretário de Estado do Turismo.

Segundo o «DL» apurou, quando César Torres entrou para o Governo demitiu-se das empresas ACP-Autogrupos e ACP-Viagens, mantendo-se apenas como presidente do ACP, entidade reconhecida como de utilidade pública. Deste último cargo não recebe qualquer remuneração.

O conflito que vem opondo a empresa Autodril, pertencente ao Grupo Grão Pará, remonta a 1984. Nessa altura, a empresa apresentou à Câmara Municipal de Cascais um projecto de urbanização a desenvolver no Autódromo do Estoril. O projecto foi chumbado pelo município, tendo tido também pareceres desfavoráveis de outros organismos.

A Autodril afirma que o Estado se comprometeu a permitir o desenvolvimento de um projecto urbanístico nos terrenos do Autódromo, mas o que é facto é que aquela é uma zona de paisagem protegida, não permitindo projectos como o apresentado pela empresa proprietária.

Desde Dezembro de 1989 que não há competições oficiais no Autódromo, decorrendo há sete meses negociações entre o Governo, o ACP, e a Autodril com vista a um entendimento que viabilize as competições automobilísticas na única pista portuguesa que permite a Fórmula 1. É o caso do Grande Prémio de Portugal. Normalmente, é necessário que três meses antes da prova tudo esteja garantido em termos de comprometimento absoluto de utilização da pista, o que quer dizer que tudo deveria estar acordado até 23 de Junho passado.

Preocupado em tudo fazer para não fazer perigar a realização da competição, o Governo aprovou mecanismos legais que, «em caso de urgente necessidade e sempre que o justifique o interesse público e nacional», assegurem a requisição de infra-estruturas desportivas privadas.

César Torres queixou-se à Procuradoria-Geral da República

A Autodril contesta esta possibilidade e diz mesmo possuir «pareceres de seis consagrados juristas que consideram a requisição que vem sendo anunciada inconstitucional». De qualquer modo e, segundo o Governo, porque o tempo urge, tudo indica que a requisição se efectue nos próximos dias.

Em Janeiro, a Direcção-Geral dos Desportos, DGD, considerou que os prejuízos decorrentes da não utilização do Autódromo «serão enormes e irremediáveis». Nesta altura, ficaram já comprometidos três dos seis circuitos que compõem os Campeonatos Nacionais e Troféus de Velocidade. Daí que o Executivo, preocupado com o esgotar do tempo útil de preparação do Grande Prémio de Portugal de Fórmula 1, se disponha a avançar com a requisição do recinto.

Uma vez requisitado o Autódromo passa para a posse do ACP, sendo paga à Autodril uma indemnização de 19 900 contos. No termo da requisição, as contas relativas à administração das suas instalações durante o período em que vigorou serão submetidas pela DGD a uma «auditoria independente».

Havendo lucros decorrentes desta gestão, o Governo garante também que os mesmos serão entregues à Autodril.

António José Teixeira

AUMENTO DE CAPITAL

No dia vinte e um de Junho de mil novecentos e noventa, em Lisboa e Vigésimo Quarto Cartório Notariaal, perante mim, Maria Clotilde dos Reis Gouveia Vinagre, ajudante principal, em pleno exercício de funções por o lugar de notário se encontrar vago, compareceram como outorgantes:

Primeiro — António Augusto Marques Gomes da Costa, divorciado, natural de Lisboa, da freguesia das Mercês e residente em Linda-a-Velha, na Rua Luz Soriano, n.º 8, 2.º andar, dt.º, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras;

que outorga em representação, na qualidade de sócio e gerente, da sociedade comercial por quotas «Intereditor — Livros e Publicações, Limitada», com sede em Lisboa, na Calçada do Galvão, número treze, primeiro andar, direito, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número sessenta e um mil setencentos e três, com o capital social de setecentos e cinquenta mil escudos; sócio-gerente que foi especialmente mandatado para este acto na reunião da assembleia geral da dita sociedade de doze de Março último de cuja acta arquivo fotocópia.

Segundo — João José dos Santos Martins, casado, natural de Lisboa, da freguesiaa das Mercês e residente na Rua das Azáleas, Vivenda Maravilhas, em Birre, concelho de Cascais, que outorga na qualidade de sócio-gerente e em representação da sociedade comercial por quotas «Produções João Martins, Limitada», com sede em Lisboa, na Avenida Elias Garcia, número quinze, quarto andar, direito, frente, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, sob o número sessenta e três mil novecentos e oitenta e oito, com o capital social de cinco milhões de escudos;

O qual foi especialmente mandatado para este acto na reunião da Assembleia Geral da dita sociedade de catorze de Maio findo de cuja acta arquivo fotocópia.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pela exibição dos seus bilhetes de identidade, respectivamente, n.ºs: 308 724, de 27 de Novembro de 1986; e 0 312 988, de 9 de Junho de 1981; ambos emitidos pelo Centro de Identificação Civil e Criminal de Lisboa.

E pelos outorgantes foi dito: Que as sociedades suas representadas são as únicas sócias da sociedade comercial por quotas com a firma «INTERMEIOS — PRODUÇÃO EDITORIAL E PUBLICIDADE, LIMITADA», com sede em Lisboa, na Avenida da Liberdade, número duzentos e dois, segundo andar, direito com o capital social, integralmente realizado, de quatrocentos mil escudos, dividido em duas quotas iguais no valor de duzentos mil escudos cada, uma de cada uma das sócias, sociedade matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número sessenta e seis mil setecentos e trinta e um e constituída por escritura lavrada em sete de Julho de mil novencentos e oitenta e sete a folhas quarenta e duas do livro número setenta e nove-F, das notas do Oitavo Cartório Notarial de Lisboa; não tendo havido qualquer aumento de capital posteriormente à sua constituição.

Que dando cumprimenro ao deliberado nas referidas reuniões vêm, pela presente escritura, aumentar o capital da dita sociedade «INTERMEIOS — PRODUÇÃO EDITORIAL E PUBLICIDADE, LIMITADA», de quatrocentos mil escudos para cinco milhões de escudos ou seja em mais quatro milhões e seiscentos mil escudos; subscrevendo cada uma das sócias dois milhões e trezentos mil escudos, aumentos estes efectuados por suprimentos que as sócias fizeram à sociedade e, em consequênciaa, alteram o número um do artigo terceiro, o qual passa a ter a seguinte redacção:

Artigo terceiro — um — O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, é de cinco milhões de escudos e corresponde à soma de duas quotas iguais no valor de dois milhões e quinhentos mil escudos cada uma de cada uma das sócias «Intereditor — Livros e Publicações, Limitada» e «Produções João Martins, Limitada».

Mais declaram que pela lei, pelo contrato ou pela deliberação não são exigidas a realização de outras entradas.

Assim o disseram e outorgaram.

Verifiquei a qualidade de únicas sócias das representadas dos outorgantes pela certidão passada pela mencionada Conservatória, que arquivo.

Adverti os outorgantes de que devem requerer o registo deste acto no prazo de noventa dias a contar de hoje.

Esta escritura foi lida e explicado o seu conteúdo em voz alta, aos outorgantes, na presença simultânea de ambos.

«DL» 6/7/90 **(Assinaturas ilegíveis)**

PROTAL: Liberato promete ter em conta debate público

O secretário de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território prometeu este manhã em Faro, que o Governo «vai analisar com muito cuidado todas as reflexões e recomendações» suscitadas pelo debate público do Plano Regional de Ordenamento do Território do Algarve (PROTAL).

Nunes Liberato, que participava numa conferência de Imprensa destinada a analisar a fase de discussão pública do documento, enalteceu as virtudes do processo seguido, em diálogo com as autarquias e abrindo aos cidadãos «oportunidades para exprimirem os seus pontos de vista».

O governante apresentou na ocasião uma sondagem que deixa claro o desejo dos algarvios de possuírem um plano de ordenamento - oficialmente destinado a pôr cobro a acções especulativas, urbanização dispersa e degradação de recursos naturais - e chamou a atenção para o facto de documentos idênticos relativos a outras regiões estarem em preparação.

Os PROT têm sido encarados pelo Governo como instrumentos decisivos de ordenamento do território, a par com os planos directores, de incidência municipal (PDM). Os mecanismos de articulação entre ambos continuam, porém, a não ser conhecidos. Sobrevêm, aliás, ritmos diferentes de elaboração: quase ultimado o PROTAL, nenhuma câmara da região consegui ainda ver ratificado o respectivo PDM.

Aliás, fechado o período de debate público, o plano para o Algarve está já a merecer fortes críticas da parte da Coordenadora Regional da CDU. Em comunicado ontem emitido, esta estrutura afirma que «se limita a arbitrar os conflitos existentes entre o imobiliário e sector turístico», sem qualquer preocupação de corrigir assimetrias.

A CDU, para quem o PROTAL configura uma «visão centralista, servidora dos interesses de clientelismo político que apoiam e sustentam o Governo PSD», denuncia, por outro lado, o facto de os municípios da região terem sido remetidos a um mero papel consultivo. Nesta medida, reclama a criação urgente da Região Administrativa do Algarve, «única forma de elaborar um verdadeiro plano de desenvolvimento económico da região».

A apresentação do plano regional algarvio não deixa de estar relacionada com a aprovação, ontem em Conselho de Ministros, do diploma relativo ao ordenamento do território da faixa costeira anunciado pelo ministro Valente de Oliveira em recente encontro com os jornalistas. O documento estabelece os critérios de ocupação do litoral nos domínios da ocupação de solos, acesso, infra-estruturas, construções, espaços verdes e estaleiros. Encerra, porém, conforme revelou o «DL» oportunamente, diversas insuficiências.

Com efeito, o diploma limita a altura de novos edifícios «à cercea mais corrente na rua ou quarteirão» e a dois pisos, quando fora dos aglomerados. Porém, admite excepções, «desde que fique assegurada a sua integração na paisagem envolvente». De acordo com o texto, a ocupação de solos deve ser desenvolvida «em cunha», estreitando na orla, por forma a atenuar a pressão sobre o litoral. Por outro lado, a fim de proteger as dunas, é autorizada apenas a circulação pedonal.

Redacção «DL»

BREVES

PRD ouve militantes sobre candidato a Belém

A Comissão Directiva Nacional do PRD aprovou ontem a versão final de um inquérito, destinado aos militantes, para definir o perfil do candidato a apoiar pelo partido nas presidenciais de 1991. Segundo a dirigente renovadora, Isabel Espada, «será uma espécie de referendo interno» que pretende saber se os militantes do PRD querem apoiar um candidato próprio ou um dos candidatos já existentes.

Ordem dos Médicos concorda com Lei de Bases da Saúde

A Ordem dos Médicos e o Grupo Parlamentar do PSD chegaram finalmente a acordo relativamente às alterações a fazer à Lei de Bases da Saúde que deverá subir a plenário, para votação final global, até à próxima sexta-feira. Em comunicado, a Ordem considera que o texto final «embora se afaste da configuração ideal por si preconizada, foi o possível no quadro constitucional vigente».

Procuradoria averigua casos da «Saúde» e «Macau»

A ex-ministra da Saúde, Leonor Beleza foi ontem ouvida como testemunha do processo instaurado ao ministério de que foi responsável pela Procuradoria-Geral da República, segundo informa hoje o semanário «O Independente». Aquele jornal informa ainda que na passada terça-feira se realizou uma acareação também na PGR, a propósito do caso dos «Faxes de Macau». Na ocasião foram ouvidos Carlos Melancia, Strecht Monteiro, João Tito de Morais, Menano do Amaral e Rui Mateus.

Lei das incompatibilidades no Tribunal Constitucional

O Presidente da República pediu ao Tribunal Constitucional a fiscalização preventiva da constitucionalidade do projecto-lei que altera o diploma sobre as incompatibilidades dos cargos políticos e altos cargos públicos. O pedido de fiscalização foi assinado na passada quarta-feira, em Coimbra, onde Mário Soares se encontra em «Presidência Aberta», e deu ontem entrada no Tribunal Constitucional. O pedido de fiscalização preventiva de Mário Soares invoca os princípios constitucionais da «não retroactividade» e da «generalidade e abstracção» da lei restritiva de direitos, liberdades e garantias. O Tribunal Constitucional tem 20 dias para se pronunciar.

Com excepção do Partido Comunista, todas as bancadas parlamentares, inclusivé a do Governo, reconheceram a justiça das indemnizações aos accionistas das empresas nacionalizadas no pós-25 de Abril. Mas levar esse reconhecimento à prática, na forma pretendida pelo CDS, implica tais custos que mais ninguém os quis assumir

O preço da coerência

O CDS pretendia corrigir, com a entrega de correspondentes títulos da dívida pública, o valor das indemnizações previstas na lei 80/77, aos ex-titulares dos direitos sobre bens nacionalizados, acrescidas dos juros entretanto vencidos. Previa também, no projecto de lei que ontem sujeitou a debate na Assembleia da República, abolir a diferenciação por classes de indemnizações considerando para todas as situações uma taxa única de juro.

De véspera, Freitas de Amaral já avisara em conferência de Imprensa sobre a importância desta iniciativa para o seu partido; ontem mesmo, coincidindo com o debate parlamentar, o CDS fez publicar anúncios de página em quase tudo o que é jornal, reforçando o peso da sua iniciativa e dando uma ideia dos apoios financeiros que lhe estavam subjacentes; no plenário de S. Bento, a pequena mas aguerrida bancada bateu-se pelo seu projecto como se do êxito dele dependesse o futuro do partido.

Avaliados os resultados, não parece ter convencido gente bastante com direito a voto no Parlamento para que este projecto seja traduzido em lei. No entanto, dadas as

Nogueira de Brito fez *mea culpa* por também ter apoiado a legislação em vigor sobre as indemnizações

expressas manifestações de concordância do Governo, quanto aos princípios do diploma, e a sugestão do PS para ele baixar à Comissão da especialidade, sem votação, não nos surpreenderia nada que os centristas viessem a alcançar, em discretas negociações na Comissão de Finanças, alguns ganhos materiais para três centenas de milhar de potenciais votantes.

Tantos são os cidadãos que o CDS diz terem direito a indemnizações melhoradas e reforçadas... Não será tudo o que pretendiam, mas alguma coisa pode ganhar o CDS deste tão empenhado investimento do seu líder e dos deputados Basílio Horta e Nogueira de Brito, ontem os catalizadores da polémica parlamentar.

Segundo Dias Loureiro - também o ministro Miguel Beleza seguiu atento o debate, de fio a pavio mas sem abrir a boca- as consequências do diploma a nível do Orçamento do Estado seriam da ordem dos 440 milhões de contos, algo assim como o Orçamento da Educação.

Por isso e embora se diga «totalmente de acordo com os princípios do projecto de lei centrista quanto à justiça das indemnizações», o ministro dos Assuntos Parlamentares admittiu que não há coerência que resista a encargos deste montante para a dívida pública. A opção seria, por exemplo, fechar o ministério da Educação. «Optaria por isso, se o CDS fosse Governo?», perguntou Dias Loureiro a Nogueira de Brito.

Óbvio que não. Mas o CDS garante que os encargos do Estado não se aproximam das verbas que o Governo refere e não passariam dos 180 milhões de contos. Mesmos esses só daqui por cinco anos seriam traduzíveis em dinheiro: até lá são meros títulos de indemnizações para concorrer à privatização de empresas públicas. E daqui por cinco anos, os investimentos que os indemnizados carrilariam para as empresas já tinham amortizado boa parte dos custos...

Só o PCP contrariou esta virtual aceitação da justiça das indemnizações, ontem patente na Assembleia da República:

«O que o CDS quer é reescrever a história recente de Portugal, escamoteanado a justeza da opção política das nacionalizações e procurando transformá-la num mero negóccio de compra e venda».

Daniel Reis

Líder da Câmara de Sintra pediu suspensão de mandato

O presidente do município de Sintra apresentou em sessão de câmara uma carta justificando o seu pedido de suspensão do cargo por 15 dias. Os vereadores aprovaram por unanimidade a solicitação, mas o ambiente na Câmara, ontem, durante todo o dia, foi de grande reboliço, segundo apurou o «DL», com toda a gente a interrogar-se sobre os fundamentos da decisão.

Na carta analisada em sessão de câmara, o social-democrata João Justino manifesta algumas «incertezas» relativamente às alterações à Lei 9/90 (Incompatibilidades de Titulares de Cargos Políticos e Altos Cargos Públicos), aprovadas na Assembleia da República. Justino sublinha que, apesar da polémica, a nova lei ainda não foi publicada no «Diário da República», pelo que na sua qualidade de «empresário e presidente de Câmara» e tendo algumas «dúvidas» quanto à aplicabilidade no seu caso, decidiu pedir a suspensão do mandato para «salvaguardar quaisquer consequências negativas para a autarquia».

A grande actividade empresarial do autarca não é surpresa. Ele próprio a assume publicamente. A única surpresa é o facto de João Justino ter pedido apenas 15 dias de suspensão do mandato alegando que «é suficiente, em princípio, para o esclarecimento e resolução das questões em causa». Se o conhecimento passa pelo acesso ao projecto-lei das Alterações, não seriam necessários tantos dias, já que o documento aprovado na Assembleia da República é da autoria do seu próprio partido, o PSD.

Por outro lado, o facto de*a priori* o presidente admitir que em 15 dias «resolve as questões em causa», quando ainda não se sabe se o Presidente da República promulga ou não o diploma, é indiciador, segundo membros da autarquia, da confiança de João Justino quanto à resolução satisfatória das suas dúvidas. Acresce ainda o facto de alguns juristas defenderem que a suspensão do mandato não iliba o visado das incompatibilidades a que estiver sujeito. Caso a Procuradoria Geral da República decida que há incompatibilidade, os autarcas abrangidos perdem de imediato o seu mandato.

João Justino apresentou o pedido de suspensão a 29 de Junho. Segundo o que ficou, ontem, aprovado em sessão de câmara, a decisão entra em vigor a partir do dia 2 do mês corrente e durante o período de ausência a presidência é assegurada por Rui Silva, número dois do PSD no município de Sintra, cuja maioria resulta de coligação com o CDS.

Entretanto, também na Madeira a lei das incompatibilidades faz «mossa». Depois do director regional de Portos, Silvério Freitas, se demitir, o do Planeamento, Sérgio Marques, fez idêntica solicitação. Mantém o lugar como deputado na Assembleia Legislativa Regional, mas anunciou ter aceite a proposta de uma empresa privada ligada ao sector dos transportes marítimos.

A atitude foi encarada com preocupação pela presidência do Executivo madeirense, tendo em conta a grande responsabilidade de Sérgio Marques na negociação de importantes documentos comunitários.

VILA DE ODEMIRA

CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA

PRETENDE:

DOIS ARQUITECTOS

Oferecem-se vencimentos correspondentes à tabela da função pública — administração local.

Os interessados devem enviar candidatura à Secção de Pessoal da Câmara Municipal de Odemira, até ao dia 30 de Julho, próximo futuro, contendo:

Nome, data de nascimento, estado civil, residência, número do bilhete de identidade, número de contribuinte fiscal, classificação do curso e currículo profissional.

Paços do Concelho de Odemira, 29 de Junho de 1990

O Presidente da Câmara
Justino Abreu dos Santos

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

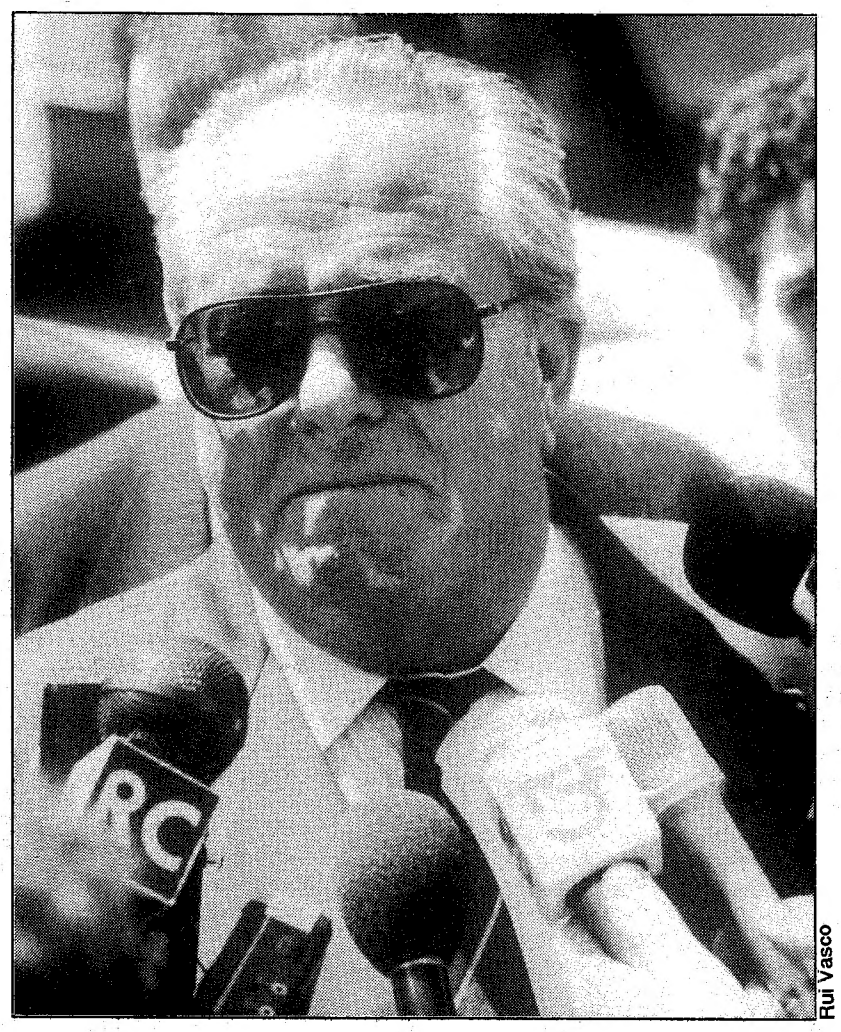
- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

Acusações fizeram-no perder a cabeça

Le Pen quer *show* só para ele



Rui Vasco

Soares, seco: «Injúrias...»

«Trata-se de injúrias e quem injuria são os fracos» - este o comentário seco do Presidente da República ao novo ataque cerrado de Le Pen, ontem proferido em Sesimbra.

Mário Soares, que prossegue a «Presidência Aberta» na região de Coimbra, referindo-se à insinuação de que terá quebrado a hospitalidade portuguesa depois de ter vivido em Paris sem ser alvo de manifestações de repúdio, acrescentou, à RTP: «Estive em Paris, na pátria da liberdade». O chefe da Frente Nacional, recorde-se, chegou ao ponto de comparar o Chefe de Estado a Hitler, «cujo partido se chamava nacional-socialista como o de Soares».

Do Gabinete do Primeiro-Ministro, que está em Londres, na cimeira da NATO, não emanou qualquer comentário às declarações de Le Pen. Fonte do Gabinete considerou, aliás, injustificável uma tomada de posição.

Le Pen chamou ontem em Sesimbra «mentiroso» a Mário Soares, além de admirador de Estaline, e negou que alguma vez tivesse defendido teorias racistas e xenófobas. Enfim, negou tudo. Até aquilo que o levou a tribunal, onde foi condenado duas vezes, a última das quais em Maio de 1989.

Terminou uma conferência de Imprensa mal foi questionado sobre o seu passado, remoto e recente. Fê-lo de forma súbita e abrupta. Mais tarde, no entanto, nos corredores do Salão Miramar, já mais calmo, tentou rebater tudo aquilo de que fora acusado - xenofobia e racismo - encetando diálogo com Francisco Louça, que formulara um conjunto de acusações. Le Pen tomou esta atitude com os olhos nas câmaras das televisões presentes - portuguesa, espanhola e francesa - tentando recuperar o verniz perdido. Mas era tarde...

Pouco tempo antes, batera com força com o martelo na mesa, como se estivesse a presidir a um tribunal colectivo em que as situações se invertiam e de réu passava a juíz. Por coisa pouca: não gostou da referência às suas condenações nem de uma outra história mais intrincada, que não importa aqui recordar. Sem resposta na ponta da língua, alegou secamente: «Não quero ser cúmplice desta comédia».

Show e demagogia

O dirigente da extrema-direita é um homem que se pavoneia pe-rante as câmaras e gosta de show. Isso foi ontem mais uma vez evidente durante a conferência de Imprensa, antecedida de uma introdução que durou bem um quarto de hora. Aproveitou a passividade dos jornalistas para acusar Mário Soares, arengando sobre a nossa situação política como se quisesse ser chefe em casa alheia. Em determinado momento, no seu estilo demagógico, afirmou que «o povo português não tem culpa dos dirigentes que elegeu».

Questinado pelo representante do «DL» sobre as bases da acusação de que Soares foi admirador de Estaline, ele, que começara por recusar o seu «julgamento pessoal» à jornalista da RTP, afirmou que «todos os portugueses sabem que Soares foi comunista». O jornalista diligenciou para que Le Pen situasse os factos no tempo, mas o líder da extrema-direita francesa desatou a exprimir-se em tom comicieiro, pretensamente arrebatador, alu-dindo aos milhões de pessoas sacrificadas por Estaline.

Deu a todos os presentes a impressão de não ter auto-domínio suficiente para sair airosamente, quando confrontado com factos que ponham a nu a verdade do seu comportamento e do seu passado, desde a militância «poujadista» em 1956 à acusação ontem feita em Sesimbra de que a Ordem Nova, de que resultou a Frente Nacional, estaria envolvida, em 21 de Junho de 1971, no assassínio de emigrantes portugueses e argelinos. A acusação é sustentada pelo secretário-geral da polícia francesa, Pierre Montale.

Entretanto, ficam os portugueses avisados de que na emissão te-levisiva «A hora da verdade» Le Pen vai fazer afirmações deste tipo: «acho que se foi demasiado severo com o marechal Pétain» e «não digo que as câmaras de gás dos campos de concentração nazis não tenham existido, mas creio que é um ponto de pormenor na história da II Guerra Mundial».

As declarações de ódio racial deste homem são inúmeras. A história regista-as e uma delas, recordada nos corredores do Hotel do Mar, remonta a Dezembro de 1983. «Os emigrantes instalar-se-ão em vossas casas, comerão a vossa sopa e dormirão com as vossas mulheres, as vossas filhas ou os vossos filhos», disse então. Todos se lembram que foi depois desta afirmação que saiu a palavra de ordem eleitoral da frente nacional: «700 mil judeus, 700 mil desempregados... a solução é fácil».

Júlio Rodrigues

Quadros permanentes militares reduzidos em doze por cento

O Governo aprovou ontem, em Conselho de Ministros, na sequência do estabelecido no Estatuto das Forças Armadas, um decreto-lei que fixa os efectivos permanentes da Marinha, Força Aérea e Exército.

Esta é uma medida de natureza transitória para vigorar durante o triénio 1990/1992. A partir de 1993 terá lugar uma redimensionação que tenha em vista as reais necessidades futuras das Forças Armadas.

Marques Mendes, porta-voz do Conselho de Ministros, referiu que a redução de 12 por cento agora introduzida se refere ao número de vagas existentes até ao momento. Dado que os quadros permanentes de pessoal não estão totalmente preenchidos, o número real de efectivos sofrerá uma redução de apenas quatro por cento.

De acordo com o Governo, os objectivos que se prosseguem com este diploma são, para além da redução dos quadros e do número de efectivos dos três ramos das Forças Armadas, a consagração de uma passagem antecipada à situação de reforma por parte dos militares, contribuindo-se assim para descongestionar dos quadros e a introdução de uma maior flexibilidade na gestão das carreiras militares.

A médio prazo, o Executivo espera que a diminuição de encargos com as despesas de pessoal permita o reforço das verbas destinadas ao equipamento, a melhoria da operacionalidade e os ajustamentos decorrentes da próxima redução do Serviço Militar Obrigatório

A reunião do Conselho de Ministros aprovou também um diploma que institui o fundo de pensões dos militares dos quadros permanentes das Forças Armadas. Com esta medida prossegue-se o objectivo de criação de condições que permitam garantir melhores níveis para as pensões abonadas, pagando-se complementos de pensão de reforma e sobrevivência, mediante recurso à contribuição adicional e voluntária dos interessados.

Por outro lado, o ministro da Defesa, Fernando Nogueira, afirmou esperar que a redução do Serviço Militar Obrigatório «entre em vigor o mais breve possível», não tendo indicado, no entanto, uma data precisa. Acrescentou que o SMO «é viável e melhora a eficácia das Forças Armadas, embora traga maiores encargos financeiros».

Quanto ao estudo preliminar, realizado pelas Exército, sobre a reestruturação das Forças Armadas, o ministro da Defesa referiu que não está ainda terminado, acrescentando que se trata de matéria complexa, embora não de resolução impossível. Segundo o «DL» apurou, esse estudo encontra-se já em fase adiantada de elaboração e está para breve a sua apresentação a Fernando Nogueira.

O nosso imigrante Le Pen

continuação da pág.1

um resumo honesto da posição do «inimigo» a conceder-lhe tempo de antena?

Não estão em causa as intenções dos responsáveis pela informação televisiva, mas a questão não é ociosa. A própria RTP terá cobrado consciência disso, na medida em que a autora da reportagem sobre a reunião da extrema-direita *quebrou* - e fez bem, neste caso excepcional - a *neutralidade* a que, por via de regra, está vinculada, para se exprimir, em tom editorializante, acerca da «ideologia Le Pen»...

A lógica dos media é perversa e, por vezes, tem favorecido o líder da extrema-direita, a nível da própria televisão francesa. Por entre o discurso político *consensualista* dominante nas nossas democracias, as frases provocatórias e repulsivas de Le Pen contra os emigrantes ou contra os judeus constituem uma garantia de audiência, numa informação cada vez mais contaminada pelo espectáculo televisivo.

A generosidade com que acolhemos o nosso *imigrante* Jean-Marie Le Pen, nesta «enseada amena» (com perdão de Augusto Abelaira!), contrasta flagrantemente com a receita por ele preconizada para os emigrantes árabes, marroquinos ou portugueses, em França. O contraste só nos honra, porque somos um regime democrático, mas não nos dispensa de reflectirmos acerca dos abusos de tolerância. Mesmo se o passado recente nos imunizou, até à data, contra o surgimento de uma extrema-direita eficaz. Mesmo se sabemos que sempre haverá quem nos responda Ceausescu quando falarmos de Le Pen, como antes havia quem nos falasse de Le Pen quando nos referíamos a Ceausescu.

Mário Mesquita

FORUM

POLÍTICA DE A a Z

A MEMÓRIA ANTIFASCISTA E A CULTURA REPUBLICANA

As «presidências abertas» foram imaginadas pelo Presidente Mário Soares como formas de obviar à centralização do Estado Republicano. Tendo-se desvinculado de laços partidários e assumindo-se como o Presidente de todos os portugueses, Mário Soares não quer isolar-se em Lisboa, confinar à capital o exercício da função presidencial. A «presidência aberta» dá ao chefe do Estado uma oportunidade de se aproximar do «país da realidade» e ao «país da realidade» uma oportunidade de se aproximar do Presidente. O Presidente contacta com as autoridades, convive com os cidadãos. Ouve e fala, a umas e outros, directamente. Fala para todos os portugueses, mas, no seu discurso, evitando polemismos, é natural que privilegie as referências aos valores culturais e à memória política do Estado Republicano.

Em Coimbra, à homenagem solene e pública a D. Afonso Henriques, o reifundador, seguiu-se uma visita privada ao escritor Miguel Torga. Ao primeiro associam-se os valores da independência, ao segundo os valores da liberdade. Não atribuamos, porém, enquadramentos temáticos — primeiro a História, logo a cultura, depois a política — aos actos do Presidente. Em Condeixa, o Fernando Namora, não ficará na casa-museu agora inaugurada, só como o Escritor. O poeta, o romancista, o médico, foi um homem fiel aos ideais de liberdade e do progresso social. Em Alfarelos, o busto de Francisco Ramos da Costa, não evoca apenas o antifascista. Pedagogicamente incute ao povo da sua aldeia e do seu concelho a permanência da lição de um homem que se fez a si próprio para a profissão, para a militância política, para a vida cultural, para a cidadania responsável.

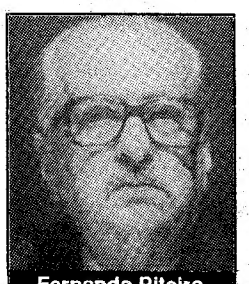
A homenagem a Francisco Ramos da Costa que o Presidente Mário Soares terá feito incluir na sua visita ao concelho de Soure, não foi só um acto de amizade, foi um acto de pedagogia. Não se limitou, na sequência do que tinham dito Manuel Tito de Morais, António Arnaut, Jorge Sampaio, a recordar um companheiro como exemplo de coerência política e de combatividade antifascista. Quis ensinar quem foi Francisco Ramos da Costa, o seu orgulho das origens rurais, o seu apego à terra e à família camponesa.

No Partido Comunista, onde militou intensamente nos anos 30, Francisco Ramos da Costa, na actividade clandestina, adoptou o pseudónimo: «Camponês». O estudante do Instituto Comercial e depois do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, era, na actividade partidária, o «Camponês». Assim, Ramos da Costa marcava uma fidelidade e um orgulho. Era o jovem rural de Alfarelos que viera para Lisboa ganhar a vida e estudar. Trabalhador-estudante concluiria o curso do ISCEF e exerceria a profissão de economista. Mergulhou na actividade política clandestina — o PCP, a Frente Popular —; lançou-se na vida intelectual; o «Liberdade», a «Seara Nova», o antigo (e inconfundível) «O Diabo». No «Grupo Liberdade» faz parte da ala mais jovem e radical: um Mário Dionísio, um Vasco de Magalhães-Vilhena, um Álvaro Cunhal, um Álvaro Salema. Intervém em grandes debates culturais. O seu caderno, editado pela «Seara Nova», que tem o título «O Plano Beveridge Criticado», foi publicado em 1943. Em 1944, e também com a chancela da «Seara Nova», publica o estudo «Inquérito à Habitação Rural». Os censores não consentiram a livre circulação de «O Desamparo do Trabalho e a Democracia Económica», conferência que a «Seara Nova» editou em 1945. Em 1957, a «Lição do Cooperativismo Sueco» de Francisco Ramos da Costa, inicia uma série de cadernos programados pela Unicoope (União Cooperativa Abastecedora) com a finalidade de «elevar o nível cultural dos cooperadores pelo livre acesso ao conhecimento das experiências similares no estrangeiro e aos problemas teóricos que se possam levantar».

A «Lição do Cooperativismo Sueco», no plano original, compunha-se de duas partes: I — «Sector Económico de Consumo», II — «Sector de Produção Agrícola, Habitação e Outras Actividades». Creio que só a primeira parte foi publicada. Nesse mesmo ano de 1957, Ramos da Costa anunciava uma reflexão interrogativa: «Cooperativismo: Solução Universal do Problema Social?». As referências recentes de Mikhail Gorbachev ao artigo de Lenine «Da Cooperação», deram nova relevância à problemática sociopolítico das experiências de cooperativismo. Para Ramos da Costa: «O cooperativismo sueco, pela multiplicidade dos tipos de estrutura orgânica que assume nos diferentes sectores económicos: na agricultura, no comércio de retalho, na habitação, no crédito, etc., e principalmente pela definição de uma política económica com o objectivo marcado de uma eficiência que se não traduza somente pelo índice de progresso em relação à experiência histórica anterior do próprio movimento, mas que atinja a vanguarda da técnica no seu domínio, em desafio permanente às realizações do capitalismo, quer na Suécia, quer noutros países na vanguarda do progresso técnico e económico, representa, para todos os cooperativistas, uma preciosa lição.»

Mas «uma preciosa lição» de eficiência não respondia a todos os problemas. Ramos da Costa reagia à neutralidade em matéria de doutrinação cooperativista. No prefácio de «Lição do Cooperativismo Sueco», interroga: «Em que medida foi aluída a estrutura capitalista por efeito da concorrência cooperativa, e qual o poder desta para condicionar no futuro uma organização social do tipo socialista com recurso exclusivo a este meio de acção económico e social?»

A doutrinação do associativismo cooperativista, de Francisco Maria Sousa Brandão a António Sérgio, faz parte da nossa cultura democrática. A homenagem prestada a Ramos da Costa foi um acto cultural.



Fernando Piteira Santos

As «presidências abertas», pese embora ao sr. Alberto João Jardim, o imprevisível estadista do Funchal, não são acções de propaganda eleitoral. O Presidente não pode ser alheio aos sentimentos das populações, nem recusar-se a ouvir as queixas dos autarcas. E muitos dos queixosos são filiados no PSD. Escrupulizando em ser o Presidente de todos os portugueses, não deve, também, decepcionar aqueles que o elegeram. A solidariedade institucional tem limites políticos e éticos. Não pode «banalizar-se», é certo. Não pode «deixar de ser a válvula de segurança do sistema», é certo. Mas não pode deixar de se apresentar com uma referência dos ideais democráticos e socialistas. A este jornal, no mês de Abril, Mário Soares declarou: «Nada do que é tipicamente reaccionário tem a ver com os estratos mais criativos da sociedade portuguesa, porque esses são gente com uma visão moderna e generosa da sociedade. Ora a generosidade é própria da esquerda. A direita, por essência — e é isso que divide a esquerda da direita — é con-servadora, no sentido em que acha que se devem manter certos privilegia-dos, considerando as desigualdades sociais como inevitáveis e não pondo o acento tónico na solidariedade e na justiça, como é apanágio da esquerda. Acrescentaria ainda que a crise hoje vivida pelo movimento comunista não significa o desaparecimento da necessidade de utopia em política.»

Nas suas jornadas em terras de Portugal, e particularmente nas «presidências abertas», Mário Soares que se considera «uma referência democrática não polémica» e que valoriza, a um mesmo nível de significação histórica, o «5 de Outubro» e o «25 de Abril», não abdica de homenagear os que se ficaram pelo caminho nos anos de resistência e de combate. Espera-se dele — bem o sabemos — na perspectiva da recandidatura e da reeleição um maior protagonismo político. E pretende-se, com alguma frequência, que seja ele a resolver situações que nascem das carências dos partidos e dos equilíbrios (ou desequilíbrios parlamentares.

Não é caso de aplaudir incondicionalmente o Presidente. Mas é justo apreciar concretos esforços de defesa da tradição democrática e antifascista. É justo ter em conta, sem abater bandeiras e calar críticas, que a recandidatura de Mário Soares pede um voto útil. Compreende-se a vontade de *utilizar* uma campanha eleitoral. Mas a *direita*, em 1991, prepara 1996. E pretende diminuir — pelo desvio de votos, pela abstenção — a autoridade política e moral de um Presidente eleito com o apoio, os votos, o impulso da *esquerda*.

Estas frases excedem o propósito das breves notas que pretendiam só, e singelamente, reconhecer o mérito da pedagogia cívica em que Mário Soares se tem empenhado. A República — como escreveu Régis Debray — «é um ideal e um combate». Assim a entende Mário Soares. As suas intervenções políticas são actos de cultura republicana.

CARTAS NA MESA

As sementes do mal

A escolha de Portugal para a reunião dos dirigentes da extrema-direita europeia não terá sido feita ao acaso. Somos um dos países onde o neonazismo não ultrapassou ainda as fronteiras dos jogos perigosos de grupos de meninos (mal)criados e politraumatizados psicológicamente no ambiente desumanizado dos bairros periféricos das grandes cidades.

O nazismo adulto sobrevive apenas enquistado na sua tradicional cobardia e em pesadas doses de artritismo. E é este ambiente pouco favorável ao crescimento de tumores político-sociais como o que fez eleger Le Pen para o Parlamento Europeu que o líder francês da extrema-direita pretende certamente agitar, dando alento aos gerontes salazaristas que ainda não se mudaram para um mundo que, no caso deles, não será certamente melhor e apoio aos bandos racistas que eram, até há pouco, uma ameaça à tranquilidade das noites de Lisboa e Porto.

A reunião deverá, apesar disso, relizar-se sem impedimentos, porque a Democracia mais uma vez irá certamente procurar, sem os encontrar, os legítimos limites da liberdade democrática, deixando vivas as sementes de todos os males que lhe podem ser fatais.

Alfredo Roseira
Leitor de Santarém

EDP
Direcção Operacional de Distribuição Tejo

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo domingo será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de ampliação e conservação das nossas redes.

Para todos os efeitos, as instalações devem ser consideradas em carga.

CENTRO DISTRIBUIÇÃO LISBOA

Concelho de Lisboa
Sector 3 — Bairro Alto Serafina, Bairro da Serafina, Bairro da Liberdade, Rua Arco das Águas Livres e imediações.
Sector 6 — Rua das Portas de St. Antão, Rua Jardim do Regedor, Rua Actor Vale, Trav. de St. Antão, Rua S. Luís da Pena, Trav. Sargento Abílio, Escadas da Barroca, Calçada Garcia, Rua da Palma, Rua do Socorro, Rua de S. Lázaro, Trav. do Colégio, Calçada Nova do Colégio, Calçada Jogo da Pela, Calçada de Santana, Trav. de Santa Ana, Rua Convento da Encarnação, Largo do Tabelião e imediações.
Sector 8 — Rua Pascoal de Melo — (desde o N.º 33 ao N.º 113), Rua José Estêvão — (entre a Rua Pascoal de Melo e a Rua Alexandre Braga) — imediações (das 8 às 12 horas).

CENTRO DISTRIBUIÇÃO OESTE
Concelho de Cascais
Zona 1 — Bicesse — Rua da Escola: Largo do Chafariz: Estrada para Manqique de Baixo; Estrada para Alcoitão; Zona junto à Sociedade e imediações.
Estoril — Av. de Nice; Av. Portugal (parte); Rua das Palmeiras; Rua São Remo; Av. dos Bombeiros Voluntários (parte); Av. Biarritz; Rua do Porto (parte); Estrada Marginal (parte); Av. Clotilde e imediações. (Das 8 às 14 horas).

Concelho de Oeiras
Zona 2 — Barcarena — E.N. 250: Zona junto à Fábria da Pólvora e imediações. Carnaxide — Alto dos Barronhos e imediações. Outorela — Trav. do Farelo, Bairro 10 de Maio. Estrada da Outorela e imediações. Paço de Arcos — Largo 5 de Outubro; Trav. do Forte; Rua Cândido dos Reis; Rua das Forças Armadas e imediações; Tercena (das 8 às 14 horas).

Concelho de Sintra
Zona 3 — Lourel — Estrada de Mafra; Estrada de São Romão; Rua D. Afonso Henriques; Largo dos Astronautas e imediações. (Das 8 às 14 horas).

CENTRO DISTRIBUIÇÃO VALE TEJO
Concelho de Loures
Zona 4 — Camarate, Fetais, Bairro S. Francisco, Bairro S. José do Gradil e Bairro Angola. Zambujal e Bairro Car. Estrada da Paiã. S. Roque, A-das-Lebres, Manjoeira, Bairro da Lorena, Zambujeiro, e St. Antão do Tojal. (Das 7 às 14 horas).

CENTRO DISTRIBUIÇÃO TORRES VEDRAS
Concelho de Torres Vedras
Zona 5 — Azenha Velha, Casal Cochim, Barrocas, Bececarias, Amoeiras, Praia Azul e Silveira (parte norte). (Das 7 às 12 horas).

FORUM

EM DEFESA DO ENSINO À DISTÂNCIA

Por Carlos Castilho Pais

É talvez porque a Universidade é elitista, inacessível à grande maioria da população que manifesta desejos de promoção social e de cultura, que as questões universitárias têm sido, entre nós, tão pouco discutidas. Também neste sentido a Universidade contrasta com os outros graus de ensino, onde, felizmente, alguma discussão tem havido e, sem sermos demasiado optimistas, tem levado a que as questões da Educação comecem a não estar apenas confinadas aos técnicos e especialistas do ramo e desçam à praça pública dos temas que a todos dizem respeito.

Uma instituição universitária tem, no entanto, ultimamente, ocupado páginas e páginas de jornais. Fala-se da Universidade Aberta. Assunto com foros de celeuma, a que vieram juntar-se algumas vozes da Assembleia da República, podendo hoje pensar-se que o assunto se tornou celeuma nacional.

Não se trata, nestas linhas, de analisar o percurso de um projecto, a sua concretização e as suas realizações. Interessa-nos apenas chamar a atenção para um tipo de ensino cuja defesa se reveste, a nosso ver, de alguma componente ética, dadas as características do País que temos.

É certo que o lugar do protagonista do ensino à distância está actualmente ocupado pela Universidade Aberta, mas é nosso entender que as luzes da ribalta não deveriam ofuscar a questão do ensino à distância em Portugal, sobre o qual urge reflectir. Esta reflexão interessa, também, à própria Universidade Aberta, mas, como é bom de ver, um problema tão vasto comporta opiniões e mundividências que uma instituição não pode, de todo, abarcar. Porque as opiniões e as mundividências são características das pessoas e uma instituição está limitada por opções, por objectivos a prazo, por orçamentos, é útil que esta colha naquela a força da renovação constante.

A celeuma em torno da Universidade Aberta, quanto a nós, não é útil nem para a questão do ensino à distância nem para a Universidade Aberta. Os mimos com que esta instituição tem sido tratada («polémica Universidade Aberta», «criada à pressa»), assim como as posições extremas das propostas de que tem sido alvo - fecho e/ou reformulação - deixam no silêncio questões que, essas sim, seria urgente tratar: o que é a Universidade Aberta, o que é o ensino à distância, a adequação de um projecto a uma realidade portuguesa.

Restringimo-nos, aqui, a algumas questões que justifiquem o título que escolhemos para estas linhas.

Qualquer projecto deve harmonizar os seus objectivos nacionais com os objectivos individuais dos cidadãos. O ensino à distância universitário, respondendo a um objectivo democrático (escola para o maior número), está particularmente vocacionado para a satisfação de desejos individuais, profissionais ou culturais de populações afastadas dos grandes centros urbanos ou sem disponibilidade de meios que lhes permitam o acesso ao ensino de tipo presencial. Não alimentaremos o mito deste objectivo democrático. Mas defenderemos um meio de abertura do ensino superior a populações que, por um motivo ou outro, se encontrariam dele irremediavelmente arredadas.

Porém, objectivos nacionais e objectivos individuais não são estanques. A isto o ensino à distância deve estar atento. Como a outras coordenadas. Tratando-se de ensino universitário, os meios tecnológicos de que o ensino à distância tradicionalmente dispõe não podem esquecer o espírito crítico e inventivo, exigíveis sobretudo neste grau de ensino. A mobilidade de objectivos, a força que possam adquirir num dado momento, não devem, no entanto, promover o sucesso fácil. Nem a satisfação a todo o custo de objectivos individuais da profissionalização pode ser umanorma. O ensino à distância universitário, para além do mais, correria o risco de tornar-se em parente pobre do ensino universitário presencial ou, o que seria pior, correria o risco de fazer apenas o que o ensino universitário de tipo presencial não quer fazer.

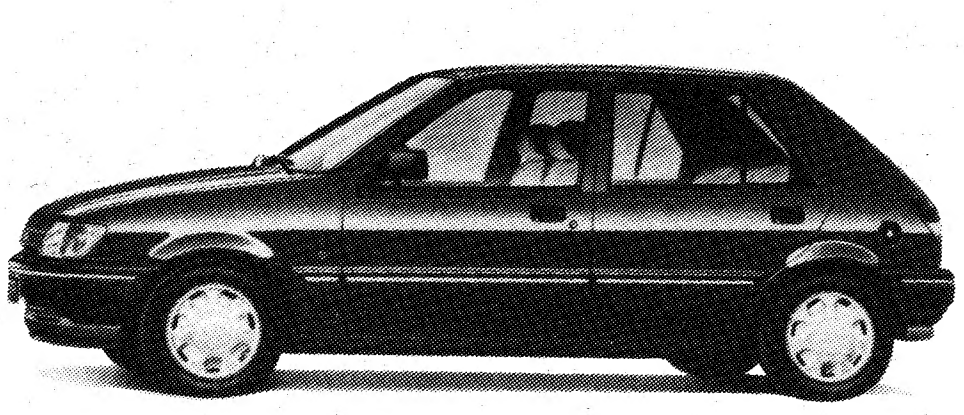
O ensino à distância possui ainda um mecanismo que, de todo, não deve ser minimizado. Referimo-nos à criação dos centros de apoio de que este tipo de ensino tradicionalmente é acompanhado. Aqui, o perigo é o purismo. O ensino à distância é à distância e acabou. Purismo que tolhe a imaginação e a colaboração com forças vivas das regiões de acolhimento dos centros de apoio. Mas o que se perde, lamentavelmente, é a ocasião da criação de espaços culturais e educativos em que os centros de apoio podiam tornar-se.

Por aqui deveria o ensino à distância universitário caminhar, caso contrário, arrisca-se a perder o trajecto da escola do futuro.

Assistente da Universidade Aberta

Ogilvy&Mather

Fiesta de Jazz



O Sol nasce

na madrugada. O meu FIESTA entra na estrada da praia, com segurança.
O calor lembra os sons de New Orleans.
Páro. Abro as portas do FIESTA.
Deixo sair o som, o som quente do jazz que vem do meu CD da Philips.
Lentamente, deixo aquecer o ritmo que a FORD deu ao outro amor da minha vida.

A partir de 2 de Julho, na compra de um FORD FIESTA CLX, a FORD oferece-lhe um leitor Compact Disc da PHILIPS.

Este leitor CD é portátil! Aproveite este som.

Visite o seu Concessionário FORD.

Fiesta CLX

Ford
QUALIDADE E INOVAÇÃO

Oferta limitada. Válida de 2/7/90 até 2/8/90, sujeita a disponibilidade de stocks. Consulte as normas específicas desta oferta, no seu Concessionário FORD.
Encargos Anuais: Combustível: 107 250$00; Seguro Obrigatório: 21 983$00; Impostos: 2 840$00. (Base 15 000 Km / Julho de 90)

INTERNACIONAL

Gorbachev convidado a discursar em Bruxelas

NATO mais política quer futuro não agressivo

Os líderes da NATO concluem hoje, em Londres, uma cimeira histórica da organização com a divulgação de um comunicado final que constitui uma declaração de intenções não agressivas e o lançamento de uma revisão da estratégica militar da aliança.

Sublinhando o carácter, agora marcadamente político da NATO, os líderes reunidos na capital britânica irão dirigir um convite do Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, para que se dirija a uma reunião do Conselho do Atlântico Norte, convite extensivo a outros dirigentes do Centro e Leste da Europa.

Esta manhã, uma fonte diplomática em Londres revelou que o secretário-geral da NATO, Manfred Woerner, irá a Moscovo no próximo dia 14, para apresentar ao Presidente Mikhail Gorbachev os resultados desta cimeira.

Woerner explicará aos dirigentes soviéticos o alcance exacto da declaração final da cimeira da NATO sobre a nova Europa.

Reunidos desde ontem em Londres, os chefes de Estado e de Governo da NATO, entre os quais o primeiro-ministro português, Aníbal Cavaco Silva, irão preconizar a redução das forças nucleares da aliança e defender a sua utilização apenas como «último recurso», o que representa uma alteração uma doutrina militar da organização atlântica.

O comunicado final, que será aprovado na derradeira sessão plenária da reunião, exigiu um prolongado trabalho de negociação entre os ministros dos Negócios Estrangeiros, que estiveram reunidos até às primeiras horas de hoje.

Fontes que acompanham a cimeira disseram que ele constitui uma declaração de intenções não agressivas e contém o reconhecimento pelos aliados de que o mundo, e a Europa em particular, vivem uma época que exige grandes e importantes transformações, nele se manifestando ainda a disponibilidade dos Estados membros da organização para cooperarem estreitamente com a União Soviética e os países do Pacto do Centro e Leste europeus.

Foto-família dos líderes da NATO, que hoje vão anunciar mudanças históricas na organização

Conceitos tornados obsoletos

Os aliados chegaram a acordo quanto ao abandono dos conceitos de «defesa avançada» e de «resposta flexível», que são substituídos pelo do nuclear de «último recurso», mas enfrentam dificuldades quanto ao modo como transpor para documentos uma tal ideia, assim como a noção proposta acerca da criação de forças multinacionais no quadro da aliança, por forma a mantê-la coesa, mas que poderá implicar um papel menos influente para as tropas norte-americanas.

No entanto, a proposta de texto final da cimeira contém o sublinhado da vontade dos aliados em reforçarem a ligação transatlântica no âmbito da NATO, ainda que sem uma referência explícita à presença das forças dos EUA na Europa.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Segundo Cavaco Silva

Mudanças requerem abertura de espírito

O primeiro ministro português, Aníbal Cavaco Silva, manifestou o apoio de Portugal às propostas do Presidente norte-americano George Bush relativamente à estratégia futura da Aliança Atlântica, tendo no entanto sublinhado que os aliados não devem ter ideias preconcebidas quanto às soluções a adoptar.

O chefe do Governo português falava em Londres, no início da cimeira dos líderes da NATO, onde estiveram em foco as propostas contidas numa carta de Bush, enviada na semana passada aos homólogos dos restantes 15 Estados membros da aliança. O Presidente norte-americano defendia nessa carta a revisão da estratégia de defesa da organização para um conceito de utilização do nuclear como «último recurso» e a retirada de mais armas nucleares da Europa.

Cavaco Silva sublinhou a importância da revisão da estratégia militar aliada. «É uma tarefa urgente e substancial. Implicará profundas mudanças em questões mudanças em questões que têm sido a espinha dorsal desta aliança».

A propósito, considerou que os aliados ocidentais e os países do Centro e Leste europeu devem pugnar para que, até ao próximo Outono, seja obtida a assinatura de um acordo satisfatório nas conversações de Viena sobre forças convencionais da Europa, ao mesmo tempo que classificou o processo da Conferência de Segurança na Europa (CSCE) como «um dos mais importantes fóruns para debater e edificar novas relações no continente».

Redacção «DL»/Lusa

Albânia: já se fala em 50 mortos

Novos distúrbios e mais refugiados

A embaixada da RFA em Tirana voltou esta manhã a acolher um fluxo de refugiados albaneses. Segundo a agência France-Press, que cita um diplomata europeu em Tirana, o número de refugiados só na embaixada alemã federal será agora de cerca de 1400. «Há constantemente pessoas a subir os muros da embaixada que já se assemelha a uma estação», disse o diplomata que pediu o anonimato.

Em Bona, o Governo alemão federal, ao dar conta do novo fluxo, escusou-se a fazer qualquer comentário às informações, declarando somente que « a situação tinha efectivamente mudado». Os números oficiais em Bona referiam apenas 91 refugiados albaneses que tinham forçado a entrada da embaixada alemã quando fugiam, debaixo de fogo, da polícia albanesa. Ainda segundo a agência France Press, o dia de ontem terá sido assinalado com novos confrontos nas ruas de Tirana. A contestação ao regime albanês iniciada na passada segunda feira levou o Governo a uma vaga de repressão que já terá causado, ainda segundo as mesmas fontes, entre 20 a 50 mortos.

Na noite de ontem, os diplomatas ocidentais em Tirana calcularam haver pelo menos 1300 refugiados em 18 embaixadas, mas os distúrbios ocorridos na noite de ontem terão alterado significativamente este número.

A evolução da situação está a criar graves problemas aos responsáveis diplomáticos que terão mantido negociações com as autoridades albanesas durante todo o dia de ontem. No entanto, a mesma fonte comunicou à AFP que o governo albanês ainda não tinha notificado as embaixadas em questão sobre a possibilidade da livre saída do país destes refugiados.

Num comunicado ontem divulgado pelo porta-voz do ministerio albanês dos Negócios Estrangeiros, as autoridades de Tirana diziam-se «dispostas» a emitir passaportes «mesmo aos cidadãos que ainda se encontram nas embaixadas». Esta comunicado veio assim desmentir notícias divulgadas em todo o mundo de que o Governo não estaria a dar autorizações de saída do país. Para já a situação continua a agravar-se.

Redacção «DL»/AFP

Os delegados nas secções

Uma novidade nos Congressos do PCUS

De Moscovo, especial para o «DL»

No seu quarto dia de trabalho, o 2.º Congresso do PCUS quebrou a velha tradição de, nestas reuniões magnas, todos os debates serem feitos em plenário.

Pela primeira vez, os delegados estiveram divididos, por temas — precise-se, trocando a sala de congressos do Kremlin por qualquer de outras sete onde funcionavam as secções para debater a renovação organizativo-política do partido, os problemas do trabalho ideológico, a cooperação do partido com os sovietes dos deputados do povo e organizações e movimentos sociopolíticos, a política sócio-económica, a política nacional, a política agrária e, finalmente, a actividade internacional do PCUS.

Dizem os congressistas que estes debates por grupos permitem que um muito maior número de delegados participe activamente no processo de elaboração de decisões e, simultaneamente, ter em conta o pensamento e propostas aprovadas nestas secções sobem, depois, ao plenário, para ali serem discutidas.

Se os resultados da inovação vão ser os que se esperam e o trabalho enriquecido, só o congresso, nos próximos dias, o poderá dizer. Mas, para já, verificou-se desde os primeiros minutos de funcionamento das secções que ali se vencem mais facilmente as barreiras que dificultam a expressão de pontos de vista, sobretudo para os secretários das organizações partidárias de base.

A secção de «renovação do partido» foi a escolhida pelo maior número de delegados, de tal forma que para ela foi preciso reservar a própria sala dos congressos. E é compreensível.

A renovação do PCUS é, afinal, o epicentro desta reunião magna dos comunistas soviéticos. Muitas são as perguntas formuladas e não menos as ambiguidades das respostas, sobretudo por parte dos conservadores, que, numericamente, dominam este congresso.

O certo é que, da resposta, sem ambiguidades, a todas estas questões, está dependente o futuro do PCUS, a sua autoridade, o seu posicionamento no centro da vida política, ou se o seu afastamento para as bermas da História.

Contudo, outro factor houve que incentivou o interesse de muitos delegados poe esta secção. É que, nela, vieram «prestar contas» dois membros da direcção soviética que o não conseguiram fazer nas sessões plenárias do congresso.

Um deles, o candidato a membro do bureau político e presidente do Comité de Controlo Partidário, Boris Pugo, fez, segundo os delegados, uma apreciação autocrítica e franca da actividade desse órgão, propondo criar, em sua substituição, uma Comissão Central de Controlo do PCUS destinada a ser, como declarou, um «comité de verificação constitucional no partido».

O secretário do CC, Iuri Manaenkov, disse que uma das principais conclusões a que chegou, no seu trabalho, foi a de que é necessário conservar a unidade do partido. «Eu não acredito — afirmou — que as partes divididas de um organismo tenham mais vitalidade do que o organismo no todo.»

Foi uma afirmação muito pouco polémica, e todos os intervenientes concordaram com o orador. Mas quando, avançando um pouco, se pôs a questão de como dar vitalidade ao organismo, então começaram as divergências, até quanto ao nome do partido.

Dmitri Volkogonov um historiador militar conhecido pela sua biografia política se Estaline, um livro que se tornou «best seller», considera o comunismo um «objectivo efémero» e propõe uma revisão radical do programa do partido que passaria a chamar-se «Partido do Socialismo Democrático». Mas Vladimir Levtchenko, secretário do comité do partido de um dos institutos da capital, logo objecta que «um partido capaz de mudar o nome e o programa, de um momento para o outro, não merece a confiança do povo».

Guennadi Petrov

INTERNACIONAL

Foram países europeus que criaram o fundamentalismo islâmico moderno - a acusação é do representante da Organização de Libertação da Palestina em Lisboa, Issam Biseisso. As principais acusadas são a França e a Inglaterra, potências coloniais no Médio Oriente entre as duas grandes guerras mundiais deste século

«Fundamentalismo islâmico não tem futuro»

O alastramento do moderno fundamentalismo islâmico a outros países para além do Irão proporcionou uma entrevista com o representante da Organização de Libertação da Palestina em Lisboa, Issam Biseisso, não propriamente na sua qualidade de político (embora isso não pudesse ser ignorado), mas sobretudo pela sua condição de muçulmano. Excerptos dessa entrevista.

DL: Quando se fala de fundamentalismo islâmico pensa-se sobretudo em fundamentalismo iraniano e quase se espalhou a ideia de que a doutrina de Khomeiny representa o Islão no seu todo. Ideia certa?

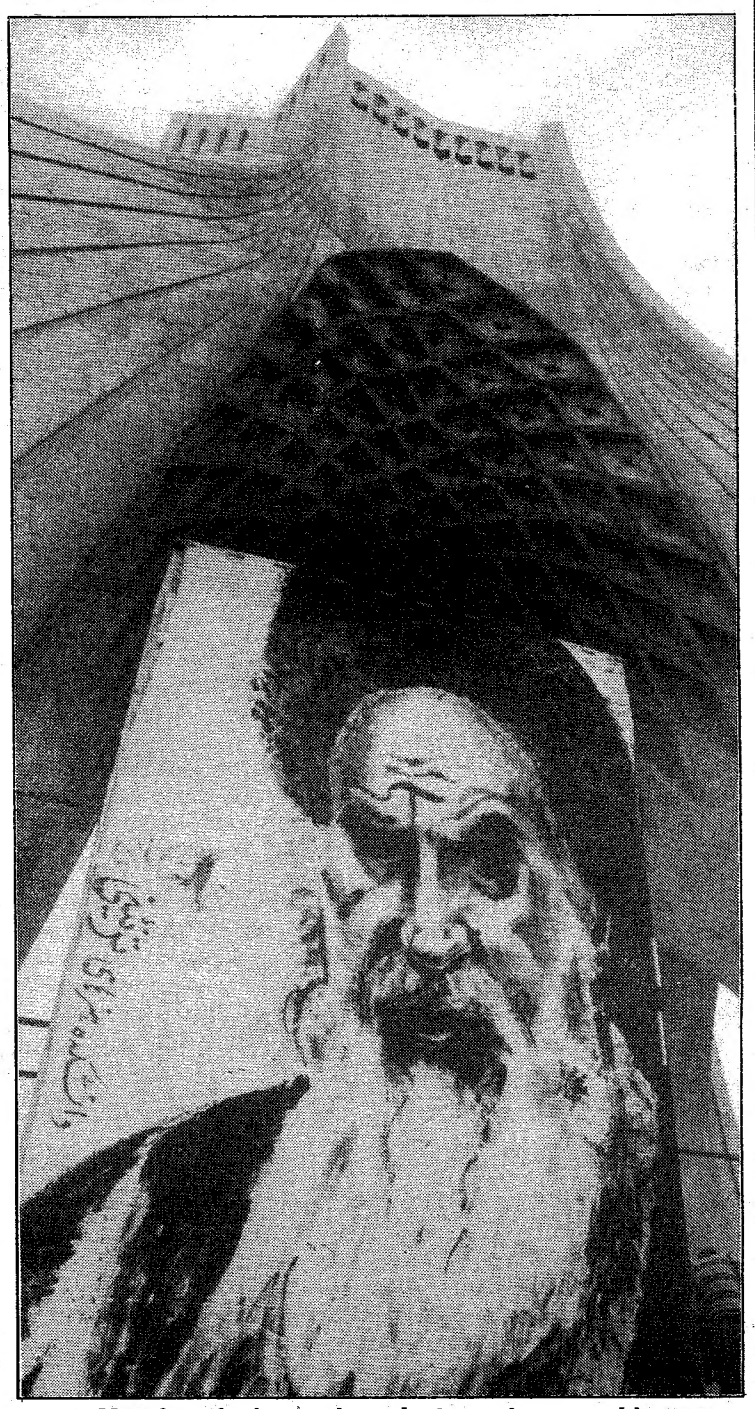
Issam Biseisso: Errada. Quando falamos de fundamentalismo não devemos reduzir-nos ao caso do Irão. Ele é uma tendência que antecede de muito a vitória da revolução iraniana. Se quisermos ir às origens teremos de recuar nos séculos e nem podemo sequer limitar-mo-nos aos árabes. Há uma velha questão teológica muçulmana de que a vitória da Revolução Iraniana e a tentativa de a exportar para outros países é apenas um episódio. Mas se pretendermos encontrar uma origem mais próxima, então teremos de ir à criação, nos anos 40, durante a Segunda Guerra Mundial, dos Irmãos Muçulmanos ou da Fundação dos Irmãos Muçulmanos ou dos Partidos dos Irmãos Muçulmanos, todos de tendência fundamentalista.

O movimento esboça-se nos finais dos anos 30 e afirma-se nos anos 40. E porquê? Porque desde o princípio do século que a França e a Inglaterra estendiam a sua influência ou o seu domínio aos países árabes; porque já fora feita a Declaração Balfour que prometia a Palestina aos judeus; porque após o colapso do Império Turco, no seguimento da Primeira Guerra Mundial, a França e a Inglaterra dividiram entre si o mundo árabe; porque os árabes tiveram de suportar, a miséria e a humilhação resultantes da colonização, enquanto, simultaneamente, perdiam a identidade cultural, naturalmente ligada ao islamismo. Chegou-se a um ponto em que se pode dizer que os árabes não tinham nada: nem independência, nem prosperidade, nem identidade cultural. O movimento dos Irmãos Muçulmanos surge para tentar preencher este vazio.

O velho «dividir para reinar»

DL: Poderão identificar-se, em termos políticos, os fundamentalismos como movimentos de direita?

IB: É muito difícil responder. Por exemplo, aqueles que lutam para libertar a Palestina são considerados radicais. Ora os Irmãos Muçulmanos lutaram ao lado de nós, palestinianos, e continuam a lutar. No caso do fundamentalismo islâmico não podemos ver apenas o aspecto político nem só a parte religiosa. Há uma mistura. O problema essencial é a sociedade. Como enfrentam eles a condição feminina? Como enfrentam a tecnologia moderna? Como enfrentam o futuro do Islão? É perante estas e outras questões de base que podem ser estabelecidas as diferenças. E há mais. Em certos pa-íses, por exemplo, os movimentos fundamentalistas foram criados por governos ocidentais: a Inglaterra, a França, os Estados Unidos. É pouco sabido mas o chefe principal do fundamentalismo islâmico vive na Alemanha Federal. Acrescem as organizações religiosas criadas na Palestina pelos israelitas e armadas por eles, para fomentar as lutas internas entre os árabes, entre os palestinianos, entre os muçulmanos.



Mencionado, ignorado ou lentamente esquecido, o «ayatollah» Khomeiny está na História como a figura tutelar do tipo de fundamentalismo islâmico que mais conhecido se tornou no nosso século

Carência educacional

DL: Diria que a França, onde Khomeiniy esteve exilado e protegido, ajudou a criar o fundamentalismo iraniano?

IB: Não, eu não digo que a França o fez. Estou só a falar em termos gerais. Não quero falar de Khomeiny, do Irão, de certos países, de certos grupos, de certas pessoas porque todo este assunto é muito delicado. De qualquer modo, a verdade é que quando o nacionalismo árabe começou a mostrar a sua força, países ocidentais interrogaram-se sobre os modos de o combater. Um dos modos achado foi o religioso, dada a grande religiosidade das populações árabes.

DL: E os muçulmanos não perceberam que era esse o jogo?

IB: Não havia que perceber. A manobra foi-nos imposta. No islamismo, tal como no cristianismo, os teólogos não estão todos de acordo e os muçulmanos têm as suas divisões religiosas tal como os cristãos. Mas essas divisões estavam calmas, havia entendimento, havia uma coexistência. As populações árabes tinham, porém, e têm, até talvez pela enorme carência educacional, uma nem sempre esclarecida adesão profunda à sua religião. Eram vulneráveis.

Antes e depois da Declaração Balfour

DL: Qual o papel que a religião desempenha na luta dos palestinianos?

IB: Não podemos ignorar a questão nacionalista versus questão religiosa, o conflito entre a secularização do Estado e o fundamentalismo que se opõe a essa secularização. Estes aspectos têm de ser constantemente tomados em consideração. Nós, na OLP, defendemos o Estado palestiniano secular e não sectário.

Não esquecer que no mundo árabe há fiéis das três grandes religiões mundiais. Antes da Declaração Balfour, as três religiões coexistiam em paz na Palestina. Só depois do anúncio da projectada criação do Estado judaico de Israel essa paz foi perturbada. É grande o espírito de tolerância que o Corão ensina. Existe uma grande diferença entre o islamismo, em geral, e o fanatismo.

DL: Terá algum futuro o fundamentalismo islâmico que hoje vemos em acção?

IB: Nenhum.

Paulo David

Informação

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES — EP

DIRECÇÃO DE TRANSPORTES
GABINETE DE ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO

ANÚNCIO

CONCURSO PARA PRÉ-QUALIFICAÇÃO DE EMPRESAS OU GRUPOS DE EMPRESAS CANDIDATAS À ELABORAÇÃO DE ESTUDOS E PROJECTOS DE EXECUÇÃO DE INSTALAÇÕES FERROVIÁRIAS NA REDE DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

1 — Os Caminhos de Ferro Portugueses, EP, propõem-se modernizar a sua rede dotando-a de novas instalações de estações e troços de plena via através da realização de estudos e projectos de execução de instalações ferroviárias.
Para os referidos projectos serão convidadas as empresas ou grupos de empresas que forem selccionadas no concurso de pré-qualificação.

2 — As condições para pré-qualificação podem ser consultadas pelos candidatos, às horas normais de serviço, a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio, podendo ser fornecidas cópias das mesmas contra o pagamento de 5000$00, a pagar em dinheiro, na seguinte morada:
CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
DIRECÇÃO DE TRANSPORTES
ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA, 1.º ANDAR, PORTA 175-F
LARGO DOS CAMINHOS DE FERRO

1196 LISBOA CODEX

3 — A recepção dos pedidos de candidatura terá lugar até às 17 horas do dia 03 de Agosto de 1990, na morada indicada.
Os pedidos de candidatura, apresentados em triplicado, deverão ser dactilografados ou impressos e em língua portuguesa.

Caminhos de Ferro Portugueses

Comemorações do 15º aniversário da independência de Cabo Verde

Aristides Pereira apresenta-se como o homem dos consensos

Do nosso enviado especial a Cabo Verde

Arestides Pereira ganhou o Mindelo

Durante o discurso de ontem do 15 aniverário da independência de Cabo Verde o presidente Aristides Pereira assumiu o papel do homem capaz de apaziguar o aparente clima de tensão existente na população do Mindelo, em São Vicente.

Embora sendo considerada uma das ilhas que mais contesta o actual Governo, o PAICV parece ter conseguido sair incólume no fim das comemorações não se tendo registado qualquer movimentação da oposição, contrariamente ao que chegou a ser admitido por alguns líderes em contactos efectuados pelo «DL».

Nos últimos dias a cidade do Mindelo encheu-se de um novo fulgor, com a recepção pelas comemorações do aniversário da independência. As pessoas com quem falámos pareciam acreditar em algo nunca antes visto ou tão simpelsmente num «regresso aos bons velhos tempos». Com efeito, esta é a primeira vez que uma delegação governamental desta importância, que incluia ainda representantes do corpo diplomático e de sectores empresariais estrangeiros, aqui se desloca.

Mas ainda a festa não tinha terminado e já se começavam a tirar ilações, a fazer os primeiros balanços, sobretudo quanto às contrapartidas políticas que o PAICV terá eventualmente retirado destas comemorações.

É incontornável. Os comentários surgem à mais pequena interrogação, seguindo a par e passo os movimentos susceptíveis de serem conotados politicamente. A exemplo disso, o PAICV foi imediatamente criticado de aproveitamento político devido às inscrições que surgiam nu mcartaz durante as celebrações. «Democracia Sim, Demagogia Não». Precisamente uma das principais acusações feitas pelo Governo à oposição.

Cidade rebelde

As comemorações do Dia da Independência no Mindelo representam também a deslocação a uma das regiões mais difíceis para o Governo e para o PAICV, alvos de um claro descontentamento por parte da população local. Faz agora um mês que o primeiro-ministro cabo-verdiano, Pedro Pires, se deslocou a São Vicente para diversos encontros com vários sectores dos habitantes da ilha. Mas as coisas parecem ter corrido «francamente mal», segundo vários observadores estrangeiros em Cabo Verde, ou, pelo menos, «não tão bem como se esperava», na versão dos meios mais chegados ao Governo.

São Vicente, assim como Santo Antão- a cerca de uma hora de barco da cidade do Mindelo - são consideradas duas regiões onde existem maiores perigos de derrapagem do actual processo de abertura do regime, liderado pelo PAICV.

Sintomaticamente, no discurso de ontem, Aristides Pereira dirigiu-se directamente aos mindelenses, manifestando a sua confiança de que a população da ilha «vai ter de mostrar a sua maturidade política e cívica», durante «este importante virar de página na história do país».

O Mindelo é hoje uma cidade frustada por um passado que fez dela o principal pólo de desenvolvimento do país, assente essencialmente na actividade portuária. Mas nos últimos anos, este lugar tem vindo a ser ocupado pela capital, a Cidade da Praia, acentuando a rivalidades regionais. Calcula-se que o desemprego atinge aqui cerca de 30, 40 por cento da população, afectando sobretudo a juventude, um dos sectores que se tem mostrado mais insatisfeito com o Governo. Ainda no passado sábado, o cinema, no centro da cidade, voltou a encher-se durante um comício promovido pela UCID - União Cabo- Verdiana para a Independência e Democracia - à semelhança do que aconteceu no mês passado com o Movimento Para a Democracia (MPD).

Aristides ganha no Mindelo

Neste momento o Governo está empenhado na concretização do projecto de criação de um entreposto comercial no Mindelo, através do alargamento do cais do «Porto Grande», o qual se enquadra na nova política de desenvolvimento do país e que irá privilegiar os sectores do turismo e dos serviços. Desta forma, daqui a três ou quatro anos, o Mindelo poderá reencontrar o espaço perdido a nível nacional. Mas até lá, com as reformas em curso, o PAICV continuará a ter de enfrentar a animosidade da população num período considerado já de pré-eleitoral.

Para já, Artistides Pereira deu um importante passo no reforço do seu papel de «homem de consenso», no actual período de transição politica, reconhecendo no discurso de ontem as dificuldades da população mindelense, ao mesmo tempo que anunciava futuros mais promissores. E de, ainda na quarta-feira, alguns sectores da oposição terem admitido ao «DL» como provável da sua parte uma «iniciativa ordeira», Aristides Pereira é considerado, mesmo em alguns sectores mais críticos ao PAICV, como a pessoa que conseguiu encher o Campo da Fontinha, o estádio da cidade onde decorreram as celebrações do Dia da Independência.

Carlos Camponez, no Mindelo

B R E V E S

Oposição búlgara exige demissão do Presidente

Numa declaração lida na rádio, o presidente do principal partido de oposição da Bulgaria, a União das Forças Democraticas (UDF), Jelio Jelev, pediu a demissão do Presidente da República, Petar Mladenov. Na quarta-feira, também o Partido Agrário Búlgaro (PAB) tinha apoiado a demissão inicialmente pedida pelos estudantes, há mais de três semanas em greve de protesto contra declarações do Presidente, que ameaçou com o envio de tanques para reprimir uma manifestação da oposição a 14 de Dezembro passado. Mladenov desmentiu a acusação.

Vaclav Havel reeleito Presidente da Checoslováquia

O antigo dramaturgo dissidente, Vaclav Havel, foi ontem reeleito Presidente da Checoslováquia, completando assim a transição do país do regime comunista para um regime democrático e pluripartidário. O novo Parlamento, de 300 lugares, aprovou por 234 votos a favor e 50 contra, a eleição de Havel para o mais alto cargo do Estado, com um mandato de dois anos. Havel, dramaturago e antigo dissidente, foi o motivo principal da grande festa da Democracia, que ontem animou o Castelo de Praga com música, teatro e cerveja gratuitas.

Bomba explode no centro de Londres

Uma bomba de fraca potência explodiu esta manhã na Strand Avenue, em Londres, uma das grandes avenidas do centro da cidade onde apesar de não se terem registado vítimas foram evacuados os numerosos escritórios e lojas que se concentram nessa artéria. A avenida, conpreendida na zona submetida a rigorosas medidas de segurança, reforçados por ocasião do vertice da NATO, não se encontra muito longe da Lancaster House, onde decorre a reunião de chefes de Estado. Contudo a autoria do atentado não foi reivindicada.

Cinco ministros demitem-se na Polónia

Cinco dos 23 ministros que formam o Governo polaco de Mazowiecki apresentaram ontem a suas demissões O anúncio foi feito hoje, em Varsóvia, pelo próprio chefe de Governo Tadeusz Mazowiecki, no decorrer da sessão do Parlamento. Os ministros dimissionários são os responsáveis pelas pastas da Defesa, Agricultura, Comunicação, Transportes e dos assuntos internos.

Desviado mais um avião soviético

Um avião soviético da Aeroflot, com 171 pessoas a bordo foi desviado ontem para o aeroporto de Estocolmo, onde, segundo uma agência noticiosa sueca, um dos «piratas do ar» se rendeu após negociações com a polícia. Inicialmente pensava-se fossem dois os autores do desvio mas após a rendição constatou-se ser afinal apenas um. Este é o sexto avião da companhia aérea soviética a ser desviado desde o dia 8 de Junho.

PALOP discutem democracia

Abrir um espaço de diálogo, reflexão e análise para aqueles que defendem a instauração da democracia nos cinco países africanos de expressão oficial portuguesa e criar um organismo, com sede em Lisboa, para coordenar e informar os movimentos de oposição nesses países, são os principais objectivos dos organizadores do I Congresso sobre a Democracia nos PALOP, que hoje à tarde se inicia no cinema Império.

O Congresso prossegue no sábado e no domingo, com sessões na Aula Magna da Reitoria da Universidade Clássica. O tema de hoje é «Democracia e Liberdades Fundamentais», amanhã será a vez de «Estado e Autoridade» e, no terceiro e último dia «Democracia e Desenvolvimento».

Até ontem tinham presença garantida no Congresso o historiador do Burkina Faso, Joseph Ki-Zerbo, o sociólogo francês Jean-François Bayard e os angolanos Manuel Jorge, catedrático de Direito em Paris e o médico António de Medeiros. Foram enviados convites para os cinco presidentes dos PALOP e embora não tenha havido resposta, espera-se que se façam representar a nível de embaixadores.

Mário Soares, Cavaco Silva, João de Deus Pinheiro e Jorge Sampaio, na sua qualidade de presidente da Câmara de Lisboa, foram igualmente convidados, mas não confirmaram a presença.

Na Comissão Organizadora estão ainda Vieira Lopes, secretário-geral do Movimento Democrático de Cabo Verde, Máximo Dias, do Movimento Nacionalista Moçambicano, Domingos Fernandes, da Resistência da Guiné-Bissau/Movimento Bafatá, Quintiliano Lavres Amado, da Frente de Resistência de São Tomé e Princípe e José Paquete Teixeira, da Acção Democrática Nacional de São Tomé e Princípe.

Redacção «DL»/Lusa

QUOTIDIANO

Torres Couto condena situação na Carris e RN

A situação laboral no sector dos transportes foi hoje objecto de críticas, em conferência de Imprensa, por Torres Couto e outros sindicalistas da UGT, nomeadamente no que se refere aos horários de trabalho, salários e condições de trabalho e segurança. O líder da UGT anunciou que esta central vai propor à CGTP a realização duma greve, na Carris, às horas extraordinárias, com prazo indefinido, dia sim, dia não. Caso a Intersindical não aceite a congregação de esforços nesta forma de luta, Torres Couto considera que será necessário rever este programa de actuação, cuja viabilidade exige o esforço conjunto dos diversos sindicatos.

Destacando os problemas existentes na Carris e na Rodoviária Nacional (RN), os sindicalistas, em comunicado distribuído na ocasião, consideram que «teve especial relevo a luta pela redução do horário para um máximode 40 horas semanais», acrescentando que as acções foram apoiadas pelas organizações da UGT e da CGTP.

«Na Carris, a perda de poder de compra entre 1988 e 1989 ronda os 7 por cento» e na «RN a situação é idêntica, com a agravante de praticar salários inferiores à média do sector».

Relativamente às condições de trabalho e segurança, foi referido que «os horários de 45 horas, o recurso sistemático às horas extraordinárias, as situações de desgaste, envelhecimento e deteorização de grande parte das frotas de transporte» tornam «precárias as condições de prestação deste serviço à comunidade utente, agravando a limites extremos a circulação e o transporte de passageiros».

O tema da redução do horário de trabalho foi igualmente abordado pelos TSD, numa conferência de Imprensa dada ontem. Aquela estrutura afecta ao PSD aproveitou a ocasião para se congratular, através de um comunicado, com «a declaração proferida durante o seu recente Congresso pelo prof. Cavaco Silva no sentido de o Governo vir a institucionalizar uma redução substancial da duração máxima do tempo de trabalho semanal».

No entanto, o primeiro ministro, quando encerrou a reunião magna dos TSD, em Tróia, anunciou a redução máxima «do horário mensal». Em declarações aos jornalistas, os dirigentes dos TSD presentes na conferência de Imprensa de ontem acabaram por admitir que Cavaco Silva falou em redução mensal, explicando que «a interpretação que damos ao discurso do primeiro ministro é que a redução mensal passa por uma redução do horário semanal».

Perante os jornalistas, os sindicalistas dos TSD não souberam explicar que existe uma diferença entre redução do horário mensal e semanal, acabando mesmo por afirmar que aceitam qualquer iniciativa do primeiro ministro: «defendemos a redução do horário de trabalho semanal, mas se a redução for mensal também a defendemos».

B R E V E S

Empresa francesa compra prédios no Rossio

O Office de la Copropriété Parisienne, empresa ligada ao banco francês de negócios Pallas, adquiriu um quarteirão que confina com o Rossio e vários prédios nas ruas da Misericórdia, Rodrigues da Fonseca e Alexandre Herculano, num total de 7400 metros quadrados. Segundo a agência Lusa, a empresa investiu 2,1 milhões de contos, no primeiro semestre deste ano, em aquisições na zona nobre de Lisboa. Fazem parte dos seus planos o restauro dos prédios que possui ou irá adquirir em Portugal, revendendo depois o espaço a diversos investidores, nacionais ou estrangeiros, nomeadamente a companhias de seguros.

Caso «Sãobentogate» em primeira audiência

O julgamento do caso de alegada corrupção na Polícia Judiciária portuense conhecido como «Sãobentogate», inicia-se hoje no primeiro juízo criminal do Tribunal de S. João Novo, no Porto. Uma fonte judicial afirmou que o julgamento deverá ser adiado porque a principal figura do processo, Maria Graça Correia Lopes, alvo de dois mandatos de captura, ainda não foi notificada.

Fogo na madrugada mata mendigo

A tragédia deflagrou junto à Calçada do Combro. Mais de 80 idosos que moravam num lar em precárias condições foram desalojados

Os desalojados foram acolhidos na Igreja de Santa Catarina, sendo transferidos depois, temporariamente, para o Lar do Pinal, em Almoçageme

Um incêndio, deflagrado esta madrugada, por volta das três horas, no Lar Santa Teresinha, no Largo António Sousa Macedo, ocasionou um morto, além de outras duas pessoas terem entram no Hospital de S. José em estado de choque. Os mais de oitenta idosos desalojados vão agora ser acolhidos, temporariamente, no Lar do Pinal, em Almoçageme. «É preciso uma convergência de esforços para superar o enorme défice de casas para a terceira idade em Lisboa. A velhice na cidade é um dos maiores problemas», afirmou ao DL Jorge Sampaio, presidente da edilidade lisboeta, que se deslocou ao local para tomar conta da ocorrência.

Segundo o chefe Militão, do Batalhão de Sapadores Bombeiros de Lisboa, desconhecem-se as causas do sinistro que consumiu o sotão do edifício em causa, embora tudo aponte para um curto-circuito. Entretanto, uma fonte policial revelou ser a vítima mortal Carlos Ferreira Rodrigues, de 50 anos, conhecido na Calçada do Combro por frequentemente pedir esmola. Por outro lado, e até ao fecho desta edição, Celeste Carvalho Oliveira, de 76 anos, e Severino Maria Ramos, de 51 anos, ainda se encontravam em observação no hospital.

Foi uma das empregadas do lar, Maria de Fátima que, ao detectar o fogo no sotão, alertou um polícia e este, por sua vez, chamou os bombeiros, que de imediato responderam ao apelo. Uma maior tragédia foi evitada pelo pronto socorro dos populares. Como referiu ao DL Alberto Bento, presidente da Junta da Freguesia das Mercês, «eles foram incansáveis no apoio prestado aos idosos, ajudando-os a evacuar do lar e dando-lhes todo o conforto necessário».

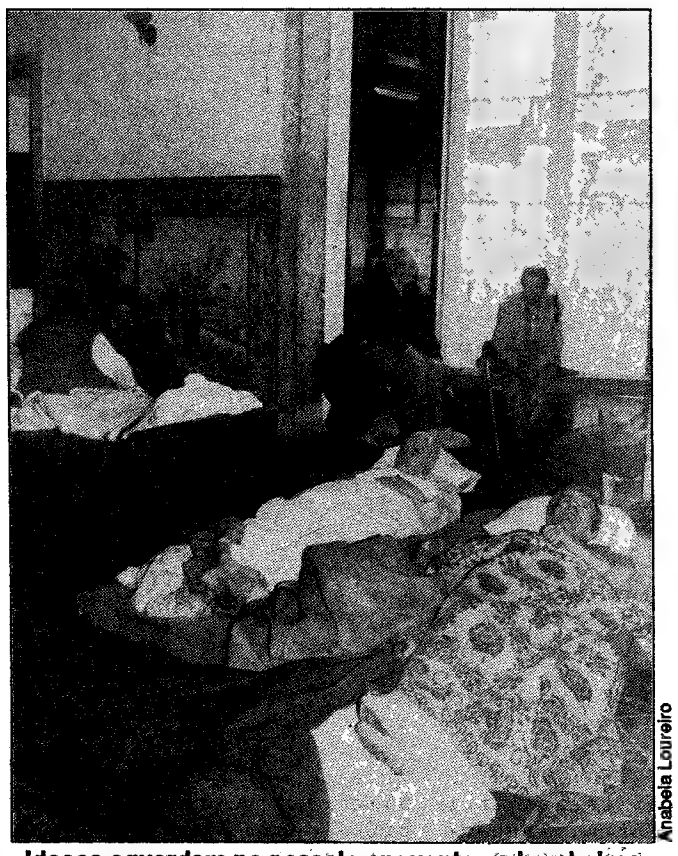
Rapidamente a Igreja de Santa Catarina se transformou num centro de acolhimento. Aqui foram instalados os desalojados, a maioria dos quais pessoas acamadas e de idade bastante avançada. O ambiente que se vivia no templo, esta manhã, estava longe de ser de pânico, mas retratava bem a dependência dos utentes do lar. Alguns dos «velhotes» choramingavam, por entre o laborioso trabalho de todos quantos se quiseram solidarizar com eles. «Ficamos sem a nossa casinha», lamentou António Ribeiro Simões, de 73 anos. Uma desolação espalhada um pouco por toda a igreja.

Colchões, cobertores, leite quente e pão com manteiga, bolachas, enfim, o essencial para as manter confortáveis até serem evacuados, foram garantidos por pessoas das redondezas, da Santa Casa da Misericórdia e da Cruz Vermelha. Os voluntários aguentaram de pé firme a noite inteira.

Logo ao princípio da manhã, as ambulâncias andaram numa reviravolta, transportando os idosos para Almoçageme. No momento em que abordamos Maria Figueirinha, a responsável do Serviço de protecção Civil presente no local, a sua preocupação dividia-se entre o transporte das pessoas e a recolha das fichas médicas de cada uma delas. Temia terem sido consumidas pelo fogo. Um pouco mais tarde veio-nos transmitir a sua alegria: «Já os tenho aqui, assim é muito mais fácil saber os medicamentos que cada velhote tomava e os cuidados específicos que necessitam».

O padre Vítor Melícias, provedor da Santa Casa da Misericórdia, instituição que subsidiava a grande parte dos idosos residentes no lar, também veio até à Calçada do Combro dar o seu apoio. Lamentou ao DL o sucedido e assegurou estar garantido o auxílio «às vítimas do infortúnio».

Uma das voluntárias do Centro Paroquial, Digia Távora, incansável visitante do lar, lágrimas nos olhos, aceitou de menos bom grado a tragédia: «Talvez o incêndio tenha sido bom. Talvez assim as alguém se aperceba das pessoas pobres a morrerem sem qualquer dignidade. É tempo de se fazer alguma coisa por elas!»



Idosos aguardam no passeio enquanto os bombeiros combatem o sinistro

Anabela Loureiro

«Não aos depósitos de idosos»

«Para nós o que aconteceu não é surpresa. Existem muitos lares nestas condições em Lisboa», disse ao DL Jorge Sampaio, quando chegou, por volta das 8 e 30 horas, à Igreja de Santa Catarina. Segundo o presidente da câmara o problema da «velhice» tende a agravar-se na capital, com o afastamento da camada da população jovem para a periferia.

Jorge Sampaio referiu que o défice de lares para a terceira idade é muito grande, motivo pelo qual são praticados preços bastante altos. «É preciso uma convergência de esforços entre várias entidades - o Governo, a câmara, instituições de solidariedade social, particulares - para que se criem condições aos idosos e se terminem com os depósitos destinados ao fim da vida», acrescentou.

O autarca deslocou-se de seguida ao edifício sinistrado para conversar com o proprietário, José Alexandre Morais. Segundo este último, a mensalidade praticada naquela casa de idosos variava entre os 37.500 escudos e os quarenta contos.

O Lar de Santa Teresinha, agora parcialmente destruído, não só pelo incêndio como pela água, não teria a arquitectura mais adequada a uma casa de idosos. Prédio velho, muitas escadas, três andares, um espaço que não permitia a fácil movimentação das pessoas nele residentes. Porém, a limpeza e a qualidade da comida foram-nos asseguradas pelos próprios idosos e por algumas das voluntárias que ali se deslocavam com frequência.

Paula Sá

O interceptor de esgotos de Algés-Alcântara teve a luz verde da Câmara de Lisboa. Vai pôr a funcionar em pleno uma estação de tratamentos subaproveitada e contribuir também para a despoluição do Tejo

Interceptor de esgotos acaba com cheias e mau cheiro

Hoje foi dada luz verde ao interceptor de esgotos Algés-Alcântara, cuja escritura foi assinada esta manhã nos Paços do Concelho. Vão acabar os maus cheiros que actualmente atormentam quem passa pela Avenida de Ceuta e zonas vizinhas. De facto, quem circula no Vale de Alcântara e bem próximo da Estação de Tratamento de Águas Residuais, na Avenida de Ceuta, queixa-se, e com razão, do mau cheiro que ali se sente. O motivo de tão incómodo odor é conhecido e já foi explicado: a Estação está a trabalhar a «meio-gás», recebe caudais de efluentes inferiores aos previstos, quando da sua concepção e, por isso, cheira mal.

Para obviar esta situação a Câmara Municipal de Lisboa propõe-se construir um interceptor que servirá uma população equivalente a 300 mil habitantes e, simultaneamente, vai pôr a funcionar em pleno uma estação de tratamente de águas residuais que, segundo os técnicos, tem estado subaproveitada.

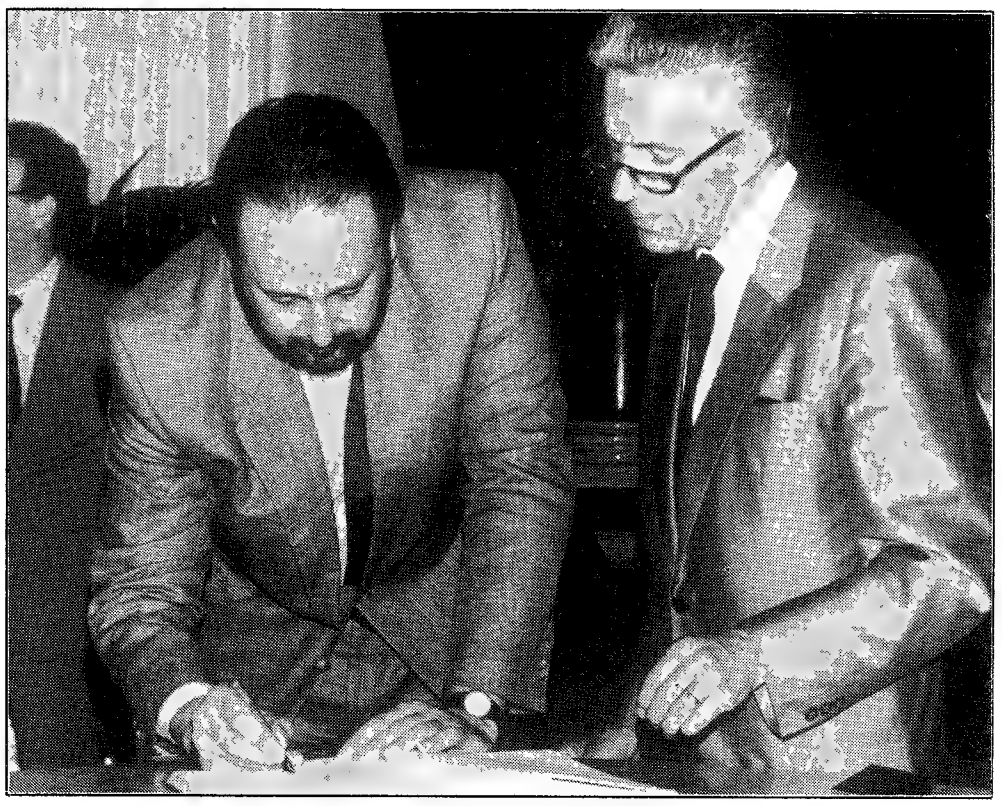
Com esta obra, considerada como o maior investimento municipal, de entre todos os previstos para o ano de 1990 (está orçada em 1 milhão e 800 mil contos) será também possível «proceder à drenagem das águas pluviais das zonas baixas de Alcântara e Junqueira e corrigir igualmente as situações de perigo que se verificam em chuvadas mais intensas», explicou Rui Godinho, o vereador responsável pelo pelouro do Saneamento Básico.

«A construção deste interceptor não é obra da gestão anterior. Embora seja a conclusão do que foi feito até aqui,pode ser considerada também uma correcção, já que a nova Câmara conseguiu reduzir os custos iniciais que eram de três milhões de contos», disse ainda ao «DL» Rui Godinho.

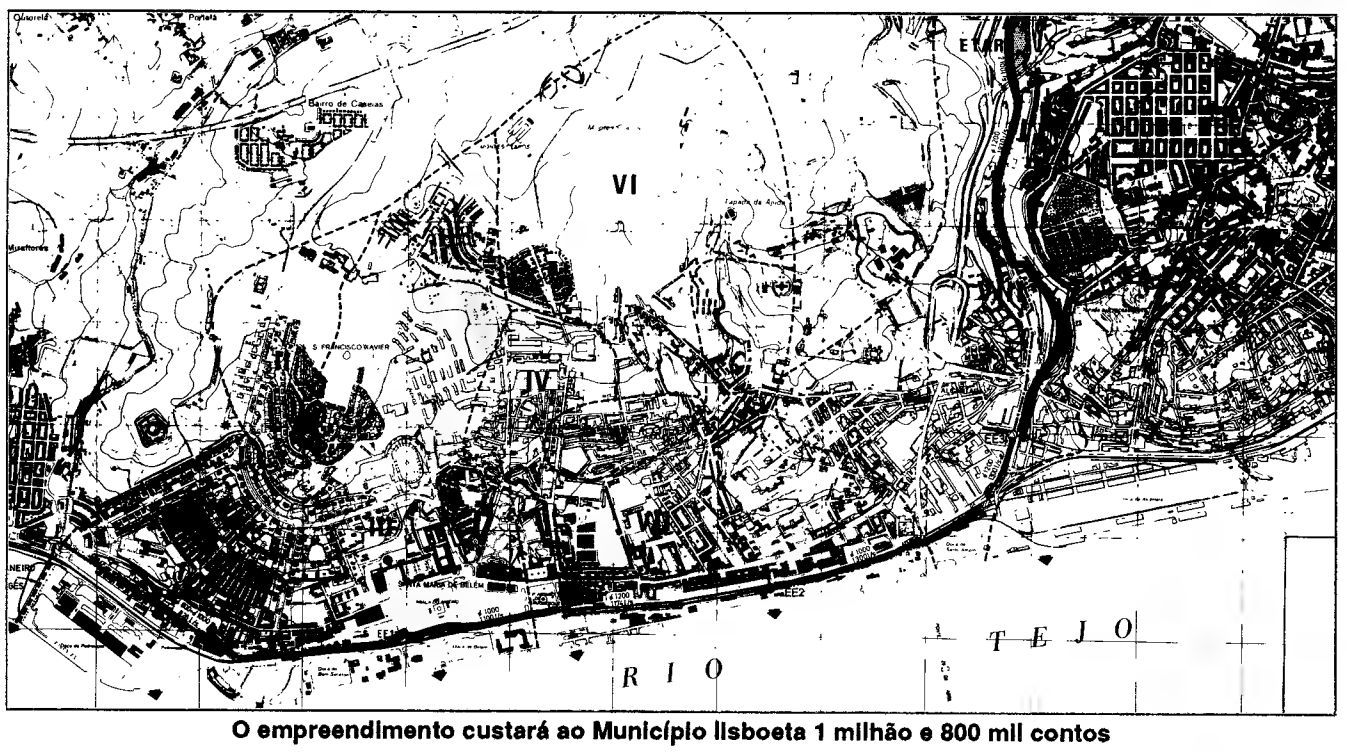
Além de ter racionalizado os recursos, a nova equipa camarária procedeu a um outro alinhamento do projecto. Assim, nos seus moldes finais, o interceptor terá 6.953 metros, canalizará os esgotos de toda a zona ocidental da cidade e chegará à ETAR de Alcântara passando por três estações elevatórias localizadas na Praça do Império, Rua Mécia Mouzinho de Albuquerque e junto dos Serviços Eléctricos e Mecânicos da edilidade. Segundo as previsões da Câmara, os trabalhos deverão estar terminados dentro de ano e meio.

No âmbito da actualização do Plano Geral de Saneamento de Lisboa, a Câmara pretende ainda, a médio prazo, ampliar o tipo de tratamento de águas residuais na estação de Alcântara.

Luísa Alexandra Botinas



Esta manhã Rui Godinho assinou a escritura para a construção do interceptor



O empreendimento custará ao Município lisboeta 1 milhão e 800 mil contos

Tejo ainda sem golfinhos mas com menos poluição

Com a entrada em funcionamento do interceptor de esgotos Algés-Alcântara, o sistema de tratamento de águas residuais vai melhorar. Em termos de resultados práticos, eles serão rápidos e visíveis a curto prazo. No entanto, o alcance desta obra será mais largo, uma vez que contribuirá para a despoluição do estuário do Tejo.

De acordo com o vereador Rui Godinho, um dos objectivos deste empreendimento é o de «evitar a poluição do rio, contribuindo para a defesa do Estuário do Tejo e preservação das zonas marginais, em termos de qualidade e no aspecto bacteriológico, conseguindo-se assim, uma maior segurança na utilização de praias para juzante do estuário».

Despoluir o Tejo é tarefa de fôlego para a qual este interceptor representa apenas uma pequena parte da intervenção que se pretende integrada, conforme explicou Rui Godinho. Os resultados deste esforço só poderão ser registados mais tarde e é isso que a Câmara já começou a fazer, através de testes de avaliação da qualidade das águas.

«Está em curso, há cerca de 5 meses, um projecto de monitorização das águas do estuário. Procede-se à colheita de amostras de água desde Beirolas até à Praia de Santo Amaro», disse Rui Godinho. A Câmara pretende ainda contribuir para a elaboração de um estudo de impacte ambiental.

«Com as conclusões dos estudos, poderemos atingir não só aqueles objectivos como também avaliar a eficácia das infra-estruturas de saneamento que agora estamos a implantar», acrescentou o vereador.

É claro que a despoluição do rio que banha Lisboa não acontece apenas com a acção de uma só autarquia. «Tudo tem de ser compatibilizado com os sistemas de despoluição de outros municípios ligados ao Tejo, designadamente, com as Câmaras de Vila Franca, Loures e da Linha do Estoril», sustentou Rui Godinho, que vai apresentar em breve o Regulamento sobre Descargas de Efluentes e que defende também a criação de um órgão intermunicipal que se encarregue de gerir a qualidade das águas do estuário.

«Não vão aparecer já os golfinhos no Tejo, como dizia o engenheiro Abecasis, mas a pouco e pouco o rio começará a ficar mais limpo», concluiu Rui Godinho.

L.A.B.

Caos no Hospital do Bombarral

Doentes compram ligaduras e pensos

O Hospital do Bombarral arrasta-se penosamente, assinala a última edição do jornal «Frente Oeste». A situação é considerada caótica e o estabelecimento começou por encerrar as enfermarias, fechou, a seguir, todo o primeiro andar e o menos que se espera é que venha a fechar a breve prazo.

Para a maioria dos acidentados não há condições de assistência e têm que ser transportados ao Hospital das Caldas da Rainha para serem devidamente atendidos. O caos atinge tal ponto que os doentes que pretendem ser atendidos no Hospital do Bombarral passam primeiro pela farmácia para comprar pensos, ligaduras e outras urgências na certeza de que os serviços de atendimento estão constantemente na maior carência daquele indispensável material.

Doado ao Bombarral pelo benemérito Inocêncio da Silva Cairel Simão, o hospital encontra-se sob a administração da Câmara Municipal e uma boa parte da população acredita que se prepara a sua integração no património municipal ou, ainda, na possibilidade de vir a ser explorado por uma entidade.

Reclamando contra este estado de coisas, circulou entre a população um abaixo-assinado a endereçar ao ministro da Saúde, que conta já com cerca de 3 mil nomes. No entanto, apesar da aparente boa aceitação popular, o seu promotor, Jaime Castro Bento, antigo ajudante de notário naquela vila queixa-se de, após concretas promessas, não ter ainda conseguido reunir um certo número de pessoas dispostas a acompanhá-lo a Lisboa para fazer a sua entrega no Ministério da Saúde.

QUOTIDIANO

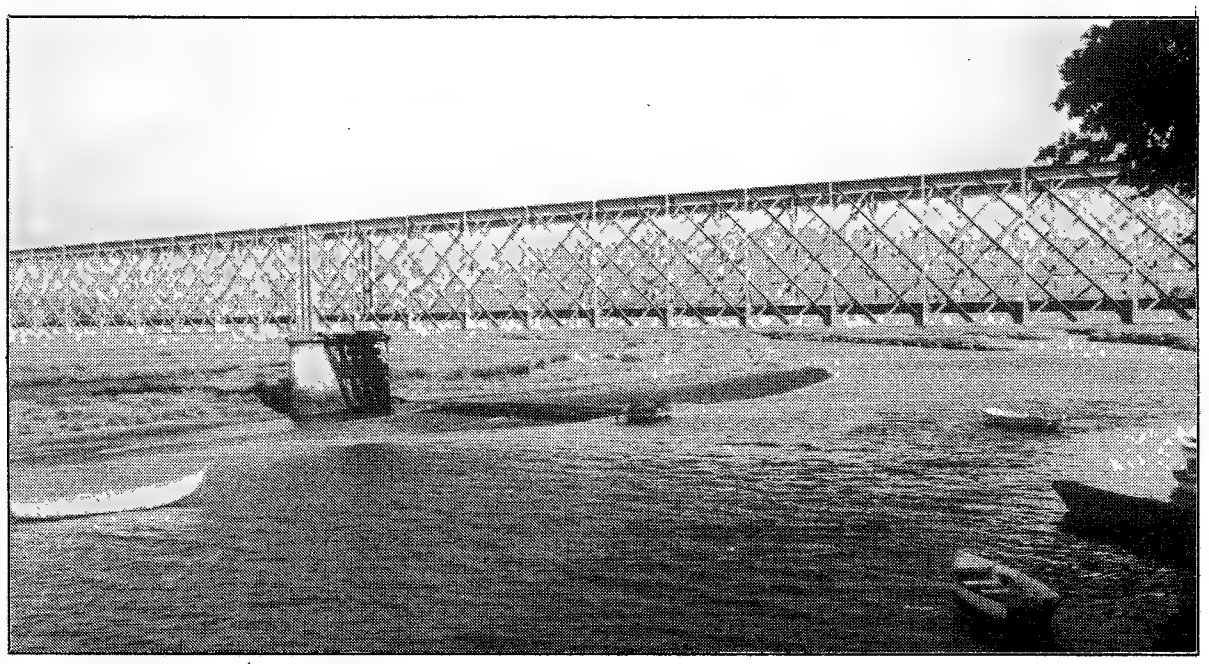
Ambientalistas denunciam: trutas e enguias aos milhares, entre peixe menos valioso, flutuam no Coura, o ventre para cima, envenenadas pelos resíduos de uma mina negligentemente desactivada

Um necrotério de peixe

A associação ambientalista Corema denunciou a contaminação do rio Coura por substâncias tóxicas procedentes de umas minas de volfrâmio deficientemente encerradas.

Em comunicado subscrito pelo presidente de direcção, José Gualdino Correia, a Corema associa uma alegada mortandade cíclica de peixes do Coura a escorrências de poluentes das minas de volfrâmio de Covas, encerradas aliás após condenação judicial pelo mesmo motivo, no Tribunal de Vila Nova de Cerveira, há cerca de seis anos.

De acordo com esse texto, datado de finais de Junho, milhares de cadáveres de trutas, lampreias pequenas, bogas, escalos e enguias, entre outras espécies, juncaram neste começo do Verão as margens do rio minhoto, no que não constituirá mais do que um fenómeno periódico, contra o qual, alegadamente, as entidades e organismos oficiais competentes tardam em tomar medidas.



Foz do Coura: resíduos químicos e extracção de areia comprometem o futuro do mais ocidental e caudaloso dos afluentes portugueses do Minho

Compostos de ferro e manganésio, entre outras substâncias que a não-selagem das jazidas permite que atinjam o Coura, carreadas pelo ribeiro do Poço Negro, serão os causadores desta frequente perturbação ecológica.

O texto assinado por Gualdino Pais precisa que a exploração das minas de Covas cessou em 1984, pouco de pois de a empresa responsável ter sido punida judicialmente pela poluição que originara nos cursos fluviais para onde, durante 35 anos, descarregara resíduos tóxicos, sem qualquer tratamento.

A situação actual foi agravada, segundo o mesmo testemunho, pela entrada em funcionamento da Barragem Hidroeléctrica de Covas, já que a abertura das respectivas comportas, avolumando e acelerando o caudal do Coura, originou a remoção dos resíduos que jaziam no fundo, e a ampliação e dinamização do seu efeito destrutivo naquele ecossistema aquático.

A Corema insurge-se ainda contra a aprovação pelas entidades autárquicas competentes de um projecto de dragagem do Coura, da nascente a Vilar de Mouros, apresentado por uma empresa de extracção de areia.

A associação ambientalista, recordando que essa empresa foi já proibida de desenvolver actividade no rio Minho, em Março de 1989, estranha a celeridade com que foi aprovado o seu projecto por autoridades locais, sem uma avaliação do impacte ambiental, em suma, de forma qualificada de «leviana».

O texto invoca a classificação da Zona Húmida do Coura pelo projecto comunitário Corine como área de Interesse Europeu para reivindicar uma gestão deste afluente do Minho que impeça que se transforme em mais «um rio da nossa infância».

O GRUPO D'ARTE MÓVEIS, CONFIANÇA FOI CLASSIFICADO O QUE MAIS BARATO VENDE EM RELAÇÃO PREÇO/QUALIDADE. E GANHOU O PRÉMIO INTERNACIONAL DE QUALIDADE.

MÊS

FANTÁSTICO?

DESCONTOS

A prestações e sem juros

10 A 50%

GRANDE VARIEDADE DE MOBILIÁRIO DE ESTILO E MODERNO

LOJAS DARTE MÓVEIS, CONFIANÇA

ODIVELAS — Rua Alfredo Ruas, 50 — Pedernais — Telefones: 9326054-9326058
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 — Telefone: 2769001
LISBOA — Estrada de Benfica, 174-176 — Telefone: 780599
LISBOA — Av. Almirante Reis, 125-127 — Telefone: 530076
LISBOA — Hipermercado Ibérico — Telefone: 7595959
LISBOA — Rua Luciano Cordeiro, 18-A — Telefone: 3522662
BARREIRO — Rua Dr. Manuel Pacheco, 92-A — Telefone: 2077237
SETÚBAL — Av. D. Manuel I, Lote 80 — Telefone: 741699
MONTIJO — Rua José Joaquim Marques, 40 — Telefone: 2301197
MEM MARTINS — Rua da Azenha, 3 — Telefone: 9217570
CAMARATE — Rua Cidade de Lisboa, Lote 6 — Telefone: 9475311
CARCAVELOS — Rua Paulo Jorge, 3 — Telefone: 2475289
AMORA — Marco Severino, Fogueteiro, Centro Comercial — Telefone: 2523415

LOJAS PICA-PAU

QUELUZ — Av. Elias Garcia, 74-B — Telefone: 4363679
AMADORA — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-B — Telefone: 4945691
MEM MARTINS — Rua Chaby Pinheiro, 8 e 12 — Telefone: 9217234

LOJAS UTILAR

CHARNECA — Estrada de Camarate, Lote 4 — Telefone: 9475311
CAMARATE — Rua Avelino Salgado de Oliveira, Lote 1 — Telefone: 9474528

Marinha homanageia navegador em Viana

O Dia da Marinha e das Forças Armadas vai ser comemorado simultaneamente em Viana do Castelo, no próximo domingo, com a presença do Presidente da República, primeiro-ministro, ministro da Defesa e altas patentes da Marinha e das Forças Armadas. Ao celebrar pela primeira vez em Viana o seu dia, aquele ramo pretende prestar uma homenagem ao navegador vianense dos fins do primeiro quartel do século XVI, João Álvares Fagundes.

Embora controversamente, acredita a maioria dos historiadores que aquele navegador vianense explorou as costas austrais da Terra Nova e terá descoberto e explorado o Golfo S. Lourenço e ilhas vizinhas.

A confirmá-lo, um alvará de D. Manuel I, datado de 1512, que lhe faz doação daquelas terras e que explicitamente as menciona como por ele descobertas.

Uma outra hipótese é a de que Álvares Fagundes tenha elaborado um mapa das regiões descobertas, documento que posteriormente se terá perdido.

Mário Soares preside à cerimónia militar, que decorrerá frente ao porto interior daquela cidade, durante a qual o general Soares Carneiro, chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, proferirá uma alocução às forças em parada.

A cerimónia decorre num ano em que se debate a redução do serviço militar obrigatório, bem como a paralela reestruturação das Forças Armadas Portuguesas, que contam, actualmente, com um efectivo de cerca de 80 mil militares e civis.

A Marinha portuguesa conta, actualmente, com um contingente de cerca de 21 mil miliatres e civis, dos quais 1 700 são oficiais, 3 mil sargentos, 11 mil praças, 4 400 civis e 8 mil militarizados, os dois últimos integrados em estabelecimentos fabris – o Arsenal do Alfeite e Fábrica Nacional de Cordoaria. Daquele efectivo total, 6 200 cumprem serviço militar obrigarório.

Paralelamente, a Marinha possui um efectivo de cerca de 60 unidades navais, entre as quais fragatas, corvetas, lanchas de fiscalização, navios de treino no mar, submarinos, navios escolas, lanchas de desembarque, patrulhas e outros. A idade média destas embarcações é 25 anos, mas a Marinha espera, já a partir do próximo ano, contar nos seus efectivos com a primeira das três fragatas «Meko».

Redacção «DL»/ Lusa

Videotext: mais páginas

A apresentação das páginas do serviço público de Videotext vão estar disponíveis, a muito curto prazo, com uma velocidade «largamente superior à actual», revelou uma fonte da Telepac. Segundo a mesma fonte, esta evolução vai permitir que os utentes deste serviço possam vizualizar mais páginas em menos tempo.

Com a passagem para este novo estado evolutivo, nomeadamente com o recurso a *modems* multivelocidades, o número de consumidores do sistema, segundo fontes da Telepac, pode vir a atingir «seguramente, mais de 10 mil », até ao final deste ano.

Quercus condena exposição de caça

A associação ambientalista Quercus condenou alguns aspectos da Expo Caça 90, um certame recentamente realizado em Lisboa em intenção de caçadores e exploradores da actividade venatória, considerando-os estimulatórios do desrespeito à lei.

Em comunicado, a Quercus refere nomeadamente a exposição de armadilhas proibidas e de troféus consistentes em exemplares taxidermizados de espécies protegidas.

Dois lobos e um corujão embalsamados, patentes nos *stands* do Clube Português de Monteiros e da Comissão Nacional de Homologação e Medição de Troféus, sugerem as críticas mais veementes do texto, do qual foram enviadas cópias para diversas entidades, nomeadamente o secretário de Estado do Ambiente e Defesa do Consumidor, presidente do Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza e director-geral de Florestas.

Os autores do documento relembram que aquelas espécies, em acelerado processo de extinção, não podem ser consideradas cinegéticas, pelo que a sua presença como troféus numa exposição para caçadores só poderá representar uma aliciação ao «furtivismo e o desrespeito à lei».

Para a Quercus, o mesmo efeito antipedagógico resultará da presença em outro *stand* , engaiolada, de uma gineta, pequeno predador cujo estatuto de animal semiprotegido os exploradores ou interessados na exploração de regimes cinegéticos especiais tendem a ignorar.

Noutro local do certame, da responsabilidade da Erena -- Ordenamento e Gestão de Recursos Naturais, propagandeava-se, segundo a Quercus, a caça a narcejas e tarambolas sem se mencionar as restrições que a lei lhe impõe.

O principal motivo de condenação dos subscritores do documento é no entanto uma carcaça embalsamada de lobo, abatido há quatro anos, quando este carnívoro selvagem, em Portugal como na maior parte do mundo, já se encaminhava inequivocamente para a extinção. A Quercus fala em «desplante» da Comissão Nacional de Homologação e Medição de Troféus ao expor este troféu, conseguido pelo seu vice-presidente e presidente do Clube Português de Monteiros, Jorge Roque de Pinho, pelo facto de já na altura a proeza ter provocado celeuma, com o autor, em polémica numa revista da especialidade, a argumentar que «a melhor forma de evitar a extinção da espécie» é «permitir-lhe a caça de forma restrita e controlada».

No contexto da mesma crítica, considera-se «absurdo e incompreensível para o caçador consciente, para o amante da Natureza e para o cidadão comum» que aquele atropelo à lei tenha sido assim sancionado por uma instituição que é nomeada pelo ministro da Agricultura e presidida pelo director-geral de Florestas.

Outra participação no certame, que decorreu de 3 a 6 de Maio na Tapada da Ajuda, censurada por aspectos que assumiu, foi a da Federação dos Arqueiros de Portugal. Segundo o mesmo documento, os responsáveis por este *stand* , ao afixarem nele um *poster* indicando, no corpo de um lobo, as partes onde a penetração de uma flecha se reveste de maior eficácia mortífera, estarão, tal como os outros expositores já mencionados, a sugerir condutas atentatórias da preservação das espécies e transgressoras da legislação.

«Pensamos» -- alega a Quercus -- «que a exposição deveria ter sido mais equilibrada, de forma a que a qualidade do material para a actividade venatória não contrastasse com o pouco cuidado na exibição de troféus de espécies protegidas (...), entre outros aspectos, não contribuindo em nada para a educação cinegética do caçador, antes pelo contrário, incutindo-lhe no espírito o furtivismo e o desrespeito pela lei».

Incómodos na vida e na morte. O silêncio das autoridades sobre os assass
dos industriais Joaquim Ferreira Torres, Sidónio Cabanelas e vereado

Quem tem medo da morte do padre

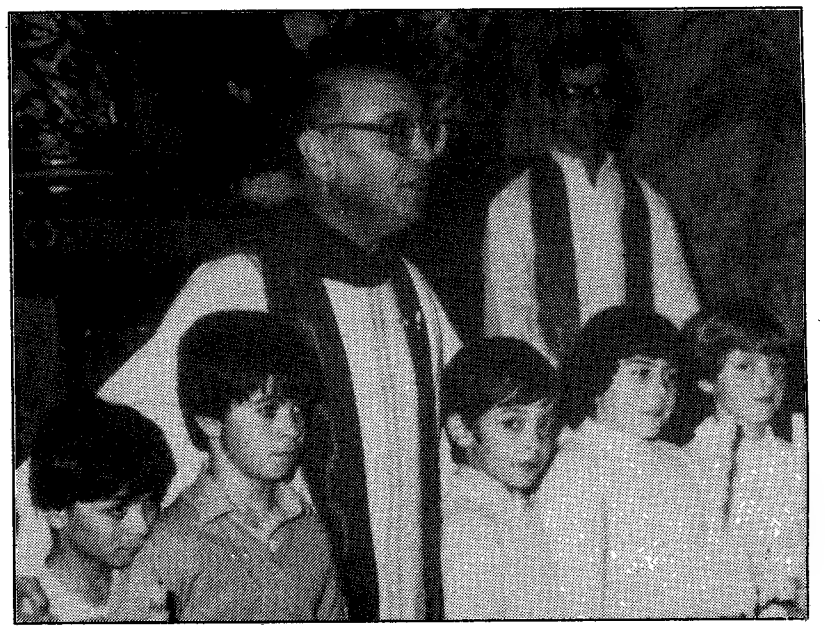
Faz hoje três anos que o corpo do padre Alberto Neto Simões Dias foi encontrado em Águas de Moura, Setúbal, na berma da estrada e coberto por alguns pinheiros. O resultado da autópsia revelou tratar-se de um homicídio causado por uma bala alojada no interior do crânio. Na altura, foram várias as hipóteses aventadas: homossexualidade, roubo ou droga. Mas, pouco tempo depois, o silêncio envolveu este caso e nada mais chegou à opinião pública. As dúvidas e interrogações de então mantêm-se, acrescentando-se agora outras, sobretudo no que diz respeito à forma como as investigações têm sido conduzidas. Contactada pelo «DL», a PJ assegura que o processo não está parado. É, simplesmente, um caso complicado em que não há grandes avanços.

Amigos do padre Alberto, entre os quais se contam personalidades políticas e religiosas estranham muito este silêncio prolongado e a recusa sistemática da PJ em abordar o processo. Reclamam que o caso seja resolvido.

O padre Jardim Gonçalves reconhece que o caso da morte do padre Alberto não é único em Portugal, muitos outros há na mesma situação. Mas, talvez este seja mais difícil porque, segundo diz, é possível que se tenham encontrado pelo caminho dados que alguém esteja interessado em camuflar. Apesar disso, afirma: «Mesmo que haja algum pormenor negativo no processo da sua morte, penso que a resolução do caso deveria ser partilhada. Se tudo correspondesse à verdade o padre Alberto aceitaria que fosse revelado. E se ele o fazia, não sou eu agora que vou impedir alguma coisa».

Manuela Silva, economista (que participou na vigília de 30 de Dezembro de 1972 e aderiu activamente a outras iniciativas da comunidade do Rato, como à elaboração de um manifesto, na Páscoa de 1971, onde se assumia uma posição sobre a forma como a sociedade portuguesa estava a evoluir e, muito particularmente, sobre a guerra colonial) disse-nos que não é de mais revelar e evocar a pessoa que foi o padre Alberto. Espera que quem de direito faça com que as investigações continuem. «O padre Alberto viveu a sua vocação de uma maneira que se pode apontar como a síntese ou unidade relativamente à sua presença no mundo. Tinha uma concepção de fé que valorizava o indivíduo e o seu agir. Tendo-o conhecido, não posso deixar de expressar a minha dor ao constatar a lentidão das investigações neste país» - afirmou ao «DL».

Também António Pinto Barbosa, vice-reitor da UNL e amigo de Alberto Neto Simões Dias, admitiu «ser muito estranho» o silêncio prolongado sobre este caso.



Alberto Neto transformava cada celebração numa festa

«A própria Igreja devia acompanhá-lo e não o deixar morrer. Penso que se deviam pressionar as entidades que conduzem as investigações para que o processo seja concluído».

Na altura da morte, o cardeal-patriarca D. António Ribeiro exigiu publicamente que o caso fosse esclarecido. O Presidente da República e o Governo mostraram também interesse e empenho em que o processo não ficasse «esquecido» nas gavetas dos gabinetes.

Contudo, passados três anos o silêncio continua a imperar sobre a morte daquele que foi chamado o «padre coragem». Jardim Gonçalves diz mesmo: «Já não acredito que se descubra alguma coisa».

Estranha demora

Sábado, dia 4 de Julho de 1987. O padre Alberto Neto era esperado ao meio-dia, na paróquia de Rio de Mouro, para celebrar um casamento. Não aparece nem telefona. «Estranhámos muito esta atitude. Nunca falhava» - conta-nos Maria Emília, uma paroquiana.

A notícia corre depressa e, pouco depois, o desaparecimento era comunicado à GNR, à PSP e à família. «A primeira pessoa que contactei foi a irmã mais velha, a dona Cili, que ficou muito admirada porque também não sabia de nada. Depois, ligámos para a GNR

Capela do Rato, anos 70

«O Deus em que acredito não é comerci

Nos anos 60 reflectiu sobre a guerra colonial, sobre a paz, questionou o regime e a própria Igreja a que pertencia. Foi incómodo, incomodado e por muitos considerado um «perigoso comunista». Mas, agora, Peter Stilwell, o padre que o substituiu na capela do Rato, afirma que ele sempre teve o apoio do cardeal Cerejeira e do seu sucessor D. António Ribeiro.

Ele foi o padre que tornou a capela do Rato num símbolo de reflexão cristã e política, que fez de cada celebração uma festa e que marcou toda uma geração. Foi uma voz lúcida, um amigo, um companheiro na fé que aprendeu e ensinou a lutar sem violência. Mas, foi também o maior contador de anedotas, um amante do futebol, alguém que viveu até ao fim fiel a si mesmo e ao ideal de uma Igreja viva.

Alberto Neto Simões Dias nasceu em 1931, perto do Fundão. Foi ordenado padre em 1957 e iniciou a sua actividade pastoral como coadjutor do padre Felicidade Alves, na paróquia de Santa Maria de Belém. Assassinado a 3 de Julho de 1987, desconhecem-se ainda o móbil e os autores do crime. Os que o contactaram de perto têm na memória o trabalho de uma vida por um mundo mais pacífico e solidário.

«Era uma pessoa muito franca e directa, um homem de fé, de acção que tinha sempre uma palavra de estímulo, de força e coragem para os outros. Era um líder nato, um exemplo vivo da fé que professava». Foi assim que um grupo de paroquianos de Rio de Mouro nos falou do padre Alberto. Segundo dizem, o maior companheiro dos idosos, dos jovens e de todos os que procuravam a sua ajuda. «Eu não o via tanto como o padre, mas mais como o homem, o pai e o amigo. Acredito em Deus, tenho a minha fé, mas sou um pouco marginal e ele foi a pessoa que conseguiu dar-me um objectivo na vida» - diz o Jorge.

João Trigo, de 18 anos, confessa-nos que ainda se emociona quando fala do padre Alberto. Conheceu-o aos 13, andava na catequese e o que mais recorda dele são as suas palavras de força e de coragem que apareciam sempre no momento certo. «Ainda hoje, quando estou prestes a desistir lembro-me do padre Alberto. Recordo mesmo a sua imagem que já era em si uma expressão de força viva» - diz.

Não era um homem de meias medidas. O risco e as dificuldades nunca lhe meteram medo e quando chegou a Rio de Mouro, em Outubro de 1985, sabia que não o esperava uma tarefa fácil: a paróquia estava desorganizada e pouco motivada para o trabalho com os jovens e idosos.

Viver arrojadamente

«O padre Alberto surgiu num momento providencial. Em dois anos conseguiu unificar o que aparentemente estava dividido. Dizia-nos sempre que não fazia sentido celebrarmos a eucaristia se não a continuassemos na vida» - afirma Maria Bertilde, uma mulher que há muito participa activamente no trabalho da paróquia.

Para ele nada era proibido ou inquestionável. Aceitou sempre os desafios com que se ia deparando, cumprindo assim a sua opção de viver o Evangelho arrojadamente.

Os amigos dizem-nos que tinha tanto de génio como de criança, de contestatário como de conciliador ou dialogante. Era um homem de espírito livre que não gostava de criar dependências afectivas. Assim como chegava, também partia. Normalmente, apenas com uma mala de roupa e alguns livros debaixo do braço. Não concebia uma vida agarrada às coisas materiais.

«Teve sempre uma faceta de rebeldia. Quando o conheci era coadjutor na paróquia de Santa Maria de Belém e, já nessa altura, se distinguia pelas homilias que proferia. Era um homem de grande vivacidade e sensível aos problemas da sociedade» - conta-nos António Pinto Barbosa, vice-reitor da Universidade Nova de Lisboa e, em tempos, aluno do padre Alberto, no Liceu D. João de Castro, na disciplina de Religião e Moral.

O ensino ocupou na sua vida um lugar especial. Eram os próprios alunos que o reconheciam como um verdadeiro pedagogo, um homem que valorizava o indivíduo e as suas opções, quando tomadas em consciência. É Pinto Barbosa que nos diz: «Passei a admirá-lo mais quando contactei com ele como professor. Dadas as suas características especiais, as aulas tinham um cunho diferente. Foi dos poucos que teve a coragem de nos falar da guerra e de procurar interpretar a sociedade à luz da moral cristã».

Quando incomodado ou questionado pelo que fazia, Alberto costumava dizer: «O Deus em que acredito não é comerciante. Não se vende, nem se compra. É gratuito. Aceita-se na mais plena liberdade e responsabilidade ou jamais se encontra». Por isto mesmo, apesar de recolhido em casa com uma pneumonia, ele foi o padre que tornou possível o caso da Capela do Rato. A 30 de Dezembro de 1972, durante a missa da tarde, um grupo de cristãos decide permanecer na igreja até ao dia 1 de Janeiro, em jejum, para reflectir sobre a guerra e a paz.

Não vendeu o nome

Um caso que deu que falar, que levou o regime e a própria Igreja a tomarem posições e que culminou com a demissão do padre Alberto, a 6 de Outubro de 1973. Na homilia de despedida, ele próprio confessa: «Fui apanhado de surpresa pela minha demissão, a que chamam transferência». Foi mais uma das que ficaram célebres e em que não teve medo de denunciar o que incomodou verdadeiramente algumas consciências do sistema.

«Não estava só em jogo a minha pregação, mesmo que corajosa. (...) Era uma pregação, sem dúvida, mas era muito mais do que isto. Era um espaço de liberdade e de responsabilidade laical crescente que ia nascendo

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ssassínios dos padres Alberto, Max,
reador de Meda é significativo

lre Alberto?

o con-
r sobre
le que
«padre
ardim
diz
nãc
descu-
sa».

ora

4 de
87. O
Neto
meio-
uia de
, para
casa-
parece
«Estra-
o esta
ca fa-
ta-nos
uma

corre
pois, o
comu-
SP e à
pessoa
ã mais
e ficou
porque
nada.
a GNR

e PSP, demos a matrícula do carro, para sabermos se andava a circular nas estradas ou se tinha sido encontrado em algum sítio, mas não nos souberam informar de nada. Restavam-nos os hospitais do Sul do país, para onde ligámos várias vezes, mas também não se encontrava em nenhum deles. Achavamos cada vez mais estranho» - diz-nos ainda Maria Emília, uma das pessoas que durante três dias não abandonaram a Igreja à espera de qualquer informação ou que o padre Alberto aparecesse.

Ao meio-dia de domingo já se sabia que o padre Alberto tinha sido visto pela última vez na tarde de sexta-feira, em Armação de Pêra, na companhia de um jovem de cor. O seu rasto perde-se precisamente a partir das 17 horas desse dia, altura em que entrega as chaves do apartamento da família a uma empregada. Diz-lhe que vai a Faro encontrar-se com uns familiares. Faz uma chamada para a paróquia e dá a mesma informação, garantindo que depois partiria em direcção ao Norte. Mas, desde aí que nunca mais foi visto. Desconhece-se até se ele chegou à capital algarvia já que não realizou nenhum dos contactos que pretendia. O seu corpo foi encontrado dias depois, por um bombeiro de Valadares, a três quilómetros de Palmela e já em estado de decomposição. Transportado para o Hospital de Setúbal foi aí identificado pelo padre Armindo Garcia, seu amigo. Só vinte e quatro horas depois a PJ informa a família e os órgãos de comunicação social difundem a notícia.

O inspector Ilídio Neves, da PJ de Setúbal, assume as investigações e iniciam-se as buscas ao local onde o corpo foi encontrado. Aí, não há sinais visíveis de luta, o que faz pensar que o padre Alberto se deslocou ao pinhal de livre vontade. Uma das primeiras hipóteses levantadas pela PJ foi a do roubo. Tudo indicava que o padre de Rio de Mouro tinha sido morto para o roubarem, tanto mais que o seu carro não aparecia e se falava que ele tinha dado boleia a dois jovens, os quais nunca foram idenficados pela Judiciária.

Mais tarde, a PJ admite que uma das causas do crime possa estar relacionada com a homossexualidade, tese que foi frontalmente rejeitada por amigos e familiares do sacerdote. A possibilidade de o crime ter sido praticado por elementos ligados ao tráfico de droga era a que apresentava mais consistência, devido à acção desenvolvida pelo padre Alberto junto de jovens toxicodependentes, no Algarve.

Com o aparecimento do carro, a 11 de Julho, numa rua de Portimão, sem quaisquer indícios de arrombamento, a hipótese de roubo como causa do homicídio foi praticamente abandonada.

O quem e o porquê continuam por resolver. Os aniversários da morte do padre Alberto Neto Simões Dias são a excepção à regra do silêncio.

Ana Mafalda Inácio

rciante»

gem de
rpretar

do pelo
Deus
Não se
eita-se
ilidade
nesmo,
pneu-
sível o
bro de
upo de
até ao
r sobre

evou o
osições
padre
omilia
: «Fui
nissão,
s uma
o teve
u ver-
do sis-

gação,
gação,
e isto.
onsa-
cendo

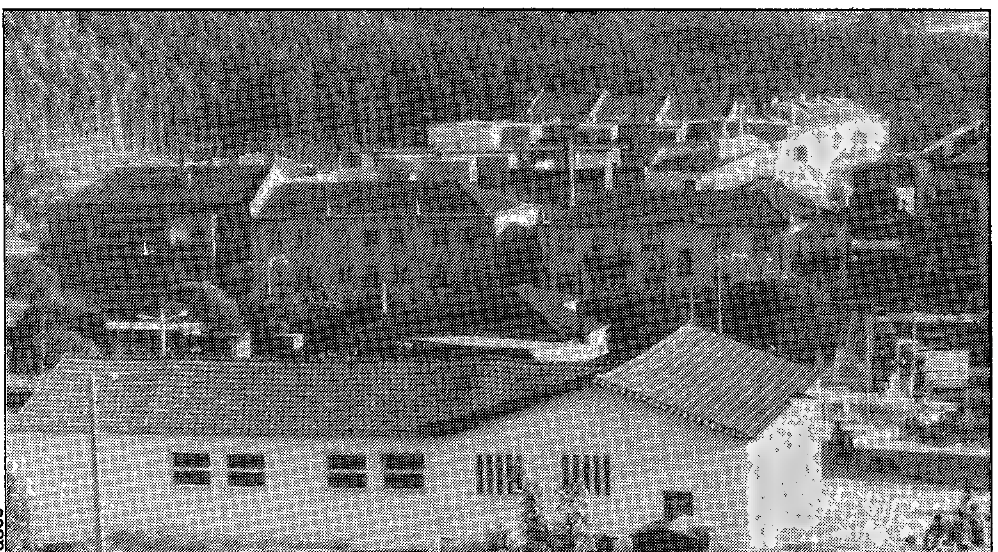
aqui. Era uma tomada de consciência de toda uma comunidade inserida no mundo e num país de contornos reais, com problemas culturais, sociais e políticos complexos e urgentes. Era a capacidade progressiva de alguns cristãos e cada vez mais, o afirmarem e tentarem mesmo propostas reais de modificação das estruturas para que elas fossem mais humanas e isto por exigência profunda da sua própria fé.»

Aceitou apagar-se a vender o seu nome. Foi viver para S. João de Brito, ficou sem paróquia mas continuou a dar aulas. Mais tarde, vai para Belas, em Queluz, e, em Outubro de 1985, aceita a paróquia de Rio de Mouro, onde desenvolveu um trabalho de ajuda fraterna a refugiados timorenses, a idosos e a crianças.

O padre Jardim Gonçalves diz-nos que nunca contactou muito directamente com ele, embora fosse uma pessoa que despertou sempre a sua atenção. «Por volta de 1960, encetámos uma relação de camaradagem e de reconhecimento mútuo. Sentíamo-nos embarcados num mesmo projecto: na busca de uma Igreja que era a nossa, mas que cada vez mais estava divorciada do compromisso do que podia ser a vida dos Homens. Era um resistente, não no sentido político do termo, mas, sobretudo, no espiritual e de quem permaneceu de pé até ao fim a lutar pela mesma causa».

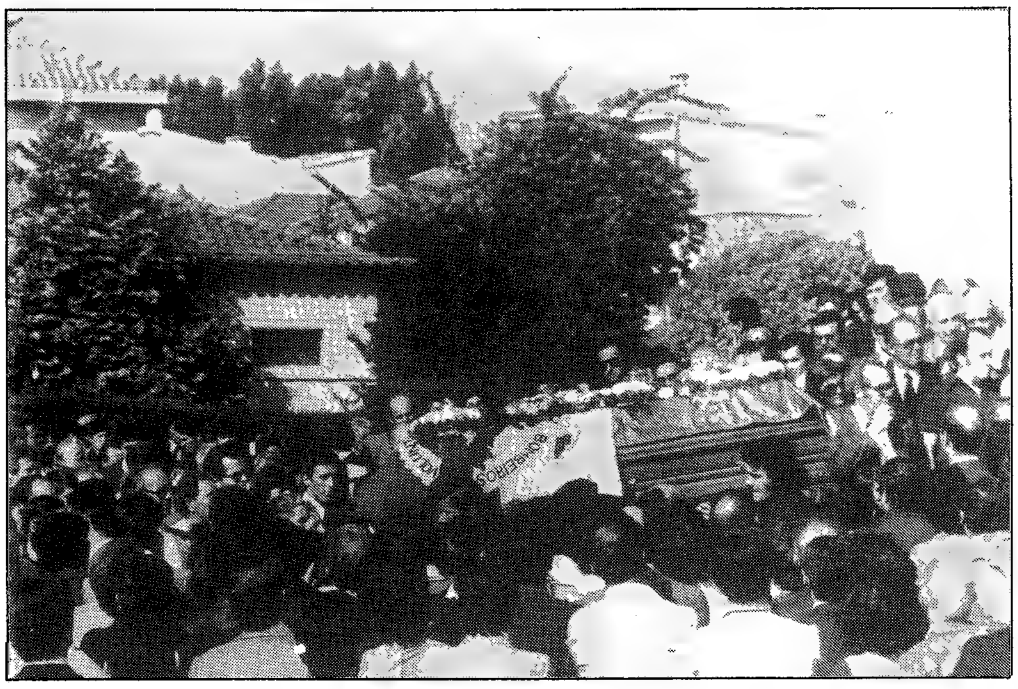
Alberto Neto Simões Dias era um homem exigente quanto à honestidade e coerência do que pensava e fazia. Muitas vezes esteve sozinho, isolado até da própria Igreja a que pertencia, mas nunca desistiu da opção que fez aos 18 anos quando entrou para o seminário de Almada.

A.M.I.


Rui Vasco

A sua presença deu à paróquia de Rio de Mouro uma vivência mais intensa

CINA



Pensa-se que os mentores e autores do assassinato de Joaquim Ferreira Torres estiveram no funeral

Quatro crimes por resolver

Incómodos até ao fim

Foram incómodos em vida e, segundo parece, também o são na morte. Passados vários anos, a PJ continua sem pistas concretas que apontem para a resolução dos seus assassínios. São os chamados casos quentes do pós 25 de Abril, que há muito se arrastam nas malhas das investigações e no silêncio das autoridades.

Há pouco mais de 15 dias, o homicídio de Augusto Castro Martins, no Porto, trouxe de novo para a opinião pública o caso da morte de Joaquim Ferreira Torres,o industrial de Murça, considerado um dos principais mentores e financiadores da rede bombista. Segundo consta, Castro Martins tinha sido ouvido pela PJ e dizia-se que ele estava bem informado sobre o caso.

Joaquim Torres foi abatido a tiro a 21 de Agosto de 1979, em Barro Branco, a quatro quilómetros de Paredes. O industrial nortenho aguardava em liberdade provisória a repetição do julgamento em que era acusado de instigador da rede bombista. Pouco passava das 8 horas. A vítima seguia para o trabalho no seu *Porsche* vermelho e é atingido por duas rajadas de metralhadoras ao passar numa zona erma e arborizada. Do crime, nada ficou que pudesse identificar os mentores e executores.

O sub-inspector Fausto Saraiva, da PJ do Porto, assume as investigações. Fala-se de um ajuste de contas. Joaquim Torres tinha-se tornado num elemento perigoso ao mostrar interesse em desligar-se do grupo a que pertencia. Na altura, figuras envolvidas no processo admitem que os mentores do crime possam pertencer a esse mesmo grupo. Um mês depois, um elemento da PJ afirma publicamente que os possíveis responsáveis do crime, directos ou indirectos, já tinham sido referenciados. Contudo, nada mais se soube e tal nota não consta do processo enviado, cinco anos depois, ao Tribunal de Instrução Criminal de Penafiel. O processo é arquivado «até à produção de melhores provas». Em 1988, o Procurador-Geral da República reabre o caso. Argumenta que há novas pistas. Mas, até hoje ninguém foi apresentado como suspeito ou detido. Fala-se em provas abandonadas ou destruídas.

Atentado político?

O crime da Cumieira, que vitimou o padre Max e a jovem Maria de Lurdes Costa, é outro dos casos que a justiça ainda não puniu. Já lá vão 14 anos e tudo continua por apurar. Maximiano de Sousa era candidato da UDP e uma das figuras que ensombrava a ala nortenha contra-revolução.

Em pleno PREC (Processo Revolucionário em Curso), o crime é considerado como um atentado político cometido pelo Movimento Democrático de Libertação de Portugal (MDLP), de António Spínola. Um primeiro relatório apresenta o então cónego da Sé de Braga, Eduardo de Melo Peixoto, como o instigador do homicídio, o major e ex-conselheiro da Revolução, José Canto e Castro, como o fornecedor da bomba, e Rui de Castro Lopes, director e editor do «Notícias de Chaves», como o contacto com os executores. Eram eles: Carlos Paixão, Alfredo Vitorino, Valter Santos e Alcides Pereira. Estava definido quem fez e quando. As provas de culpabilidade é que eram poucas. O caso continua por solucionar.

O duplo homicídio ocorreu a 2 de Abril de 1976. A 4 de Junho a PJ faz o primeiro exame ao local do crime e só um ano mais tarde, 27 de Maio, realiza a primeira análise aos destroços do carro do padre Max. A PJ leva dez a elaborar o processo de instrução preparatória. A acusação é formulada apenas em 1986 e parte do advogado dos familiares das duas vítimas face à abstenção do Ministério Público. Algumas vicissitudes e contradições têm marcado este caso, o qual já passou por vários processos de arquivamento e de recursos.

Um presente armadilhado

Vila Real de Trás-os-Montes. 25 de Janeiro de 1985, Sidónio Cabanelas, um jovem empresário e campeão nacional de velocidade de automóvel, recebe no seu escritório uma encomenda armadilhada. A explosão dá-se às 18 e 45. O móbil e os autores do crime ainda hoje não foram descobertos. Aparentemente, não existiam razões para silenciar Sidónio Cabanelas. As investigações apontaram várias hipóteses. O acto foi atribuído à extrema-esquerda, depois à extrema-direita e, mais tarde, falou-se na possibilidade de no caso estarem envolvidos traficantes de pedras preciosas. Passados cinco anos todas as hipóteses continuam a ser válidas.

Não tinha inimigos

A notícia foi dada, mas sem grande espectacularidade. António Martins Brandão, 32 anos, vereador do PRD na Câmara Municipal de Meda, foi assassinado com dois tiros, na noite de 26 de Julho de 1987, quando se encontrava na garagem da sua residência. A arma do crime nunca foi encontrada e as autoridades ainda não conseguiram explicar a morte de um homem que parecia não ter inimigos.

Uma das primeiras hipóteses levantadas foi a de que António Brandão teria sido morto por alguém com quem tinha tido, dias antes, uma discussão pública. Tese que caiu por terra quando a pessoa em causa faleceu num desastre de automóvel.

A pista mais plausível diz respeito ao facto de Martins Brandão querer apurar a verdade sobre alguns negócios obscuros do município. Passaram três anos sobre este caso. A PJ diz que as investigações continuam. Mas, se calhar, é cedo para se chegar a uma conclusão.

ECONOMIA

BREVES

Sociedade de corretagem participada pelo BNU

Foi autorizada a constituição da Sofin - Sociedade Financeira Internacional de Corretagem, SA, em cujo capital, de 500 mil escudos, participa o Banco Nacional Ultramarino, a corretora Judite Correia, a Corporacion Financiera da Caja de Madrid, a Fidelidade, a Tranquilidade e a Compta.

A IBM portuguesa factura 27,7 milhões de contos

As receitas da IBM Portugal em 1989 ascenderam a 27 milhões e 783 mil contos, permitindo-lhe ter um lucro líquido de dois milhões e 454 mil contos, contra apenas 1,62 milhões em 1988. No ano passado, o autofinanciamento bruto atingiu os 3,99 milhões de contos, o que permitiu que o financiamento das suas operações fosse normalmente efectuado com recursos próprios, chegando ao final de 1989 sem quaisquer empréstimos.

Grupo Fonsecas & Burnay está a operar no *leasing*

O grupo Fonsecas & Burnay está a operar desde o princípio deste mês no mercado português de *leasing* através de empresa SOL (Sociedade de Leasing Mobiliário, SA), tendo-se associado a um especialista mundial do sector, a Westpac (australiana). Os dois parceiros repartem a posição de accionistas maioritários da SOL, detendo cada um 37,5 por cento de um capital social de 750 mil contos.

Inix e Polaris associam-se para mercados africanos

A *software-house* portuguesa Inix associou-se com a Polaris para operarem em conjunto no mercado africano. A Polaris é uma empresa do grupo Halcon, detendo forte posição na Europa, Médio Oriente e África, além de presença significativa nos Estados Unidos e Canadá. O acordo prevê a reformulação de produtos já implantados e testados nos sectores bancário, segurador, hospitalar e de transportes marítimos. Teresa Ventura, presidente da Inix, considera que o acordo foi possível por a sua empresa ter importantes posições nos PALOP e possuir «valioso *know-how* no desenvolvimento de *software* de quarta geração».

Instituto único de promoção em estudo pelo Governo

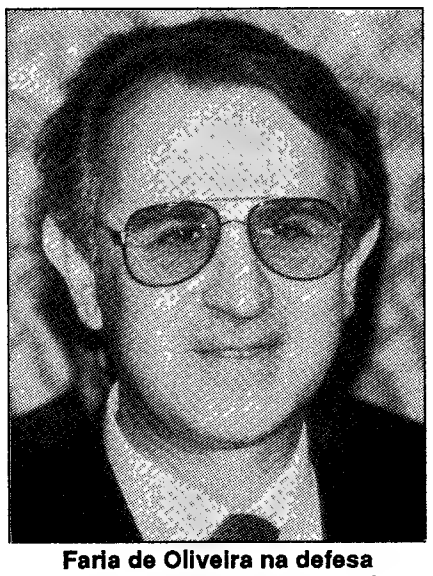
O Ministro do Comércio e Turismo defende diversificação de acções e de investimentos, com um objectivo global

Uma equipa especializada está a estudar as vantagens e inconvenientes de um instituto de promoção externa de Portugal, ideia defendida pelo ministro do Comércio e Turismo, Faria de Oliveira. O novo organismo, que poderá integrar o ICEP, com a vertente do investimento estrangeiro, e o IPT, para o turismo, será uma centralização positiva «não apenas quanto à racionalização dos custos e melhor aproveitamento das instalações» existentes dos institutos envolvidos, como também «pelas vantagens que resultarão da promoção integrada e global do país no exterior».

Antes de ser tomada uma decisão definitiva, até Outubro próximo, quer quanto à reformulação dos institutos existentes e quer quanto à criação do novo, deverão ser resolvidos os problemas que afectam o ICEP, designadamente a deficiente dotação em recursos financeiros.

Faria de Oliveira referiu que as dificuldades financeiras do Instituto do Comércio Externo de Portugal estão ligadas ao seu orçamento para o corrente ano, designadamente por as responsabilidades da parte de investimento estrangeiro nas receitas não terem ultrapassado os 65 por cento dos valores de 1986.

A reestruturação dos instrumentos de promoção do país no exterior está interligada com uma acção mais ampla, que é a internacionalização das empresas portuguesas, tendo o ministro acres-



Faria de Oliveira na defesa de uma promoção concertada

centado que a maioria destas não tem estruturas comerciais com capacidade para ultrapassar as fronteiras nacionais e de, designadamente, abordar o mercado da CEE.

Investir no estrangeiro

O ministro, citado pela Lusa, que considera que aquele mercado «é cada vez mais o nosso mercado doméstico», acrescentou ser «necessário investir no estrangeiro, por um lado, criando canais de distribuição adequados e, por outro, promover o investimento produtivo», tendo afirmado que, quanto à promoção externa do investimento nacional, o seu Ministério definiu duas áreas distintas de actuação.

Estas são, conforme disse, uma que engloba os países africanos e onde importa participar no capital de empresas já existentes a necessitar de modernização, ou em novas empresas, com a possibilidade de associação com capitais locais, enquanto a outra é a do investimento no estrangeiro na Europa, que poderá ou deverá ser, numa primeira fase, minoritária, com a tomada de posição em empresas existentes a fim de ser feita uma aprendizagem, útil para que se avançe para etapas seguintes.

A abordagem dos mercados precisa de uma estrutura específica, que está a ser montada, de forma a ser seguida uma estratégia de diversificação, para que a economia nacional passe a ser menos europeia, em termos relativos, nomeadamente nos domínios comercial e do investimento, tendo presente que, nas exportações, a dependência nacional, em relação aos mercados europeus, é presentemente da ordem dos 74 por cento, o que deve ser invertido.

O investimento estrangeiro em Portugal também está a ser encarado como um factor de diversificação geográfica da economia, além de ser um elemento estruturante e modernizador. Disse Faria de Oliveira que «trazer parceiros de fora da CEE para Portugal é um dos pontos importantes da estratégia que estamos a seguir».

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	39$45	45$45
ALEMANHA FED. (marco)	86$75	87$95
ÁUSTRIA (xelim)	12$30	12$50
BÉLGICA (franco)	4$026	4$276
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123$20	125$70
(notas de 5 a 1000)	123$70	126$20
DINAMARCA (coroa)	22$75	23$15
ESPANHA	1$379	1$499
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	143$20	146$70
(notas de 5 a 1000)	143$70	147$20
FINLÂNDIA (marka)	37$00	37$60
FRANÇA (franco)	25$85	26$55
HOLANDA (florim)	77$05	78$15
IRLANDA (libra)	233$90	237$90
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$909	$964
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
GRÃ BRETANHA (libra)	256$85	261$35
SUÉCIA (coroa)	23$90	24$40
SUÍÇA (franco)	102$45	103$95
VENEZUELA (bolívar)	2$619	3$419

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Transinsular privatizada no início de Agosto

A Transinsular vai ser privatizada na primeira semana de Agosto, sendo o dia 6 a data mais provável para a realização da oferta pública das 715 mil acções de posse do Estado.

O Banco Pinto & Sotto Mayor, que detém 51 por cento do capital social da empresa, foi designado para a organização do processo de alienação da empresa.

A Transinsular, que resultou da fusão das companhias Nacional de Navegação e Transportes Marítimos, tem um capital social de 1,4 milhões de contos. Obteve em 1989 resultados líquidos superiores a 250 mil contos (mais 19 por cento do que em 1988) e a sua facturação ascendeu a 7,3 milhões de contos. A principal actividade da empresa é o transporte regular de carga em contentores, tendo iniciado a sua actividade em 1985 com ligações aos Açores e à Madeira, as quais tem vindo a diversificar, nomeadamente para os portos do Norte da Europa, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Mauritânia e região mediterrânica.

MUDANÇAS
TRANSPORTES DE PIANOS – COFRES
SERVIÇOS DIÁRIOS DE CARGA GERAL
LISBOA – SINES
PESSOAL ESPECIALIZADO
A TRANSPORTADORA IDEAL DE ST.ª ISABEL
LARGO DO MITELO, 18 (ao Campo Santana)
☎ 53 26 37 - 57 74 79 FAX: 352 51 61

Governo só aceita flexibilidade se empresários a negociarem com os sindicatos e aceitarem pagar parte dos custos

Os espahóis em luta contra crise têxtil

Se os empresários têxteis espanhóis querem flexibilidade, então que cheguem a acordo com os sindicatos e decidam-se a arcar com parte dos custos que representa esta solução.

Foi esta a resposta do Governo de Madrid às pretensões dos industriais do sector têxtil, a braços com uma crise que começa a ser idêntica à portuguesa.

Para além da flexibilidade laboral, os empresários querem também meios para aumentar o investimento e a produtividade, redução dos custos financeiros, uma política industrial adaptada às circunstâncias e a desvalorização da peseta.

Este plano (que a ser aceite viria de certo a ter repercussões nos têxteis portugueses) vai começar a ser debatido pela organização patronal, os sindicatos e o Governo dentro de curto prazo.

Com a flexibilidade, os industriais pretendem ter a possibilidade de suspender a sua actividade durante um máximo de 90 dias anuais, período durante o qual os trabalhadores atingidos receberiam o subsídio oficial de desemprego. O Governo espanhol aceita esta cláusula, desde que ela seja negociada com os sindicatos e que os empresários assumam parte das despesas que ela acarreta para o Estado.

Por outro lado, aconselha os industriais a enveredarem pelo caminho da cooperação ou da fusão, em particular nos que se refere às pequenas unidades produtivas.

Por seu turno, a organização patronal sublinha as dificuldades que as empresas têm em exportar devido à «concorrência desleal por parte de países em vias de desenvolvimento e das economias proteccionistas».

Lembra-se que entre 1985 e 1989 o sector têxtil espanhol passou de um excedente de cerca de 100 mil milhões de pesetas para um défice anual da mesma ordem.

CULTURA

Crítica de teatro

Claudel na Sé de Braga

O ANÚNCIO FEITO A MARIA, de Paul Claudel. *Tradução:* Regina Abramovici. *Encenação:* Rui Madeira. *Cenografia / Adereços / Figurinos:* Alberto Péssimo / Victor Silva. *Desenho de Luzes:* Paulo Lobato Costa / Seguenail. *Interpretação:* Alexandre Passos, José Ananias, Rui Madeira, Amélia Varejão, Ana Bustorff, Júlia Correia, Carlos Feio, Isabel Marado, José Álvaro Correia, Camilo Silva, Francisco Costa, Manuel Correia, Fátima Loureiro, Olinda Duque, Paula Basteiro. *Companhia de Teatro de Braga*. Estreia: Sé-Primaz de Braga / 31-05-90 (12/06/90).

«L'Amour faite à Marie» deu nas duas traduções que se conhecem em português (de Portugal) «O Anúncio feito a Maria». Este título, por mais fiel que seja ao título original, é bastante feio, benza-o Deus. Aliás, esta nova tradução, de Regina Abramovici, não me parece ter adiantado grande coisa em relação à anterior, de Sophia de Mello Breyner, utilizada por Jorge Listopad com o Teatro Nacional D. Maria II («DL»/ 20-07-83). Pelo contrário, pareceu-me detectar nela soluções linguística e teatralmente pouco imaginativas.

«O Anúncio feito a Maria» é uma bela e longa peça, mistério chamou-lhe Claudel, o que parece adequar-se não só ao tema como à própria construção da obra. Pode dizer-se que Claudel viveu com esta peça (como com outras) de tal maneira a reescreveu ao longo dos anos, desde 1892, ainda como «La jeune fille Violaine» até à versão definitiva de 1948, quando da representação no Teatro Hébertot, com Alian Cuny no papel de Pierre de Craon, encenação de Jean Vernier, aliás, do próprio Claudel. Como declarou o poeta ao «Monde», «L'Annonce...» representou o fruto de cinquenta e seis anos de paciência obstinada.

A peça conta a história de vários milagres. Para quem não acredita em milagres, a peça conta várias histórias de amor. É principalmente a história de Violante, noiva de Tiago, que beija Pedro, construtor de catedrais, quando o pai parte para uma cruzada.

Beijo de amor, por isso de traição, ou apenas beijo de amizade, de compaixão porque Pedro tem o mal da Idade Média, a lepra de que Violante recebe o contágio. Mara, a irmã de Violante, apaixonada por Tiago, conta-lhe a cena que presenciou, o beijo, pecado sem remissão. Tiago recusa Violante e casa com Mara. Leprosa, Violante refugia-se no fundo da floresta numa cabana solitária onde vive separada do mundo, acabando por cegar. Oito anos passados, Mara procura-a com o cadáver da filha que tivera de Tiago. O milagre dá-se: Violante restitui a vida à menina que quisera ter de Tiago, ao mesmo tempo que lhe dá a cor azul dos seus olhos. Mara não desvenda a Tiago o segredo do milagre e tenta matar a irmã que é salva pelo pai, quando este regressava da cruzada onde soubera que Pedro se curara. Tiago

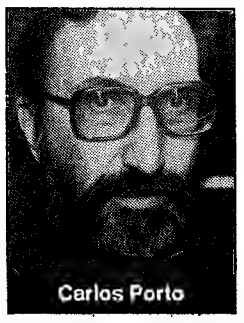
sabe o que se passou quando Violante morre.

Esta história tão cheia de amor e de imaginação é contada numa linguagem, ao mesmo tempo, sumptuosa e quotidiana, utilizando uma impressionante carga simbólica (nomes das personagens, sons, objectos, condições corporais, lepra e cegueira, natureza, etc.). É também, sob esse aspecto, uma obra-prima do teatro do século XX.

O espectáculo nasceu de um convite dirigido pelo Cabido da Sé à Companhia de Teatro de Braga para apresentar um espectáculo que se integrasse nas Comemorações dos 900 anos da Catedral. A Companhia sugeriu a montagem da peça de Claudel num espaço a céu aberto da Sé-Catedral.

Não é preciso sublinhar as dificuldades de um projecto como este agravadas pelo facto de «a Companhia estar a atravessar um período algo conturbado, um tempo de indefinição quanto ao seu futuro próximo, à sua estabilidade económica, à concretização do seu projecto», nas palavras do seu director, Rui Madeira. Tudo isto, claro, em virtude da SEC ter acabado com o subsídio regular com o qual a Cena se preparava para produzir um outro espectáculo com a peça de Ibsen «A Dama do Mar».

A leitura que Rui Madeira propõe da peça de Claudel não escamoteia as dificuldades da peça através de truques mais ou menos óbvios; pelo contrário aceitou essas dificuldades e procurou jogar com elas. Podemos mesmo dizer que as agravou, a meu ver, desnecessariamente através de um dispositivo cénico complicado cuja movimentação obriga ao prolongamento do tempo do espectáculo que se tornou, na noite em que o vi, praticamente incomportável com a atenção que um texto como este exige.



Carlos Porto

A redução desse dispositivo às velhas e rugosas paredes da Sé, à árvore e à bela mesa teria simplificado a encenação, o trabalho dos actores, teria permitido um outro ritmo, um tempo mais denso e produtivo. Esse, a meu ver, o grande problema que o espectáculo levanta: o de se colocar involuntariamente e desnecessariamente contra o público (na noite em que lá estive, uma parte dos espectadores, sobretudo jovens, desistiu). Apesar de tudo, é um problema menor já que o espectáculo o supera, mercê não apenas da beleza de um texto que é uma permanente dádiva de emoção poética, mas também do trabalho de entendimento desse texto por parte não só do encenador como dos intérpretes, de alguns deles. É certo faltar por vezes ao trabalho de alguns actores a intensidade que o verbo de Claudel exige e que as situações levantadas pelo conflito implicam; é certo que as próprias condições do espectáculo dificultam a assumpção interior da palavra e da tragédia claudelianas. É isso que explica, além dos referidos problemas levantados pela movimentação do dispositivo cénico, alguma resistência, alguma incomunicabilidade por parte do espectáculo. Dois intérpretes ultrapassam admiravelmente esses problemas. No papel de Mara, Júlia Correia exprime o carácter sombrio, doloroso, apaixonado de Mara. Trata-se de um dos melhores trabalhos que vi a esta actriz, aquilo a que é justo chamar uma criação. O mesmo poderemos dizer de Alexandre Passos, voz magnífica, trabalho poderoso, de grande intensidade por vezes fulgurante, em Ana Vercors.

Foi essa intensidade que faltou a Ana Bustroff (Violante) na noite em que a vi, como falta a Amélia Varejão (Mãe), João Ananias (Tiago) e Rui Madeira (Pedro).

As reservas ditas não excluem apreço por um espectáculo que serve com modéstia mas não com inautencidade nem sinceridade um texto tão difícil como este. Vale mais um espectáculo ambicioso, mesmo falhado, o que não é o caso, do que um outro desambicioso, muito bem feitinho.

PS — A «foto» que ilustrava (?) a crítica de teatro intitulada «Um Amigo em Casa» (3-07-90), não era desse espectáculo mas sim de «A História da Galinha Laura» e devia ter sido publicada no «DL» de 25-06-90 junto de uma nota sobre a morte de Dalton Salem Asseff, como se podia ler na respectiva legenda.

Até dia 13 em Évora, Famalicão e Oeiras

Música de Tradição Europeia

Por iniciativa da «Etnia» - cooperativa cultural sediada em Caminha - e com o apoio das Câmaras Municipais de Évora, Famalicão e Oeiras, decorrem desde ontem nestas três localidades os «Encontros Musicais da Tradição Europeia».

Até ao próximo dia 13, poderão ser apreciados, sempre a partir das 21.30 horas e com entradas gratuitas, músicos ou agrupamentos tão importantes como Carlos Paredes por Portugal; a figura mítica da música "folk" das Ilhas Britânicas que é o escocês Andrew Cronshaw; o autor-compositor galego bastante divulgado entre nós Emílio Cao; o grupo italiano de Piemonte «La Ciapa Rusa; o espanhol da Cantábria (antropólogo, jornalista e músico) Manuel Luna; e os «Perlinpinpin Folc», um agrupamento também de grande prestígio que nos chega da Occitânia, região do Sul de França, entre a Catalunha e a Côte d'Azur.

A necessidade de uma estratégia cultural europeia, capaz de fazer face ao crescente impacte mediático dos padrões de vida e cultura da sociedade norte-americana, é hoje cada vez mais consensual junto dos governos europeus e das próprias estruturas comunitárias.

Torna-se, assim, urgente, dinamizar um máximo de iniciativas locais/regionais no espaço europeu, visando o estabelecimento ou reforço dos intercâmbios.

Neste quadro de preocupações, a música popular e tradicional surge como uma das mais vivas e interessantes manifestações artísticas.

Sendo Portugal, actualmente, um dos países da Europa em que a música tradicional e popular está mais viva, parece evidente a oportunidade e a pertinência da divulgação, entre nós, de distintas expressões musicais da tradição europeia, numa perspectiva de enriquecimento multilateral. Segundo o programa, os espectáculos decorrem de acordo com o seguinte calendário: em Évora, actuaram ontem Manuel Luna e os Perlinpinpin, hoje La Ciapa Rusa e Carlos Paredes e sábado Emílio Cao e Andrew Cronshaw. Em Famalicão, nos Jardins da Câmara, depois das actuações, ontem à noite, de Paredes e Cronshaw, estarão no domingo Manuel Luna e La Ciapa Rusa e na segunda-feira Emílio Cao e os Perlinpinpin Folc.

Finalmente, em Oeiras - no auditório do Complexo Social das F A's - estiveram ontem La Ciapa Rusa e Emílio Cao, apresentam-se hoje Manuel Luna e Andrew Cronshaw e daqui a uma semana, dia 13, o derradeiro espectáculo dos encontros será preenchido com as actuações de Carlos Paredes e do agrupamento Perlinpinpin Folc.

«Tubarões»: três espectáculos em Portugal

Os «Tubarões», banda «oficial» de Cabo Verde, iniciaram ontem no Teatro Rivoli do Porto uma série de três espectáculos em Portugal. Os restantes concertos estão previstos para hoje à noite na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa e, para amanhã, no Pavilhão da Académica da Amadora. «Os Tubarões» são o grupo mais credenciado de Cabo Verde.

A Barraca inaugura hoje Terraço do Cinearte

O grupo de teatro «A Barraca» inaugura esta noite, no Cinearte, um novo espaço, onde passará a apresentar a peça «O Baile». Trata-se, assim se pode dizer, de um "teatro ao ar livre", já que foi exactamente o terraço que o grupo decidiu aproveitar para esta nova função.

Desta vez, ao Baile não terão apenas acesso os actores, mas também os espectadores: assim, no final das representações, quem assim o desejar pode, além de "tomar um copo", dar o seu pezinho de dança. E disfrutar, ainda, tanto o fresquinho da noite como uma bela vista sobre o Tejo.

Acrescente-se que esta versão que Helder Costa fez baseada no filme «O Baile» de Ettore Scola, inclui agora no elenco novos elementos, oriundos do grupo de formação de actores de «A Barraca». São eles os jovens Cláudia Negrão, Paulo Baptista Coelho, Lena Macedo e Pedro Alpiarça.

Com mais esta iniciativa, o grupo de Céu Guerra e Helder Costa, prossegue um meritório trabalho de dinamização, que consiste em incentivar o contacto entre público e actores, como fizera, por exemplo, em várias sessões de «Margarida do Monte», nomeadamente com festas ciganas.

Revistas de música

Um mercado difícil em Portugal

À medida que a Europa nos inclui são cada vez em maior quantidade os títulos de revistas que chegam às nossas tabacarias, desde as mundanas e magazinescas às que buscam nalguma especialidade, ainda que bizarra, a sua justificação editorial. Mas também é verdade que se a CEE quebrou o nosso tradicional isolamento mediático em matérias como a que ocupa este texto, a música, os benefícios vão, obviamente, para as publicações europeias e quem quer consumir leitura de além-Atlântico vê-se confrontado com todo o tipo de obstáculos.

Num contexto destes é evidente que são muitas as publicações automaticamente marginalizadas pelos distribuidores que por cá actuam, e tanto assim é que, se uma «Down Beat», apesar de americana, ou uma «Le Monde de la Musique» podem ser encontradas em qualquer local, revistas musicais como a «Jazziz» ou a «Option» muito raramente chegam às lojas portuguesas. Os critérios da selecção, claro, não têm nada a ver com a qualidade respectiva de cada uma delas, mas com aspectos bem «materiais», como as taxas, as políticas alfandegárias, as decisões governamentais nos States ou parlamentares na Comunidade Europeia e por aí adiante... Um rosário.

Uma das mais importantes, e com maior mercado em Portugal, é a francesa «Jazz Magazine», cujo número mais recente, o de Junho, é dedicado à presente época de festivais. Não é difícil encontrá-la, pelo menos em Lisboa e no Porto, e ainda bem. Para nos atermos a uma análise de estilos, fica a referência - subjectiva, necessariamente - de que a individualização deste projecto que já vai no n.º 349, contado mês a mês, ano a ano, reside numa dupla característica, que os seus mentores tornam complementar.

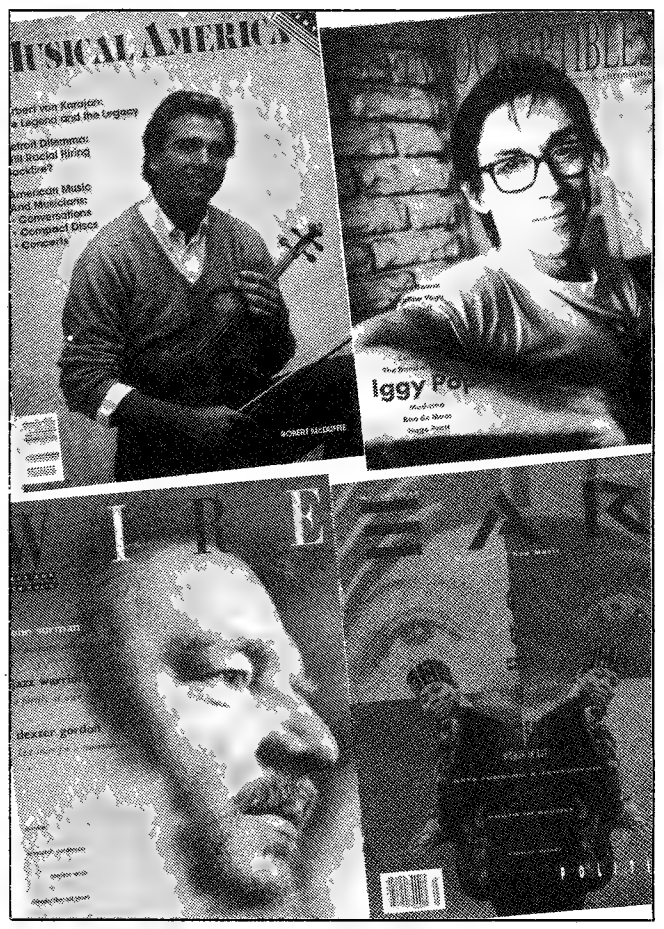
O olhar abrangente, largo e tolerante que lança para o presente das músicas que alguma relação possam ter com o jazz, seja por ruptura com o género como por aproximação, é somado a uma perspectiva memorizante e reflexiva sobre a história do jazz *tout court*. O procedimento não é muito habitual, e tem consequências evidentíssimas ao nível da lucidez jornalística que é constatável nas suas páginas.

Temos pois, com a «Jazz Magazine», uma gratificante intervenção problematizadora, o que não a impede de alguns apriorismos selectivos que contribuem para a distinguir da sua grande rival americana, a «Down Beat», que não é capaz de separar o trigo do restolho. Como esta outra magazine dedicada à música, terá o senão, talvez, de ser um tanto institucional, ainda que o defeito não passe da linguagem. Observando bem o seu percurso, é de afirmar sem quaisquer hesitações que o grosso das práticas musicais europeias mas também americanas tem sido objecto da sua constante atenção, independentemente dos valores assumidos por X ou Y correntes.

Agir por reacção

Sim, neste número vem uma cobertura fotográfica (que é o recurso magazinesco por excelência, diga-se de passagem) da ida de três dos maiores músicos europeus a África, designadamente Aldo Romano, Henri Texier e Louis Sclavis, nomes que constam nas listas ministeriais quando há que organizar «excursões» para exposição cultural francófona ou outra, mas também podemos ler uma entrevista feita a Jean-Louis Chautemps sobre a sua participação musical numa peça de teatro inspirada na figura de Elvis Presley (uma «anomalia», portanto), ou outra a Steve Lacy a propósito da utilização, pelo saxofonista americano, da poesia de um Brion Gysin ou de um Ossip Mandelstam. A revista age, pois, por reacção, e mostra-se sensível aos assuntos que disponham de uma boa carga de curiosidade: está afoita a registar que Claude Bolling irá gravar a suite «Black, Brown and Beige» de Duke Ellington na versão integral, coisa que nem o próprio compositor chegou a fazer, ou que o guitarrista Bill Frisell, uma das luminárias da cena nova-iorquina actual, já tocou pop com Marianne Faithfull.

Ora, o que a «Jazz Magazine» tem a mais em substância (demora sempre muito a ler, na verdade) uma outra magazine de França tem na demasia do estilo, ou não se inspirasse em modelos como a «Face» ou a «Arena» britânicas, e ainda a «Interview» de Andy Warhol. Tal condição não vem em desprimor seu, avisemos já: «Les Inrockuptibles» talvez seja a revista mais bem feita entre aquelas de que aqui vos falamos. Todos os mostruários a incluem, e um halo de novidade acompanha-lhe o sucesso português. De facto, só recentemente esta colectânea bimestral de entrevistas e crónicas dedicadas ao rock, no oposto do *digest*, começou a ser vendida por cá. O último número (o 23º, para que conste) é referente a Maio/Junho e traz o cantor Iggy Pop na capa. Hugo Pratt, o desenhador das BD's de Corto Maltese, é nela entrevistado e, como não podia deixar de ser, fala daquilo que faz mas também de música. Mais concretamente, de jazz. Assim procede, de resto, o precursor do *glamour rock* e do *punk*, Iggy Pop. Coltrane surge como uma personagem inevitável nas suas palavras, e o líder dos antigos Stooges aponta com agrado que não só a sua banda como até os Doors tinham algumas noções de jazz. Mas não é tudo: segundo as declarações prestadas pelo autor de «The Idiot», John Cage, o compositor e teórico «erudito», está na sua bagagem de conhecimentos musicais. Quando também um outro entrevistado, Kurt Ralske, dos Ultra



Vivid Scene, admite o seu gosto pelo *free jazz* e por John Zorn, dá para pensar que algo se passa entre estes «incorruptíveis» do rock.

O grande trunfo de «Les Inrockuptibles» é devolver ao rock um certo estatuto de «inteligência» de que tem andado apartado no âmbito das estranhas lógicas do mercado e da música de massas. A sua função primordial será, na decorrência disso mesmo, a catalogação, pelo mérito, dos *rockers* que for escolhendo para os seus diálogos. Pode o abordado ser o rebelde Mark E. Smith, do grupo *anti-rock* The Fall, ou uma quase *folk-singer* como Suzanne Vega: os pressupostos, e o alcance destes, mantêm-se óbvios, na alternativa a uma «fundadora» «Rolling Stone», criadora de factos musicais, ou a uma formal «Rock & Folk». E é «óbvia» essa revista que se classifica como um «journal of classic music», epíteto que serve de legenda a «Musical America», uma daquelas publicações que só por milagre chegam a Portugal. Magnífica, esclarecedora, com um grafismo que a assemelha de certa maneira à «Time», não se espere que a sua vocação seja exclusivamente «clássica» ou que tenha um implacável acento académico.

Na mais recente «Musical America» a que tivemos acesso, datando de Janeiro passado, inserem-se dois artigos que muito dirão aos apreciadores dos Novos Sons. Um é «Vital Signs - Taking the pulse of American music on the threshold of the '90s» e passa em revista as tendências e latências musicais americanas que estão na fronteira entre tudo e nada, esse lugar impreciso onde cabem compositores como John Adams ou Michael Torke, ex-jazzistas dedicados ao sinfonismo como Anthony Davis ou ex-vanguardistas que agora se aplicam na nova música pop como Laurie Anderson, ou uma lista de músicos inclassificáveis na qual constam Stuart Dempster e Ingram Marshall.

Receitas e confirmações

Outro é um apontamento de reportagem, à boa maneira americana, sobre o Festival Gidon Kremer, que todos os anos tem lugar na pequena cidade austríaca de Lockenhaus. Os consumidores das produções ECM-New Series sabem com certeza quem é o violinista Gidon Kremer e não deixarão de ver confirmada, na leitura destas linhas, a rara vitalidade e riqueza da iniciativa, que afinal está por trás de tantos registos da etiqueta alemã. Dever-se-á falar de estilo? Já não, antes de um grande sentido de eficácia mediática, que é limpa, sóbria, alheada das modas mas profunda e objectiva. É possível ter qualidade mediante as formas mais díspares, pois.

Inglesa é a «Wire», interessada nos cenários do jazz contemporâneo e da chamada New Music. Quer isto dizer que ao lado de uma prosa sobre, e com, John Surman, pode vir outra sobre, e com, Krzysztof Penderecki, tal como aconteceu no número de Junho. É mais uma receita: textos breves, incisivos, essenciais, e como convém mais jornalísticos do que de *expertising*, fazendo da escrita um jogo de referentes e de ambiguidades variado, plural e pluralístico. Nunca se atreve, a revista, a traçar linhas de uniformização (nesse sentido consegue, aliás, ser ainda mais «livre» do que a continental «Jazz Magazine»), mas por isso tem a contrapartida de alguma superficialidade: defeito menor, no entanto. Musicologicamente mais ecléctica do que a congénere francesa e culturalmente menos «centralizada» do que aquela, a «Wire» acaba por dar provas de uma capacidade de digestão pensante que está bastante longe de ser passiva.

Nesse aspecto, este título que só é comercializado numa discoteca de importação, a Contraverso, é capaz de ter para nós maior préstimo do que a americana «Ear», uma «magazine of New Music» que peca pelo primarismo a preto-e-branco de alguns dos seus conceitos e que raramente aparece por aí. «Esquerdista» à maneira *yankee*, ou seja, da pior maneira, a revista resvala excessivamente para o sociologismo, tirando por vezes conclusões simplistas dos fenómenos musicais que aborda, para, noutras ocasiões, partir de ideias feitas. A última que vimos à venda é de Março e o sumário define desde logo o seu modo de estar: as mulheres improvisadoras e as mulheres no *rap*, a rádio em revolta, a censura nas artes ou o *apartheid* através do testemunho dos Ladysmith Black Mambazo.

Uma outra faceta da «Ear» desculpa, porém, tudo isto: escreve sobre os discos que nenhuma outra publicação ouve, vai aos concertos a que ninguém vai, e tem a mais absoluta falta de escrúpulos relativamente a tudo o que releve de purismos ou escalonamentos hierárquicos. Um exemplo? O espaço dedicado a um recente festival de música executada em instrumentos de invenção e fabrico doméstico. Aconteceu em Nova Iorque em finais do ano passado e a peça da «Ear» confronta-nos com expressões como «homemade esthetic»...

Rui Eduardo Paes

teatro da Cornucópia

UM POETA AFINADO

Manuel de Figueiredo

ÚLTIMOS DIAS SÓ ATÉ DOMINGO

«Deliciosamente provocatório»
«Expresso»
«Aquela maestria a que a Cornucópia nos habituou»
«Diário de Lisboa»
«Como, mais uma vez, a partir de um texto fraco, se pode pôr de pé um bom espectáculo»
«Público»

TEATRO DO BAIRRO ALTO: Rua Tenente Raul Cascais, 1-A — 1200 Lisboa
Telef.: 396 15 15/396 92 05
De 3.ª a sábado, às 21.30h, e domingos, às 16h
Atenção: O espectáculo começa **pontualmente**
Não é permitida a entrada na sala depois do início

Bebe Miller na Gulbenkian até amanhã

Para além da América

Durante o presente mês de Julho os americanos e as suas danças estão de volta ao Acarte, com espectáculos que se estendem por quatro fins-de-semana consecutivos. Trata-se do primeiro ciclo dedicado à dança norte-americana, segundo reza a introdução ao catálogo geral da mostra, assinada pelo punho de José Sasportes, o novo director do Acarte. Olhando para trás e revisitando o panorama de cinco anos de labor de Madalena Perdigão à frente daquele serviço, a supra citada afirmação soa a «erro de paralaxe». É que, inseridos ou não em «mostras» ou «ciclos», já passaram pelo Centro de Arte Moderna da Fundação Caloute Gulbenkian nomes tão sonantes na actual paisagem coreográfica novaiorquina como Stephen Petronio (duas vezes), Molissa Fenley, Karole Armitage, Elisa Monte, Eiko e Koma e Dana Reitz, entre outros...

Embora, de um modo geral, a programação do Acarte pareça ter-se sentido nos últimos anos particularmente seduzida pela dança europeia - talvez porque até na Gulbenkian o factor económico possa por vezes ser uma premissa de peso - não se deverá esquecer que essa mesma dança, sobretudo a chamada «Nova Dança Gaulesa» foi beber muita da sua inspiração nos trabalhos e técnicas da «emigrada» Carolyn Carlson, e dos «mestres» Alwin Nikolais e Merce Cunningham.

Assim, esta viagem à «Baixa» de Manhattan dar-nos-à a oportunidade de rever o «mago Nik» acompanhado pelo seu discípulo e dedicado companheiro Murray Louis (Nikolais esteve em Portugal pela última vez na década de setenta), e apreciar um dos mais requintados apóstolos da «movimento» da Igreja de Judson, Douglas Dunn; além de algumas das mais exuberantes presenças criativas dos anos 80 na fértil e provocadora dança americana.

A iniciar esta amostragem temos a Companhia de Bebe Miller, uma artista negra já carismática dentro da chamada «Próxima Vaga», denominação alienada ao Festival com denominação homónima e que tem vindo a acontecer anualmente na Academia de Música de Brooklyn, em Nova Iorque.

De entre os vários coreógrafos que deram especial brilho à última década - Susan Marshall, Victoria Marks, Timothy Buckley, Ralph Lemon e Mark Morris (já a um outro nível de projecção) - Miller é uma bailarina cuja habilidade de composição se pode conotar com uma certa ingenuidade, individualidade e «finesse». Tal como Burt Supree do «Village Voice» terá mencionado, «ela é não só uma 'technicienne' soberba como também sabe perfeitamente quando se deve calar para que a sua dança fale por si»...

Nas três obras seleccionadas para esta curta digressão a Lisboa o público português pode aperceber-se do seu interesse numa linha de movimento de difícil recorte técnico mas que a todo o momento parece solta e casual revelando pontualmente emoção e espelhando comportamentos sociais sem recorrer a qualquer tipo visível de narrativa. O seu trabalho, cuja linhagem pode ser traçada através dos «ramos» Nina Weiner - Twyla Tharp e Murray Louis, tem sido amplamente premiado, nomeadamente com subsídios de fundações diversas e com dois «Bessies» - os óscares da dança nova-iorquina - consecutivos e pode ser visto no repertório de algumas companhias profissionais. Dos seus bailarinos ela exige reacções recíprocas, umas vezes nos corpos, outras nos espíritos, quase sempre perspicácia e alguma sensualidade. O programa que até amanhã se apresenta no Anfiteatro ao Ar Livre da Gulbenkian reparte-se por três bailados: um sexteto, «Aliados» (1988), um solo, «Chuva» (1989) e o quarteto «Hábito de atracção» (1987), extraído de um trilogia coreografada em colaboração com Ralph Lemon.

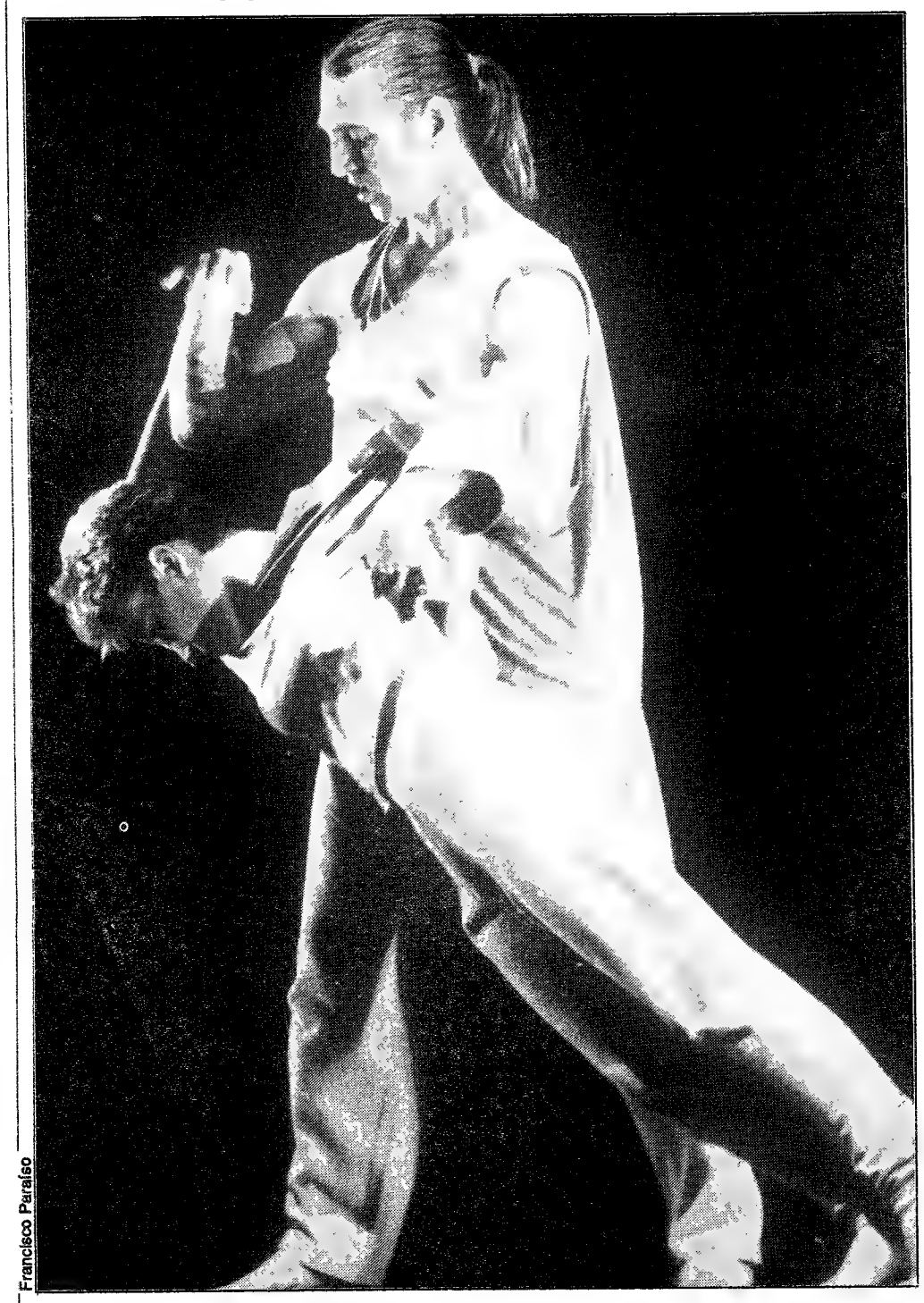
O primeiro desenrola-se por cerca de quarenta minutos, envolvido por uma estrutura metálica de onde se suspendem três painéis revelando corpos em movimento da autoria do fotógrafo Robert Flynt. Nus e desventrados, eles representam os próprios bailarinos impressos em tons subtis, tal como a coloração das roupas largas e lisas que vestem Elizabeth Caron, Nikki Castro, Renée Lemiex, Earnie Stevenson, Scott Smith e Jeremy Weichsel.

Eles surgem como peças isoladas de um labirinto emocional, cinético e rigoroso, cujo movimento expressivo e com mudanças frequentes de direcção fá-los percorrer o palco seguindo padrões encadeados que terminam em saídas sem virtuosismo ou sedução. Tal como Bebe Miller referiu ao «DL», «os bailarinos estão continuamente a fazer acontecer coisas uns aos outros, umas vezes de um modo educado, outras menos confortável, mas a ideia subjacente a toda a peça é a de continuar sempre em movimento». Os três casais parecem seguir-se a si próprios em vez de um padrão espacial. É uma obra episódica elaborada por secções de seis e três bailarinos... A um nível puramente metafórico os «Aliados» de Miller não são «amantes agitados» nem «camaradas em actividades lúdicas», parecem, isso sim, casais divorciados... mas de comum acordo!

No solo «Chuva» Bebe Miller aparece vestida de veludo vermelho, um «tecido opulento e civilizado», num palco despido e onde «cresce» uma fatia rectangular de relva viva. Ela surge-nos como um «lugar seguro» onde atracar no fim de uma «jornada» ao interior da alma. Na primeira parte da dança essa figura solitária tenta chegar a algo e, quando o consegue, a voz rugosa que acompanha o trajecto dá lugar à melodiosa e doce música de Villa-Lobos (Bachianas Brasileiras n.º 5). Apenas no final a bailarina toca esse bocado de vida verde e que contrasta nitidamente com o dia-a-dia das nossas próprias existências.

«'Habito' é menos fluido e foi coreografado num período de viragem da minha carreira, quando trabalhei na obra «Dois» com Lemon. Nele exploro as relações entre as quatro pessoas, em duetos, mas com um tipo de intensidade que, se fosse mais longe, acabaria magoando. Afastei-me deliberadamente da ideia de amor romântico, por vezes lutador mas nunca violento. «A música electrónica de Hyams-Hart sugere uníssonos e cânones entre os dois pares, acentuando um movimento rasteiro que lembra por vezes o desenho espacial e o ataque utilizado na «capoeira» e sugerindo que as raízes de Bebe Miller estarão talvez muito para além da América!

António Laginha



Francisco Paraíso

urbicidade

MEDIADORES OFICIAIS

Av. D. Nuno A. Pereira, 46, r/c Esq.
2800 ALMADA — PORTUGAL
☎ 274 45 57 — 274 42 56
Telex. 61004 TRIALM P • Fax. 274 36 53

VENDEMOS

LISBOA

AV. JOSÉ MALHOA, 2 lotes aprovados, área construção acima solo 24 300 m², área de construção das caves 15 300 m², para 510 viaturas, área de implant. 3060 m² o corpo mais alto tem 15 pisos para escritórios e 4 pisos para comércio. Possibilidade construção hotel 5 estrelas.

// —

AV. BERNA, AV. REPÚBLICA, lote devoluto com 13,40 m de frente e 26 m de fundo.

// —

BAIXA POMBALINA, Vários prédios de rendimento, c/ andares e lojas devolutas.

// —

R. ROSA ARAÚJO (esquina c/ R. CASTILHO), lote c/ 450 m², 3 c/v estac. 2, c/v loja c/ 426 m², 1. c/v entrada e loja c/ 426 m², r/c loja c/ 426 m², 8 andares p/ escrit. c/ 3918 m² total. Área construção acima do solo 4350 m².

// —

CAMPO GRANDE, lote c/ 464 m², 16×31 m, aprov. 2 c/v, r/c e 9 pisos, r/c T1 para port. e loja c/ 78 m². 1.ª e 2.ª c/v para 20 parq. e 9 T5. Habit. ou escrit.

// —

Gaveto entre R. SALITRE, BARATA SALGUEIRO e RODRIGO DA FONSECA, lote aprov. c/ 900 m² área total de const. 7516 m², r/c e 1.º c/v c/ 32 lojas, 4 c/v para 62 parq. Cada c/v c/ 692 m² e 6 pisos para escrito. c/ área de 587 m² cada. Bom preço.

ALMADA

Zona central (PP7). Lote c/ 16,5 m de frete e 12 m empena. Aprovado para 10 fogos + 2 lojas.

// —

AV. BENTO GONÇALVES, andares c/ 2 e 3 ass. Crédito Jovem.

// —

FEIJÓ, lote c/ 343 m², aprovado para moradia c/ infra-est.

// —

JUNTO novo edifício CMA, r/c c 3 ass., e grande logradouro. viabilidade escrit. ou comércio.

// —

Edifício do Trib. Trabalho, andar c/ 4 ass.

// —

COVA DA PIEDADE, armazém c/ 200 m².

// —

CORROIOS, Est. Nac. 10, urbaniz. aprov. 310 fogos.

// —

C. CAPARICA – VIA RÁPIDA, terreno c/ 10 000 m², confrontando c/ via rápida, acessos c/ infra-est.

// —

SOBREDA DE CAPARICA, 2 lotes destacados c/ 580 m² cada, c/ armazém implantado c/ 150 m², gaveto, acesso para indústria.

// —

COVA DA PIEDADE, unidade industrial c/ 1000 m², pronta a laborar. Bons acessos e localização.

// —

C. CAPARICA – QTA. S. ANTÓNIO, apart. c/ 2 grandes ass., hall, coz., desp. e garagem. Bom preço.

// —

AROEIRA – PRAIAS DA CAPARICA, propriedade c/ 105 ha, viabilizado para empreendimento c/ fins turísticos e habitacionais. Grande oportunidade em zona altamente valorizada.

ALGARVE

VILAMOURA – ALDEIA DO GOLFE, 42 lotes p/ moradias no melhor local. Aprovado, c. infra-est. e serviços.

// —

PRAIA DO VAU – ROCHA – ALVOR, terreno c/ 57 000 m², frente p/ praia, viabilidade fins turist. e habit.

// —

FERRAGUDO, junto à praia, terreno c/ 92 500 m², área a urbanizar 57 000 m² aprov. para 148 apart., centro comerc., piscinas, courts de ténis. Oportunidade única.

VÁRIOS

VERDIZELA, lote c/ 1050 m² urbanizado c/ infra-est.

// —

CRUZ DE PAU – AMORA, moradia, central, r/c amplo c/ 400 m² 1.º e 2.º andares c/ 5 ass. cada.

// —

FERREIRA DO ZÊZERE – LAGOA DE DORNES, quinta c/ 30 000 m², casa c/ 10 ass., adega, estábulos, pomar e vinha, água, electri. e telefone, junto estrada.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

BREVES

Prémio Unesco para tradutor da "Mensagem"

Bernard Sesá, com a tradução da "Mensagem" de Fernando Pessoa, obteve o prémio para a melhor versão para francês de uma obra poética. O prémio, atribuído no âmbito da Unesco, é entregue depois de amanhã em Rocamadour (França), na presença do embaixador português José Augusto Seabra.

Pena de prisão para comerciante de cassetes piratas

O Tribunal de Sintra acaba de condenar Manuel de Almeida Alexandre a 18 meses de presão efectiva mais 75 dias de multa por ter sido provado que tinha em sua casa 21100 cassetes fonográficas piratas. Segundo a SPA, que revela o facto, Manuel Alexandre para se livrar da prisão tem dois meses para pagar àquela sociedade de autores 1392 contos de indemnização.

Ileana Cotrubas agraciada por Soares

A cantora Ileana Cotrubas acaba de ser condecorada pelo Presidente da República com o grau de grande oficial da ordem militar de Santiago de Espada. A condecoração é entregue amanhã em Angra do Heroísmo pelo ministro da República para os Açores, após o recital que a cantora ali realiza, o penúltimo da sua carreira.

Fonseca e Costa realiza "O Senhor Ventura"

O cineasta José Fonseca e Costa vai realizar o filme "O Senhor Ventura", numa adaptação do romance homónimo de Miguel Torga. O filme é subsidiado pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (10%), pelo governo de Macau, Fundação Oriente e eventualmente a SEC. As filmagens começam no Outono, devendo o filme estrear em 1992.

Gene Hackman salvo "in extremis"

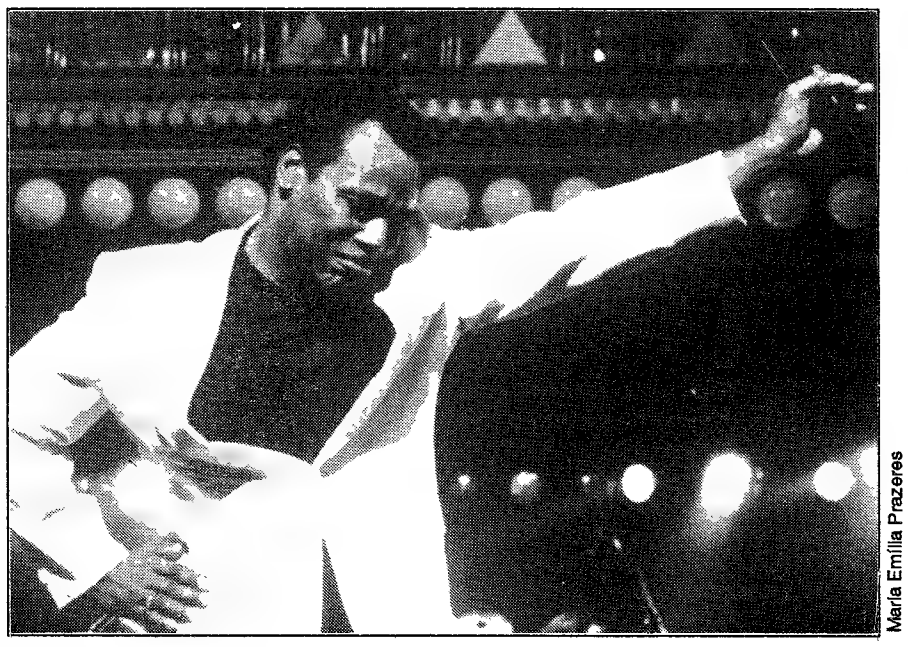
O actor Gene Hackman salvou-se a si próprio da morte ao apresentar-se de urgência num hospital americano quando se deu conta de que estava a ser vítima de um ataque cardíaco. Segundo a France Press, o actor, de 60 anos, foi assim salvo a tempo de uma obstrução coronária. Internado na terça-feira, Gene Hackam deve deixar o hospital amanhã.

Museu roubado trancas à porta

O Louvre e mais cinco museus de Paris encerraram a partir de ontem depois de na quarta-feira três quadros, incluindo um Renoir terem sido roubados. O governo francês optou, à posteriori, por trancas à porta, para revisão dos sistemas de segurança dos museus franceses.

George Benson aplaudido no Casino Estoril

O público gostou, bateu palmas, quis mais. Era o que se esperava. A música de George Benson não tem pinga de inocência, não espera para ver o que vai dar; sabe precisamente quando deve fazer a assistência saltar dos seus lugares ou mantê-la em suspenso. Foi assim, ontem à noite, no Casino do Estoril. De uma miscelânia que teve como ingredientes o jazz, o rhythm & blues e a soul e como referência a arte guitarrística de um Charlie Christian ou um Wes Montgomery fez o cantor e dedilhador um cozinhado em que tudo acabou por soar a falso. O apuro técnico é indesmentível, o profissionalismo excelente, a competência aspas-aspas. Benson é, sem dúvida alguma, um dos grandes guitarristas do momento. E ponto final, porque nada do que nos mostrou tem alma, inspiração e substância. É um artefacto plástico, uma aberração inventada pelo sistema de *entertainment*. Razão tem Nelson George no seu livro «The Death of Rhythm & Blues»: «Comparem as fotografias actuais de George Benson com os retratos que lhe tiraram no princípio da carreira. Serão confrontados com alterações faciais que não têm nada a ver com a idade. A cirurgia remodelou-o num produto comercial para consumo de massas.» É isso: cosmética musical. Uma chatice...



Maria Emília Prazeres

R.E.P.

Três tristes prémios

Com pouco mais de ano e meio de existência o Centro de Arte SocTip tem cumprido as propostas anunciadas quando da sua inauguração.

José Rodrigues sucede a Cruzeiro Seixas na atribuição do prémio «Artista do Ano», aguardando-se a respectiva exposição antológica e edição de uma monografia; o início de época voltará a assinalar a exposição e o álbum relativamente ao prémio de «Artes Gráficas»; a noite de ontem distinguiu a mais jovem produção de pintura portuguesa através do prémio «Jovens Pintores», expostos na galeria da Rua de D. Estefânia.

Vinte e nove trabalhos de outros tantos autores, alguns rompendo pela primeira vez o anonimato, compõem a exposição necessária e salutarmente diversificada de propostas, técnicas e - porque não? - intenções. As facilidades de acesso ao ensino, informação, convívio, e consequentes trocas de experiências, são geradoras de uma maior diversidade de afirmações de que o crescente interesse das gerações mais novas pela compreensão e participação no fenómeno artístico, e das artes plásticas em particular, já não constitui surpresa para ninguém.

Daí que, as cada vez mais frequentes exposições onde se mostra a mais jovem produção, se caracterizem por um grande desiquilíbrio. A responsabilidade de quem selecciona é aqui acrescida da responsabilidade de compreender e detectar os que, no mínimo, são portadores de Futuro.

Embora qualitativamente mais positiva que a exposição antecedente, os vinte e nove trabalhos que o júri do «Prémio SocTip» seleccionou de um total de 164, não possuem esse compromisso que, precisamente porque são jovens, se lhes exige. A coragem cede frequentemente ao medo, a colagem a (re)soluções formais ultrapassadas exclui a capacidade de recusa. Daí que se compreenda a diversidade também de intenções.

Aos jovens vinte e nove artistas em exposição, não se lhes pede que sejam génios, mas exige-se-lhes que sejam jovens. E, sendo portugueses, que façam arte em português. Quanto mais Alan Dave, Tápies ou Camaro se estudar, por exemplo, mais se poderá pintar à maneira de cada qual.

A inegável necessidade da convivência internacional não se limita ao número de revistas a que se tem acesso, ao nomadismo cultural, orfanato e adopção, ao pretensiosismo biligue do catálogo doméstico.

Um pouco na lógica camoniana de que se transforma na "cousa amada" aquele que ama, também se autopremeia quem atribui um prémio. E se o Júri foi unânime na distinção, como ontem foi dito na sessão de entrega dos três prémios SocTip «Jovens Pintores», mais preocupante se revela que seja esta a escolha.

Mário Palma, Ana Cristina e José Victor Sousa Carvalho, premiados respectivamente com 300, 150 e 50 mil escudos, por um Júri constituído por Joaquim Matos Chaves, Lima de Freitas, Sílvia Chicó e Luísa Possollo, como representante da Galeria SocTip.

Jorge Fallorca

NOVIDADES LEGATTEAUX

CABELEIRAS PARA SENHORA E HOMEM

E POSTIÇOS EM CABELO E FIBRA

ASSISTÊNCIA TECNICA
Rua Pedro Nunes, 2, r/c — Lisboa 1000
Telefone 53 92 69
VISITE-NOS

ANDAR VENDE-SE

A estrear, em Alfornel (Pontinha)
Contacto c/ proprietário: telef. 88 32 57
(a partir das 20 horas)

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
2 SALAS • 2 ESPECTÁCULOS • SÓ ATÉ 8 JULHO
NOVA SALA
ULTIMOS DIAS/ATÉ DOMINGO
FRANCISCO EM CASA
UM ELECTRICO CHAMADO DESEJO
TEXTO · TENESSEE WILLIAMS
TRADUÇÃO · M. JOAO GOMES
ENCENAÇÃO · JOÃO MOTA
M/16 A
6.ª, 6.ª E SÁBADO 21.30H — DOMINGO 17H
CINE FOTO AVIZ · APOIO PUBLICO
MARCAÇOES T. 726 08 18

ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre na região do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada Domingos Saído sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Concertos no Verão

Dia 5 de Julho às 21h30
TIVOLI
(ar condicionado)

Agnès BALTSA

Um dos maiores meio-sopranos da actualidade
Rossini: Abertura «La Gazza Ladra», «A Italiana em Argel», «Semiramide», «Donna del Lago»; Ponchielli: «Dança das Horas»; Donizetti: «A Favorita»; Mascagni: Intermezzo «Cavalleria Rusticana», «Voi lo Sapete, o Mama»; Massenet: «Le Cid»
Orquestra do TNSC. Maestro: Ralf Weikert

Bilhetes à venda na bilheteira do TNSC, Agências ABEP e Alvalade; e Tivoli (no próprio dia). Preços entre 750$00 e 4.000$00.

Dia 12 de Julho às 21h30
TIVOLI
(ar condicionado)

Luís de FREITAS BRANCO

No Centenário do seu nascimento: Homenagem a um Compositor maior do nosso século.
Cantata Noemi; Canto do Mar; Antero de Quental - Poema Sinfónico; Comiato
Solistas: Elsa Saque, Manuela Castani, Carlos Guilherme e Jorge Vaz de Carvalho
Coro e Orquestra do TNSC. Maestro: Manuel Ivo Cruz

Bilhetes à venda na Bilheteira do TNSC, Agências ABEP e Alvalade; e Tivoli (no próprio dia). Preços entre 360$00 e 1.200$00.

Dia 20 de Julho às 21h30
TIVOLI
(ar condicionado)

AMERIKANA

Obras de CHARLES IVES (Unanswered Question), BERNSTEIN (Divertimento), COPLAND (Billy the Kid), BLITZSTEIN (Freedom Morning) e JOHN ADAMS (The Chairman Dances).
Orquestra do TNSC. Maestro: Michael Barrett

Bilhetes à venda na bilheteira do TNSC, Agências ABEP e Alvalade; e Tivoli (no próprio dia). Preços entre 350$00 e 1.500$00.

Dia 28 de Julho às 21h30
TIVOLI
(ar condicionado)

A GRANDE TRADIÇÃO

WAGNER: **Prelúdio e Morte de Isolda;**
MAHLER: **5 canções de «Des Knaben Wünderhorn»**; BEETHOVEN: **Sinfonia n.º 7 em Lá maior, Op. 92;**
Solista: José Fardilha.
Orquestra do TNSC. Maestro: Michael Zilm

Bilhetes à venda na bilheteira do TNSC, Agências ABEP e Alvalade; e Tivoli (no próprio dia). Preços entre 350$00 e 1.500$00.

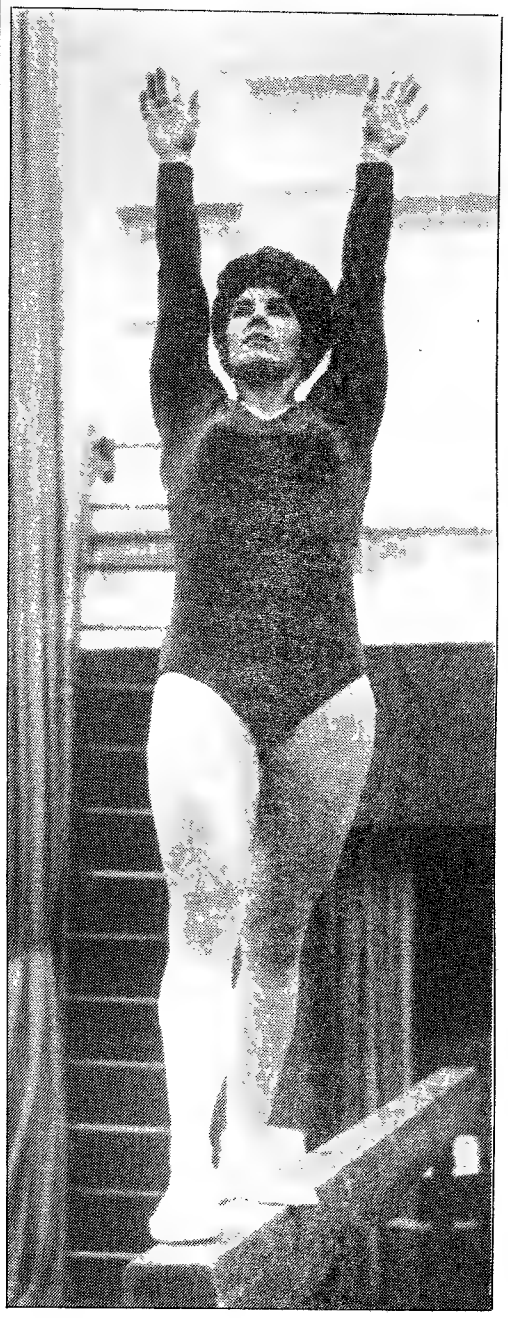
Patrocínio da Fundação de Mecenato Cultural do TNSC
Apoio da Câmara Municipal de Lisboa

APOIOS: / Cartaz / / / / O INDEPENDENTE

DESPORTO

Comemoração do Dia Olímpico

Esbela da Fonseca: distinção ao mérito



Esbela da Fonseca em 1968. Para breve estavam os JO do México

O ministro da Educação, Roberto Carneiro, presidiu ontem ao jantar de comemoração do Dia Olímpico, no qual foram entregues vários galardões instituídos pelo Comité Olímpico Português.

Roberto Carneiro confidenciou a sua admiração pela civilização grega (berço do olimpismo) elogiando o espírito olímpico e o desporto associativo português, tendo falado, ainda na necessidade do combate à corrupção no desporto nacional.

A ex-atleta olímpica, Esbela da Fonseca, foi galardoada com o prémio COP para uma antiga praticante que tenha desempenhado *«uma obra relevante em prol da prática desportiva feminina»*.

Esbela da Fonseca recebeu o prémio que foi instituído pela primeira vez este ano, sendo escolhida pelo COP, em consequência de uma directiva do Comité Olímpico Internacional, que se destinou a galardoar, em todo o mundo, uma mulher que, ao longo da sua carreira desportiva, mais tenha contribuído para a promoção do desporto feminino do seu país.

Actualmente, professora de ginástica, Esbela da Fonseca esteve presente nos Jogos Olímpicos de Roma (1960), Tóquio (1964) e México (1968), fazendo ainda parte da representação olímpica portuguesa nos Jogos de Moscovo (1980), como técnica e nos de Seul-88 como juiz internacional.

O prémio da Juventude 1989 foi para Ana Francisco Ribeiro Ferreira Neto, da Federação Portuguesa de Tiro, tendo sido ainda atribuídas menções honrosas aos velejadores Hugo Rocha e João Martins.

O prémio Fair-Play foi entregue a José Firmino da Veiga Ventura, antigo atleta olímpico, enquanto o presidente da Federação Portuguesa de Patinagem, José Castel-Branco, foi galardoado com o prémio COP para o *«dirigente do ano»*.

A medalha olímpica Nobre Guedes foi atribuída a Bernardo Maques Pinto, atleta da Federação Portuguesa de Râguebi, tendo a comissão executiva do COP distinguido com uma menção honrosa o praticante de ténis de mesa do Sporting, Pedro Miguel Gaspar Dias Moura.

Bruno Neves

Todos a pedalar para recordar Agostinho

Ciclismo: GP Joaquim Agostinho

Polaco no topo da fila

Com 91 ciclistas a rubricarem o «livro do ponto» — registou-se a ausência de selecção da Austrália, que oportunamente havia comunicado estar presente — iniciou-se ontem em Torres Vedras, mais uma edição do Grande Prémio Joaquim Agostinho, organizado pela Câmara Municipal de Torres Vedras com o apoio de diversas empresas e o patrocínio das autarquias da Estremadura e do Ribatejo.

FOTO EZEQUIEL Torres Vedras

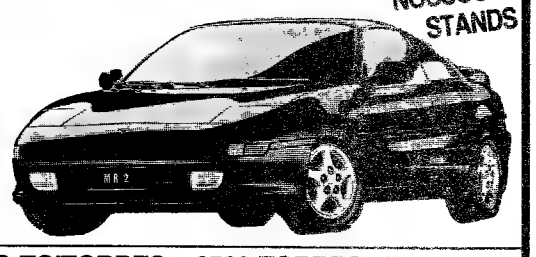
A etapa (com linha de chegada em Benavente) foi bastante movimentada por força das sucessivas tentativas de fuga empreendidas pelos artistas em desfile. Logo ao km.10 saltaram do pelotão José Rosa, David Assunção e Rui Vitorino para pouco mais adiante ser a vez de Ignor Paftuhovich, Alberto Parente e Carlos Pereira. Em ambos os casos, o êxito ficou adiado. As escaramuças foram-se sucedendo com outros intérpretes. Até que, quando estavam percorridos 20 quilómetros, coube a vez a Serafim Vieira e Hagen Bernost protagonizaram um «teste» aos companheiros chegando a Alenquer com cerca de minuto e meio de avanço mas não conseguiram andar isolados mais de três dezenas de quilómetros.

Ivan Askenov tenta a sua sorte e consegue escapar-se, mas o pelotão não lhe consente veleidades. Um pouco antes de Alcanena Joaquim Gomes, Falk Boden e Paulo Ferreira despedem-se da concorrência mas foram «caçados» perto de Benavente, onde à entrada da ponte o polaco Oulas Andrejez (ao serviço da Ruquita / Philips / Feirense) dá forte «sapatada» superando os parceiros com a vantagem de oito segundos, completando a prova com o tempo de 5.13,35 (média de 39.032/hora).

FOTO EZEQUIEL Torres Vedras

Algumas curiosidades desta etapa: Fernando Valente (Ruquita) foi vítima da primeira queda, tendo cortado a meta dentro da ambulância; ao controlo «antidoping» foram chamados os três primeiros da tabela (Andrejez Pedro Silva e Manuel Abreu) e ainda o soviético Igor Novikov, escolhido por sorteio; os membros do

cont. na pág. 25

TOITORRES TOYOTA
NOVOS MODELOS PARA ENTREGA IMEDIATA
VISITE OS NOSSOS STANDS
• MR2 (2.0) Vermelho
• CELICA ST I (Vermelho/Branco/Preto)
• CELICA GTI (Vermelho)
• COROLLA (Crystal Line)
• STARLET (Vários)
• STAR VAN (Vários)
COMERCIAIS
• HILUX (Todas as versões)
• LAND CRUISER (Novo motor)
• HIACE (Todas as versões)

TELEFS.: 25171 / 25174 – EDIFÍCIO TOITORRES – 2560 TORRES VEDRAS

Banix
Concessionário BMW
BMW pelo prazer de conduzir
VENHA EXPERIMENTÁ-LOS E CONHEÇA AS CONDIÇÕES DE CAMPANHA
Temos para entrega imediata
316 I Vários/Todas as versões
318 IS Full extras
320 IS Full extras
518 I C/tecto de abrir
520 I C/tecto de abrir
524 TD Full extras
735 I Full extras

316 I "VERÃO 90"
BANIX – Veículos de Transporte, S.A. – Tel.: 23159-25171/4 – 2560 TORRES VEDRAS

TROFÉU JOAQUIM AGOSTINHO
A ÚNICA PROVA PORTUGUESA INSCRITA NO CALENDÁRIO INTERNACIONAL
TORRES VEDRAS 5 A 10 JULHO/90
ORGANIZAÇÃO: SECTOR DE DESPORTO E TEMPOS LIVRES CÂMARA MUNICIPAL DE TORRES VEDRAS
12.º GRANDE PRÉMIO INTERNACIONAL DE CICLISMO
AMANHÃ — Dia 7 — 3.ª Etapa — Contra-relógio Marvila — Partida 9h 30
— 4.ª Etapa — Lisboa-Lisboa
— Chegada à Av. da Liberdade às 17h 24

O FC Porto vê partir quatro atletas e o técnico António Cunha enquanto o Benfica vê escapar-se o mais influente (o sueco Appelgreen)

Andebol: «bolsa de transferências»

Concluída que foi a prova rainha do calendário competitivo (o campeonato nacional da 1.ª divisão), logo os bastidores se movimentaram em força no sentido de se conseguir o concurso do reforço pretendido ou manter o atleta cobiçado. É dessa movimentação dos dirigentes andebolísticos que vos tentaremos dar conta a seguir com o «aviso prévio» que as certezas só poderão ser dadas a partir do próximo dia 15, data aprazada para o início das inscrições na federação da modalidade. Entretanto, aqui fica o registo das movimentações.

Começando pelo *Benficaç* (campeão nacional, vencedor da Supertaça e Taça ANCA), quase apetece dizer que se cumpre o velho ditado «em equipa que ganha não se mexe». Na realidade, poucas alterações se anunciam para época 90/91, sendo a maior (sem dúvida) o abandono do sueco Frederik Appelgreen que regressa ao seu clube de origem (Clif Estocolmo) por vontade própria no sentido de ter hipóteses de se fazer notado à selecção do seu país. Saída também do romeno Covaciu (de quem falaremos mais à frente) e, ainda, de, Paulo Cautela, um jovem não muito utilizado sobretudo após o reaparecimento de Paulo Bunze. Para compensar estas «fugas», Eugen Troffin recruta dois compatriotas seus, a saber: Cesar Dhraganita e Georghe Dogarescu, ambos internacionais romenos de 36 e 29 anos, respectivamente. Do primeiro, recordemos que era o lateral-direito do país dos balcãs na melhor taça latina de sempre (11 equipas participantes), em 1976, quando o seleccionado português alcançou um excelente 3.º lugar, vindo para a Luz depois de uma passagem longa pelo andebol belga, onde representava o Initia Hasselt; o segundo actua na posição de lateral-esquerdo, tendo representado o Dínamo de Bucareste. Dois reforços de grande nível, com Dhraganita a ser rotulado de autêntica «estrela» apesar do único inconveniente (a idade), a que se juntam dois jovens que rodaram esta época no Vitória de Setúbal: Eduardo Barros (Pocas) e João Duarte. Com tudo isto, teremos um Benfica na temprorada vindoura a defender com «unhas e dentes» todos os seus títulos.

Porto

Como uma desgraça nunca vem só, o FC Porto vê sair elementos importantes do seu plantel depois de uma época (mais uma) sem ganhar nada. Para já Nuno Rego, José Luzia e Erica Philip transferem-se de armas e bagagens para Coimbra, enquanto Armando Jorge dá um pulinho até Braga. Para além disto, não se sabe qual o destino do controverso técnico António Cunha que (recorde-se) afirmou publicamente abandonar o clube, após a derrota com o Benfica, nas Antas. A concretizar-se tal abandono (para a Federação Portuguesa de Andebol), estamos em crer que os azuis e brancos se ressentirão negativamente, até porque quanto a reforços nem fumo existe. Aguardemos por definições, pois, pensando na participação na Taça IHF.

Os outros

A equipa que melhor andebol jogou na fase final (como se disse e com o que concordamos plenamente), o Vitória de Setúbal garantiu a continuidade de quase todo o plantel (exceptuando os dois emprestados do Benfica) e tão importante ou mais do que os atletas, conseguiu manter Manuel Manita, o técnico alvo de muita cobiça.

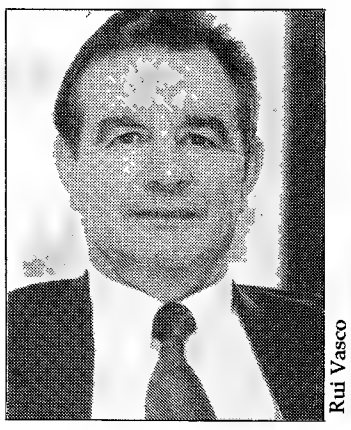
O 4.º classificado e vencedor da Taça de Portugal Académico de Braga, apresenta novidades de monta. Assim, apresentará na próxima época dois atletas soviéticos, ainda jovens, titulares da selecção de esperanças e companheiros do famoso Karchakevich no SKA de Minsk (um dos melhores clubes da União Soviética): Vladimier Boltsik e Viktor Chiculaev. Consequentemente (por só serem permitidos dois estrangeiros), Alexandrov transferiu-se para o nóvel primo-divisionário Illiabum e Marin Marinov naturalizar-se-á com toda a certeza. Regressam ao ABC Rui Aguiar (da Académica) e Armando Jorge (do FC Porto), falando-se ainda da ida de Paulo Carneiro (F. Holanda) para Braga. Está já assente o abandono de Adelino Granja, Manuel Pastor o jovem Rui Almeida, para além do búlgaro atrás citado.

E chegamos ao grande vencedor (em teoria) do campoenato das transferências, a Académica de Coimbra. Senão, vejamos os nomes dos futuros reforços: Eric, Luzia e Nuno Rego (FC Porto), Tó Leite (Sporting), Anacleto Santos (Ac. S. Mamede), Manuel Pastor (ABC), Paulo Cautela (Benfica), e, ainda um ponta-esquerda jugloslavo. Sairão Pitzov e Apostolovç (os não portugueses. Remelhe e Rui Aguiar, da equipa que na época 88/89 chegou a fazer sensação.

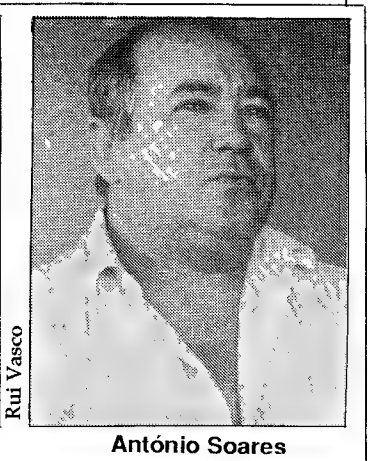
No Sporting, não transpira nada cá para fora. Para além do técnico Vlase Oprea, fala-se na entrada de um dispensado dos velhos rivais: Georghe Covaciu, esse mesmo, o esquerdino romeno. Por outro lado, dá-se como provável a saída de Dragan para as bandas do Restelo, onde se manterá o possante Sopalovic (seu cunhado) e onde existem duas dúvidas: Maksimovic e Paulo Moratore. A mesma questão, para ambos: a lei dos estrangeiros. Para ficar (no caso do jugoslavo) ou entrar (o brasileiro), tal questão terá que ser resolvida.

Nos menos apetrechados, as aquisições incidiram sobre elementos do Fafe, clube que desceu à 2.ª divisão e perderá o comando de Jaime Silva (o técnico da subida) substituído por Borovsaki (jogador-treinador). Assim, fizeram as malas Luís Vieira e Miguel (para o Boavista) e Bodorov e Carlos Vieira (para o Francisco de Holanda). Ainda sobre os vimaranenses, assinale-se a saída de Miodrag e a continuidade do espectacular Nikolov. Resta por agora, aguiardar pelos próximos capítulos.

J M



Jaime Salvado



Rui Vasco

António Soares

Amadora: eleições no Estrela

Durante o dia de hoje decorre a eleição para os corpos gerentes do Estrela da Amadora. Tal como detalhadamente temos anunciado, duas listas apresentam-se à boca das urnas: Jaime Corgas Salvado, 56 anos, industrial da construção civil, sócio 6575, líder da lista A e o actual presidente António Manuel Murtinheira Padrão Soares, 50 anos, funcionário de uma empresa vidreira, associado 288, comandante da lista B.

Os associados estrelistas sabem, a esta hora, quem melhor pode defender os interesses da colectividade que (ineditamente na sua vertiginosa história) conseguiu passaponte uefeiro para representar o futebol português na próxima Taça dos Vencedores de Taças, uma meta idealizada pelo saudoso presidente José Gomes e concretizada sob direcção técnica de João Alves.

Sabe-se que os dois candidatos apresentam plano de trabalho muito paralelo, com a particularidade (no tocante ao futebol) de Jaime Salvado ter garantido (do seu bolso) a continuidade de Baroti e o recrutamento do internacional benfiquista Álvaro, enquanto António Soares trocou diversas unidades com o Boavista, recebendo Valério e Agatão e indo contratar Miranda, Marito e Dimas.

Qualquer dos pretendentes tem as suas armas, seus trunfos: aparentemente maior poder financeiro de Jaime Salvado, talvez superior apoio da autarquiaa endereçado a António Soares. No recente jantar de homenagem ao Estrela, que teve lugar no Restaurante Campo Pequeno (que João Rocha vai brevemente inaugurar) os dois pretendentes estiveram lado a lado, escutando palavras de muito encómio para o Estrela e, sobretudo, notando como estão definidas as trincheiras de cada lista. Nesta hora, restará saber quem pode continuar cumprindo o ideal há anos colocado no horizonte por José Gomes, o inesquecível presidente que trouxe o Estrela amadorense para a ribalta. Transportando um modesto mas simpático clube de bairro para o plano cimeiro do nosso desporto.

Grande Prémio Joaquim Agostinho

cont. da pág. 24

júri deliberaram advertir dirigentes e acompanhantes para algumas irregularidades, nomeadamente, o abastecimento líquido feito com as viaturas a transitar do lado esquerdo da via da via e os carros da Comunicação a alhearem-se de algumas normas regulamentares; o primeiro desistente foi o soviético Ivan Aksenov.

Hoje (início às 11 e 30) disputa-se a 2.ª etapa entre a Azambula e o Seixal (chegada prevista para cerca das 16 horas) com a caravana a passar por Vila Franca de Xira, Porto Alto, Alcochete, Sarilhos, Moita, Baixa da Banheira, Barreiro Coina, Quinta do Conde, Quinta do Anjo, Setúbal e serra da Arrábida.

Amanhã teremos, logo pela manhã , o contra-relógio nas ruas de Marvila para, a partir das 15 horas, ter lugar a 4.ª tirada (Lisboa-Lisboa) com o pelotão a «escalar» Moscavide, Loures, Montemor, Vale de Lobos, Sintra, Alto de S. Pedro, Rio de Mouro, Amadora, Belas, Caneças e chegada à Avenida da Liberdade. No domingo, os ciclistas passam o dia em Torres Vedras, para ali disputarem o circuito local na distância de 72 quilómetros.

JM MÓVEIS *José António Rodrigues dos Santos*
• Móveis de todos os estilos • Venda ao público e revenda • A melhor amizade ao melhor preço
Loja 1 — PALHAGUEIRAS — A-dos-Cunhados — Tel. 987 66
Loja 2 — Shopping Center S. Pedro — TORRES VEDRAS

Classificações

Na etapa: 1.º, Dulas Anfrejez, Ruqita/Philips/Feirense, 5.13.35; 2.º, Pedro Silva, Recer/Boavista, 5.13.43; 3.º, Manuel Abreu, Sicasal/Acral, m.t.; 4.º, Dick Derecks, Royal (Espanha), mt; 5.º, Malcolm Elliot, Teka (Espanha), mt.

Geral individual: 1.º, Dulas Andrejez, Ruquita/Philips/Feirense, 5h 13m 25s; 2.º, Pedro Silva, Recer/Boavista, 5.13.38; 3.º, Serafim Vieira, Sicasal/Acral, mt; 4.º, Falk Boden, ASK-Worwarts/Wasteels; 5.º, Manuel Abreu, Sicasal/Acral, 5.13.40.

BREVES

César Grácio: sentença confirmada

O Tribunal da Relação de Lisboa negou provimento ao recurso interposto por César Grácio (antigo secretário-geral da Federação Portuguesa de Futebol) considerando «*legítimo e fundamentado*» o acto de despedimento praticado pela direcção daquele organismo, quando era seu presidente o dr. Silva Resende. Perante esta decisão, mantém-se o despedimento com todas as consequências e o retorno do processo ao Tribunal da 1.ª Instância.

RECTIFICAÇÃO

A chave lógica do totobola dos órgãos de informação, referente ao concurso n.º 27/90, de 8 de Julho de 1990, será: 111 111 111 1111.

TROFÉU JOAQUIM AGOSTINHO
A ONICA PROVA PORTUGUESA INSCRITA NO CALENDARIO INTERNACIONAL
TORRES VEDRAS
5 A 10 JULHO 90
ORGANIZAÇÃO: SECTOR DE DESPORTO E TEMPOS LIVRES CÂMARA MUNICIPAL DE TORRES VEDRAS
12º GRANDE PRÉMIO INTERNACIONAL DE CICLISMO
Dia 8 — Domingo — 5.ª Etapa — Circuito de Torres Vedras 72,5 km
Partida às 16 horas

Mundiais de motociclismo

GP da Bélgica: começar de novo

Kevin Shwantz, da equipa Suzuki/Lucky Strike, conquistou na Holanda a sua terceira vitória nos últimos quatro Grandes Prémios, e aproximou-se um pouco mais do comandante, Wayne Rainey (mais 24 pontos).

Depois de um início de corrida em que teve de ultrapassar Michael Doohan (Honda/Rothmans), Eddie Lawson e Wayne Rainey (Yamaha/Marlboro), Schwantz tomou o comando na oitava volta e até final do Grande Prémio de Assen nunca mais foi incomodado.

A prova assinalou o notável regresso de Wayne Gardner (Honda/Rothmans) às competições, depois de uma queda na Alemanha o ter impedido de alinhar na Áustria e Jugoslávia.

Após os treinos em Assen, Gardner conseguiu um quarto melhor tempo, apesar de ainda correr com ossos partidos no pé direito. Depois de um começo brilhante, já que comandou durante quase duas voltas, uma avaria nos carburadores forçaram-no a desistir.

A prova holandesa assinalou também o regresso de Eddie Lawson, depois de três meses e meio sem correr, tendo conquistado a terceira posição. Logo após classificou-se Doohan (Honda/Rothmans), que continua cada vez mais confortavelmente no terceiro posto do campeonato.

A corrida de 250cc proporcionou um espectáculo empolgante, com John Kocinski (Yamaha/Marlboro Roberts) a conquistar a sua quarta vitória este ano. O holandês Wilco Zeelenberg (Honda/Sharp) ainda conseguiu rolar à frente nas primeiras voltas, mas outras duas Honda (de Cardus e Cornu) tomaram o comando das operações. O austríaco Andreas Preining que alinhou com a Honda/Rothmans do ainda magoado Dominique Sarron, obteve um excelente quinto lugar.

Depois de uma queda de Cornu, coube a sorte ao italiano Luca Caladora na última volta, entregando assim a vitória a Kocinski.

Quanto à prova de amanhã, em SPA-Francochamps, Bélgica, espera-se que a sorte mude para o ex-campeão do mundo, Wayne Gardner. O piloto da Honda/Rothmans, que chegou a comandar em Assen, disse estar praticamente recuperado das lesões no pé direito.

Quanto a Kevin Schwantz, procurará repetir a vitória holandesa, e diminuir os 24 pontos de atraso que o separam do actual comandante deste campeonato, Wayne Rainey, sendo de ter também em conta o regresso de Lawson. O seu terceiro lugar na Holanda é presságio de futuras boas provas.

Nos 250cc, o norte-americano Kocinski tem 22 pontos de avanço sobre os seus perseguidores, todos europeus. Mas, curiosamente, o circuito de SPA-Francochamps é um dos poucos que conhece.

Andreas Preining volta a pilotar a Honda/Rothmans de Dominique Sarron, que deverá regresssar ao mundial dia 22 de Julho, por ocasião do Grande Prémio da França.

Os amantes do circo das duas rodas, com acesso ao canal Eurosport, podem acompanhar a transmissão directa do Grande Prémio da Bélgica sábado a partir das 12 horas, ou os sucessivos diferidos na segunda. Caso contrário, dispõe sempre de um bom bloco de imagens comentadas que o programa «Rotações» já consegue atribuir ao motociclismo...

J.F.

Ténis: BWM Masters

«Velhas glórias» em Cascais

No próximo dia 12 tem início nos «courts» de Country Club de Cascais (Quinta da Bicuda) a segunda edição do BMW Masters, a gala do ténis veterano internacional que reunirá oito grandes campeões de um passado recente.

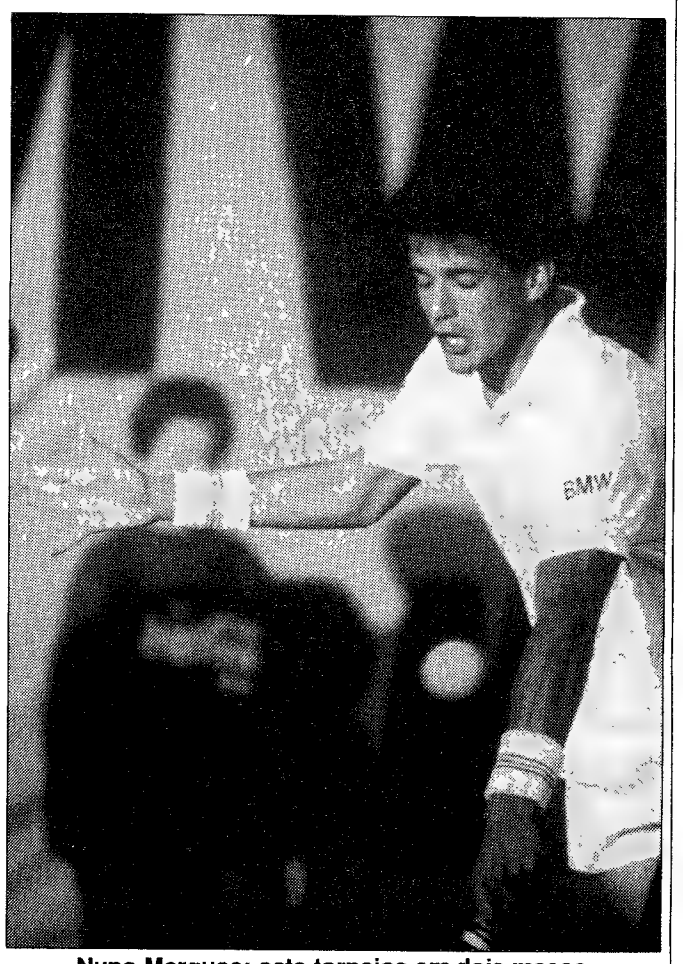
O romeno Ilie Nastase, antigo número um mundial e um dos mais carismáticos ténistas do Mundo; os espanhóis Manuel Orantes e José Higueras, jogadores que durante vários anos frequentaram o top-10 do «ranking» mundial» e o holandês Tom Okker, o melhor expoente de sempre do ténis daquele país e vencedor de 29 torneios do Grande Prix, são algumas das principais atracções deste II BMW Masters.

Mas para além destas legendárias figuras, o leque de «ilustres» ténistas que nos visita é composto pelos seguintes outros quatro jogadores, igualmente com idade superior a 35 anos: o soviético Alexander Metreveli (finalista de Wimbledon em 1973); o sul-africano Cliff Drysdale (um jogador que após uma carreira brilhante se tornou no primeiro presidente da Associação dos Tenistas Profissionais); o norte-americano Dick Stockton (décimo jogador mundial em 1977 e actual dominador destes eventos para veteranos); e o ex-australiano, agora com cidadania sul-africana, Frew McMillan, que substitui o jugoslavo Nikki Pilic, e que foi na década de 70 um dos maiores especialistas da variante de pares.

O programa de Nuno Marques

Classificado no 162.º lugar da tabela da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP), Nuno Marques alinhará durante os meses de Julho e Agosto, numa série de torneios nos Estados Unidos da América.

Nesta segunda metade da temporada 1990 e sem qualquer ponto internacional para defender, o que significa que quaLquer resultado de relevo implica uma subida na classificação mundial, Nuno Marques delineou a participação nos seguintes torneios: Newport (dia 7), Washington (dia 16), e Aptos (23), Winnetka (30), Cincinnati (4/8), Indianapolis (11/8), Schenectedy (18/8) e finalmente no dia 23 de Agosto participará na prova de qualificação do Open dos EUA, quatra competição do «Grand Slam» da presente temporada.



Nuno Marques: sete torneios em dois meses

Na totalidade destes torneios, estão em causa dois milhões e 700 mil dólares.

Jogos de Almada em «maré alta»

Francisco Paraíso

Natação: centenas de «golfinhos» mostraram as suas aptidões nas piscinas do Clube Lisnave e o vereador António Matos lá esteve a colocar-lhes medalhas ao peito.

Os II Jogos Desportivos de Almada organizados pelo Pelouro de Desporto da CMA liderado por António Matos, prosseguem com total empenhamento por parte dos milhares de jovens que acorreram «à chamada» feita através das juntas de freguesia do concelho e das dezenas de colectividades desportivas e outras estruturas colectivas.

Em desfile têm estado competições de atletismo, skate, pesca, ténis de mesa, xadrez, andebol, futebol, basquetebol, natação, ginástica entre muitas outras, numa demonstração que o desporto em Almada atingiu «maré alta». Obviamente que o vereador António Matos, transportou toda a experiência recolhida ao longo dos anos em que foi o primeiro responsável pelo êxito (inquestionável) da Seixalíada, e contando com a excelente colaboração dos técnicos Joaquim Marreiros e Pedro Carrilho, os Jogos de Almada irão, no futuro constituir uma das grandes manifestações de desporto popular em Portugal. Para que se tenha uma pequena ideia da vasta participação de atletas alguns números: futebol de salão reuniu 720 atletas, cicloturismo juntou 800, voleibol (225), atletismo (191), badminton (160), skate (160), ténis de mesa (60) e pesca desportiva (140).

Jogos de Almada: uma iniciativa que a população do concelho considera imparável e que os autarcas pretendem cada vez mais participada. A segunda edição deu resposta positiva e ordem para continuar.

EMERGÊNCIA

O primeiro gesto é seu

BREVES

Hóquei em patins: Carlos Dantas abdica

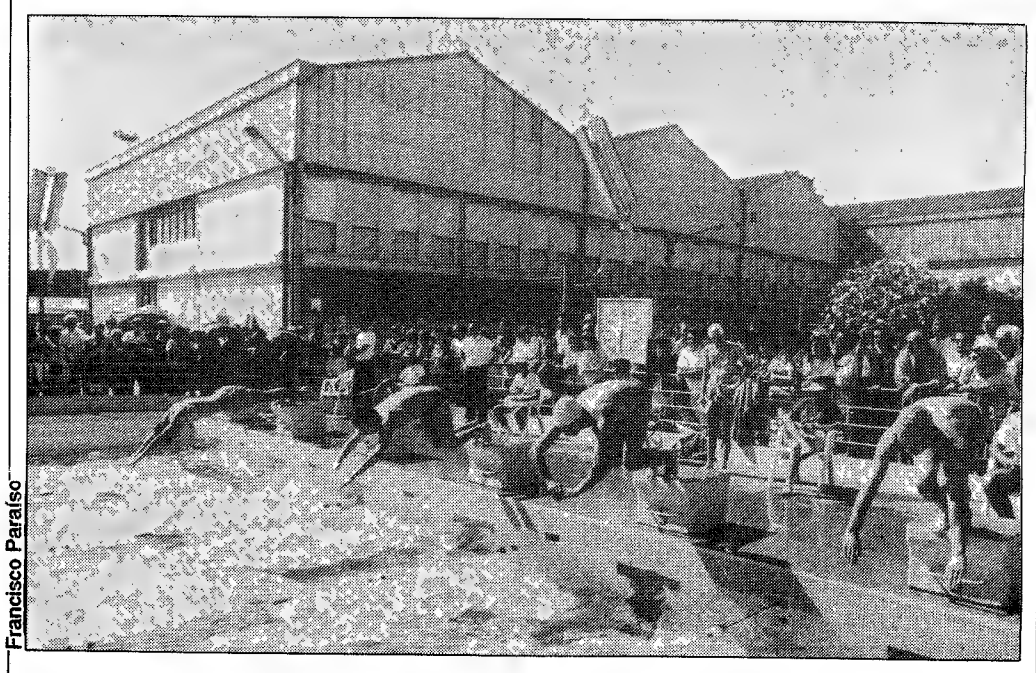
Carlos Dantas apresentou o pedido de demissão do cargo de seleccionador nacional, alegando razões familiares e profissionais, mas consta que a decisão fora provocada por desinteligência com os dirigentes federativos. Recorde-se que em Setembro decorrerá o Campeonato da Europa e Dantas já havia entregue a lista dos convocados para a primeira fase de preparação.

Para suceder a Dantas, é previsível que a escolha recaia em António Livramento.

Atletismo: Joaquim Pinheiro em pódio americano

Joaquim Pinheiro, do Maratona Clube de Portugal, classificou-se na terceira posição de uma prova de 10 mil metros, realizada em Atlanta, nos Estados Unidos, gastando o tempo de 28 minutos e 31 segundos para completar a prova, denominada Peach Tree Road Race.

O primeiro lugar pertenceu ao mexicano Dioniso Seron, com 28.24 minutos, seguido do seu compatriota Marcos Barreto, com 28.28 minutos.



Francisco Paraíso

MUNDIAL

O COMENTÁRIO DE NEVES DE SOUSA

A hora e a vez de escutar os reis

Com muitas fintas à imaginação e outros tantos dribles à justiça, vai cair o pano sobre o 14.º Campeonato Mundial de futebol, certamente a competição desportiva que, de braço dado com os Jogos Olímpicos, se torna sedução e atractivo para cinco continentes. É talvez lugar comum frizar-se que, desde 8 de Junho, muitos países travaram a marcha, baixaram os braços e ficaram suspensos do que sucedia lá por Itália: «uma amálgama dos mais diversos acasos, infelizmente acondicionados para a posteridade pelo reavivar da violência, facada mortal com que se está dilacerando o mais belo jogo de toda a panóplia desportiva. Mas não será aventura ousada imaginar que, depois de ter atingido o zénite, o poder máximo da captação de massas, esse mesmo futebol está cavando a própria sepultura, daqui a poucos anos ficando somente como uma imagem negra que todos vamos apagando do olhar, porque estamos vivendo a fase em que apenas dentro do campo (e nem sempre) se cumpre a lei do respeito mútuo pelo ser humano, tantos os atentados que, sob a bandeira do espectáculo-rei, tomaram de assalto as mais loucas e desvairadas gentes.

Houve mortos, tem corrido sangue, mais que beliscar-se a moral e a ética calcaram-se a pés juntos os firmes e correctos ideais de convivência. Domingo, quando o futebol voltar apenas a ser para consumo interno, certamente que alguém poderá reflectir e, mirando o espelho, reparar na triste figura que fez em território italiano: todavia será tarde para poder limpar a imagem. E o futebol cada vez mais maculado desde a tragédia de Heysel, ficará chorando à custa do leite derramado.

Enfim: terá sido este o último Campeonato de alguma convivência entre certos povos? Apenas o futuro poderá responder a psicólogos ou somente a gente de razoável bom senso. O que (não duvidem) ficará para todo o amanhã será o nome dos vitoriosos o perfil das novas estátuas para os estádios, o rosto dos próximos senhores da fama. E, duas duplas de esquadrões, últimos sobreviventes na peneira, preparam-se para encerrar a maratona saindo amanhã em Bari para resolver um caso de simples subalternidade europeia ou daí a 24 horas, no magestoso palco olímpico de Roma, para um diálogo que toca em toda a hegemonia sobre os cinco continentes.

Argentinos a caminho de Roma

Itália versus Inglaterra, os transalpinos que tudo tinham rigorosamente planificado ao milímetro para se tornarem novos reis entre as quatro linhas brancas vendo que o melhor lhes é permitido será o mais discreto lugar no pódio de honra. Joel Quiniou, um controverso e discutido árbitro francês, nascido a 17 de Novembro de 1950, repete o nosso António Garrido de 82, em Espanha: será o juiz do embate que conta para o 3.º posto do exército futebolístico universal. O apitador que reside em Creteil e é secretário de uma empresa multinacional, torna a viver momento alto da carreira: depois de ter comandado dois jogos deste Mundial, de ter estado activo no Campeonato em terras do México e nas Olímpiadas de Los Angeles, Quiniou tem um petisco pela frente: de um lado o poder da maioria da multidão tentando ainda embriagar-sae com outro golo de Schillaci, uma nova estirada de Zenga, uma serpentina de Baggio mas, do outro lado da barricada, o poder atlético da turma britânica envolvida pelos brados guerreiros de adeptos da mais estranha e heterogénea consistência, milhares em cânticos de impulso para que Lineker tenha pontaria afinada, Gascoigne continue como grande senhor nos relvados e Shilton provando que apenas os trapos são velhos e um cidadão conta unicamente a real idade das suas capacidades.

Domingo, a prenda do apito de ouro é endossada ao mexicano Edgardo Codesal, 3.ª vez se repetindo um juiz latino-americano no último e mais elevado patamar do futebol. Depois de dois brasileiros (Arnaldo Coelho e Arppi Filho), outro protegido do todo-poderoso João Havelange é brindado: e não foi escolhido apenas por ter completado 39 anos a 2 de Junho, ser médico e filho de José Maria Codesal, o homem que dirigiu (em 1966) a decantada final londrina em que a Inglaterra arrumou a Alemanha Federal com contributo do tal golo fantasma que só existiu na miragem do inclinado fiel de balança e no gosto intermo dos corações da plateia mais vasta. Codesal sucede a Codesal porque também na FIFA existem as dinastias, os testemunhos vão lentamente circulando consoante quem manda no trono.

Adiante. O que se pode afoitamente garantir é que, embora *monsieur* Michel Vautrot; tenha impedido a Argentina de se apresentar na força máxima, o brio sul-americano e a arte ímpar do comandante Diego Maradona podem fazer o quase milagre de conter em sentido uma Alemanha onde apenas Voller parece afastado da escalação de Franz (Kaiser) Beckenbauer.

O estandarte de Menem aparecerá sem poder contar com uma *estrela* (Cláudio Caniggia) e um triunvirato de acólitos (os defesas Julio Olartichoechea e Ricardo Giusti, mais o centro-campista Sérgio Batista) enquantro as hostes germânicas podem planificar o seu esquema táctico com suporte na força do atirador Kilnsmann, na classe de Matthaeus, na eficiência de Andreas Brehme, nas mãos-garras de Illgner, em toda a máquina que sistemática e pontualmente tem levado de vencida os adversários mais cotados.

Para qualquer dos duelos tudo é previsível, embora se deve conceder favoritismo a italianos (se conseguirem afastar dos telhados a recordação de um sonho tombado no abismo) e a alemães, poque surgem na ponta final da corrida com as armas e bagagens que Quiniou não autorizou ao esquadrão de Carlos Bilardo. Mas, esta dupla hipótese está perfeitamente oscilante e pode estilhaçar-se se, como muitos também adiantam como previsão, a turma da sua magestade britânica dispuser de um Waddle restituído à condição de vedeta, de um Platt com bota encaminhada para Zenga, de um Pearce que domine o percurso até paizinho Shilton. Ou, em palco romano, se Ruggeri estiver implacável, Serrizuella pleno de vitalidade, Basualdo com o esquadro e o compasso, Troglio e Calderon de olhar fito na caixinha do castelo alheio.

Ou, claro, claríssimo, se esse rapazito de barriguinha sempre ameaçando romper a cintura do calção, as pernas arqueadas e o brinco na orelha esquerda, resolver pegar no sal e na pimenta e marchar para a cozinha para preparar o jantar alemão. Nada espantaria: porque nos pés do *pibe de oro*, desse desajeitado argentino de porte pouco atlético que é dono único do livro de todas as receitas para o futbeol de fascínio, pode morar a última palavra do discurso. E seria então que, nos créditos do mais espantoso jogador desta década, ficaria o revalidar de todos os títulos. Se é que alguma coisa ainda falta no tesouro de Diego Armando Maradona, o fenómeno que só voltará a repetir-se se mais nenhum atentado quebrar a beleza do futebol e todos podermos entra em novo século de olhar procurando sucessor para delícia de uma bancada apenas excitada quando a bola travar o assalto defronte de malhas brancas. Ou será que, depois de Pelé e Eusébio, talvez de Di Stefano e Cruyff, a época de Maradona será a fénix do futebol que amamos e outro negócio circense vai tomar conta das paixões dos nossos vindouros?

OS JOGOS NA TV

AMANHÃ

ITÁLIA - INGLATERRA
RTP 2 – 19 horas

Walter Zenga	1	Peter Shilton
Franco Baresi	2	Gary Stevens
Guiseppi Bergomi	3	Stuart Pearce
Luigi Agostini	4	Neil Webb
Ciro Ferrara	5	Des Walker
Riccardo Ferri	6	Terry Butcher
Paolo Maldini	7	Bryan Robson
Pietro Vierchowod	8	Chris Waddle
Carlo Ancelotti	9	Peter Beardsley
Nicola Berti	10	Garry Lineker
Fernando de Napoli	11	John Barnes
Stefano Tacconi	12	Paul Parker
Giuseppi Giannini	13	Chris Woods
Giancarlo Marocchi	14	Mark Wright
Roberto Baggio	15	Tony Dorigo
Andrea Carnaval	16	Steve McMahon
Roberto Donadoni	17	David Platt
Roberto Mancini	18	Steve Hodge
Salvatore Schillaci	19	Paul Gascoigne
Aldo Serena	20	Trevor Steven
Gianluca Vialli	21	Steve Bulu
Gianluca Pagliuca	22	David Seamon

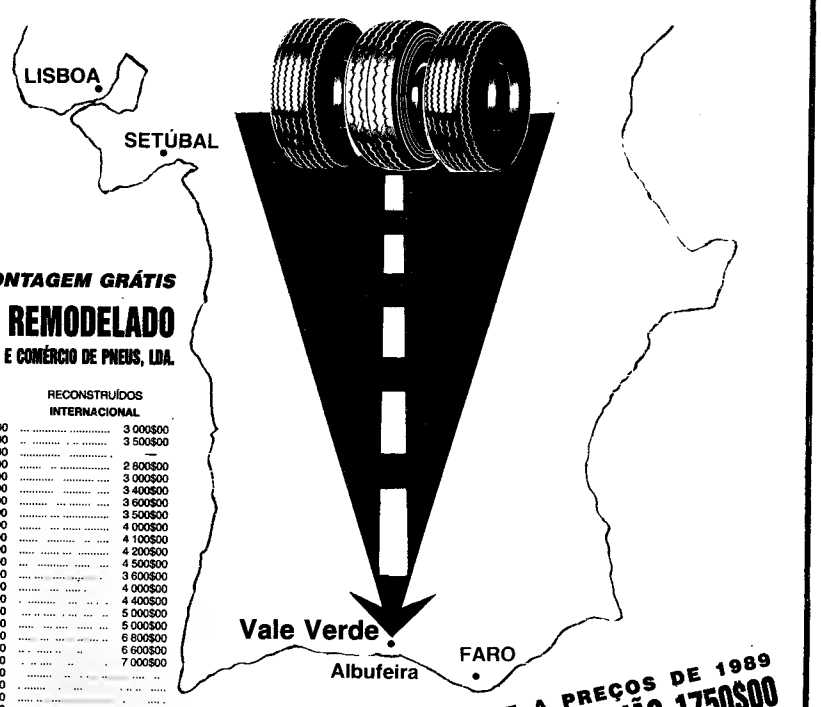
DOMINGO

ARGENTINA - RFA
RTP 1 – 19 horas

Nery Pumpido	1	Bodo Illgner
Sergio Batista	2	Stefan Reuter
Abelbalbo	3	Andrea Brehme
Jose Basualdo	4	Jurgen Kohler
Edgardo Bauza	5	Klaus Augenthaler
Gabriel Calderon	6	Guido Buchwald
Jorge Burruchaga	7	Pierre Littbarski
Caludia Cannigia	8	Thomas Haessler
Gustavo Dezotti	9	Rudi Voeller
Diego Maradona	10	Lothar Matthaeus
Nestor Fabbri	11	Frank Mill
Sergio Goycochea	12	Raimond Aumann
Nestor Lorenzo	13	Karlheinz Riedle
Ricardo Giupsi	14	Thomas Berthold
Pedro Monon	15	Uwe Bein
Julio Olarticoechea	16	Paul Steiner
Roberto Sensini	17	Andreas Voeller
Jose Serrizuela	18	Juergen Klismann
Oscar Ruggeri	19	Hans Pfluergler
Juan Simon	20	Olaf Thon
Pedro Troglio	21	Guenter Hermann
Fabian Cancelarch	22	Andreas Koepke

AGORA TAMBÉM NO ALGARVE

PNEU
RECONSTRUÍDO



MONTAGEM GRÁTIS
PNEU REMODELADO
IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE PNEUS, LDA.

	PNEUS NOVOS NACIONAIS	RECONSTRUÍDOS INTERNACIONAL
145×10	3 900$00	3 000$00
155×12	4 600$00	3 500$00
175×70×12	5 800$00	—
135×13	3 900$00	2 800$00
145×13	4 500$00	3 000$00
155×13	5 000$00	3 400$00
165×13	5 500$00	3 600$00
145×70×13	5 000$00	3 500$00
155×70×13	5 600$00	4 000$00
165×70×13	5 900$00	4 100$00
175×70×13	6 400$00	4 200$00
185×70×13	6 700$00	4 500$00
145×14	5 000$00	3 600$00
165×14	6 000$00	4 000$00
175×14	6 500$00	4 400$00
185×14	7 300$00	5 000$00
185×14c	8 500$00	5 000$00
195×14c	8 500$00	6 800$00
195×70×14	11 000$00	6 600$00
205×70×14	12 000$00	7 000$00
650×16 10PR	10 298$00	
700×16 10PR	11 594$00	
750×16 10PR	13 313$00	
205×16 TERRA	12 400$00	

COMPRE A PREÇOS DE 1989
PNEUS DE OCASIÃO 1750$00

Rua Cidade São Salvador, Letras — A.L.S.F. Bairro de Angola — 2685 Camarate — Tel. 9472172

Filial 1: Estrada Nacional N.º 8 — Barro — 2670 Loures — Tel. 9836087
Filial 2: **PNEUROPA, LDA** — Estrada Nacional — Trajouce — 2775 Parede — Tel. 2442221
PNEU RECONSTRUÍDO CONCESSIONÁRIO DE PNEU REMODELADO — Estrada Nacional 125 — Vale Verde — 8200 Albufeira

I Série N.º 154
Dia 6 de Julho
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Portaria n.º 513/90:
Dá nova redacção aos n.ºs 7.º e 10.º da Portaria n.ºs 7.º e 10.º da Portaria n.º 262/87, de 3 de Abril, que regulamenta as atribuições, organizações e funcionamento da Comissão de Normalização Contabilística.

Portaria n.º 514/90:
Adia à Portaria n.º 904-B/89, de 16 de Outubro, os n.ºs 9.º-A, 9.º-B e 9.º-C (actualiza a tabela de remunerações base dos funcionários e agentes da Administração Pública e dos organismos de coordenação económica e demais institutos públicos, bem como as pensões, ajudas de custo, subsídios de refeição e de viagem e marcha e as comparticipações da ADSE).

Ministério da Educação

Portaria n.º 515/90:
Aprova os planos de estudos dos cursos de Educadores de Infância e de Professores do Ensino Primário da Universidade dos Açores, criados pela Portaria n.º 676-A/88, de 10 de Outubro.

Portaria n.º 516/90:
Autoriza o Instituto Politécnico de Viana do Castelo, através da Escola Superior Agrária de Ponte de Lima, a conferir o grau de bacharel em Agricultura.

Portaria n.º 517/90:
Autoriza o Instituto Politécnico de Lisboa, através da Escola Superior de Comunicação Social, a conferir o grau de bacharel em Relações Públicas e aprova o respectivo plano de estudos.

Portaria n.º 518/90:
Autoriza a Universidade Técnica de Lisboa, através do Instituto Superior de Economia e Gestão, a conferir o grau de licenciado em Matemática Aplicada à Economia e Gestão e aprova os respectivos planos e regime de estudos.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Declaração:
De ter sido autorizada a alteração da designação da classificação orgânica a nível de divisão do capítulo 01 do orçamento do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações.

AGENDA

PESSOAS & FACTOS

IBM: uma nova rede transatlântica de comunicação de dados

Pela primeira vez, investigadores e cientistas dos dois lados do Atlântico terão acesso a redes de alta velocidade de supercomputadores e de outras fontes de informação á distância de avançada tecnologia. A IBM-Europa patrocina a primeira ligação de comunicação de dados de alta velocidade para investigadores na Europa e nos Estados Unidos da América, pela qual a informação fluirá a uma velocidade de 50 páginas dactilografadas por segundo.

A nova rede transatlântica ligará a EASINET (European Academic Supercomputing Iniative Network), que é um 'partnership' da IBM com 18 instiruições académicas de investigação europeias, instaladas em nove países europeus e o NSFNET (National Science Fondation Network) nos E.U.A., proporcionando o maior e mais rápido canal de informação de comunicações entre universidades, laboratórios governamentais e instituições de investigação.

Com esta rede, investigadores e cientistas dos dois lados do Atlântico, estarão habilitados a evocar gráficos remotos, transferir ficheiros de dados extremamente extensos, utilizar sistemas de distribuição de fixeiros e executar outras funções que requerem redes de alta velocidade, bem como instalações de supercomputadores.

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco ou moderado de nordoeste ,no litoral oeste e intensificando-se para a tarde.Pequena subida de temperatura em especial nas regiões do norte.

Estado do mar - costa ocidental: Mar de pequena vaga a cavado .Ondulação noroeste de dois a três metros.**costa sul** :Mar de pequena vaga. Ondulação de sudoeste cerca de um metro .

Amanhã

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando moderado de noroeste no litoral oeste durante a tarde.Pequena subida de temperatura.

Depois de amanhã

Céu pouco nublado ou limpo.Vento fraco,soprando moderado de noroeste no litoral oeste durante a tarde. Pequena subida de temperatura.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento forte de nordeste, soprando por vezes com rajadas **Funchal:** períodos de céu pouco nublado. Vento geralmente fraco.

Estado do mar - costa norte: mar cavado a grosso. Ondulação nordeste de dois a três metros. **costa sul:** mar de pequena vaga. Ondulação sueste inferior a um metro.

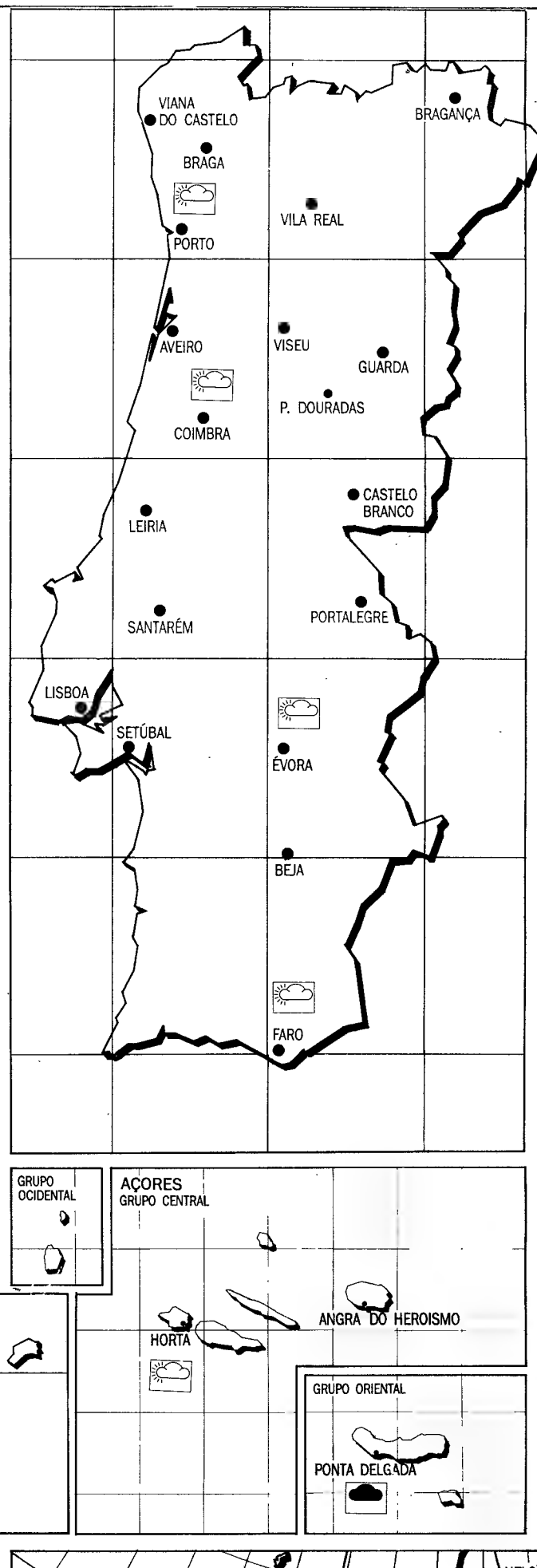
AÇORES

Grupo Ocidental: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de sudoeste.

Grupos Central e Oriental: períodos de céu muito nublado.Vento fraco.

Estado do mar: mar encrespado. Ondulação noroeste de um metro.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje			
PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
01.03	3.1m	08.31	1.1m
15.20	3.3m	20.59	0.9m
Amanhã			
03.45	3.1m	09.09	1,2m
16.00	3.4m	21.37	0.8m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	10	10	Limpo
V. Castelo	13	14	Limpo
Vila Real	12	13	Limpo
Porto	11	11	Limpo
P. Douradas	–	–	–
Coimbra	12	13	Neblina
C. Carvoeiro	16	16	Limpo
C. Branco	17	17	Limpo
Portalegre	17	17	Limpo
Lisboa	16	16	P. nub.
Évora	14	14	Limpo
Beja	13	14	Limpo
Sines	15	15	Limpo
Faro	20	21	Limpo
Sagres	16	16	P. nub.
P. Delgada	19	20	P. nub.
Horta	19	19	P. nub.
Funchal	19	20	M. nub.

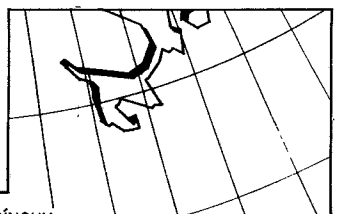
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 27; Porto, 22; Faro, 30; P. Delgada, 26; Funchal, 25.

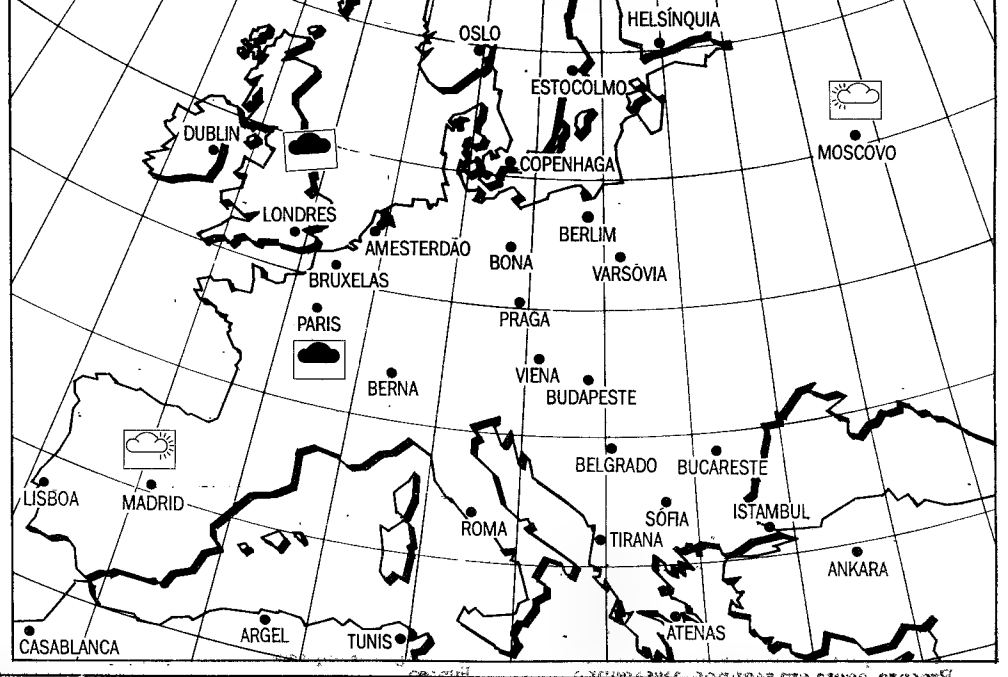
EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	14	16	Limpo
Londres	8	12	M. nub.
Paris	12	12	M. nub.
Bruxelas	10	11	P. nub.
Amesterdão	12	14	P. nub.
Genebra	13	13	M. nub.
Roma	21	23	Neblina
Oslo	12	13	Chuva
Copenhaga	12	14	Aguaceiros
Estocolmo	12	14	Chuva
Berlim	15	15	P. nub.
Viena	14	15	Chuva
Varsóvia	14	15	Neblina
Atenas	23	28	Limpo
Moscovo	13	20	P. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires	9	11	–
Caracas	19	28	–
Hong Kong	28	33	–
Joanesburgo	5	18	Limpo
Los Angeles	18	29	–
Montreal	20	26	–
Nova Deli	22	24	–
Nova Iorque	27	34	–tr
Rio de Janeiro	21	29	–
São Francisco	13	22	–
São Paulo	14	26	–
Tóquio	23	27	–





AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Areeiro: Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5, A-B, Tel. 887300; **Belém:** Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A, Tel. 611454; **Campo de Ourique:** Linaida, Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; **Campolide - Bairro Liberdade:** Salutar, Rua B, 75, A-B - Bairro Liberdade, Tel. 533411; **Graça:** Morão, Largo da Graça, 63, Tel. 860700; **Jardim dos Anjos:** Confiança, Av. Almirante Reis, 46-A, Tel. 821653; **Jardim Zoológico:** Alegria, Estrada de Benfica, 180, A-B, Tel. 780511; **Lumiar:** São Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C, Tel. 7590704; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Pampulha - Janelas Verdes:** Lealdade, Rua Olival, 226-228, Tel. 663441; **Praça Alegria:** Brites Moita, Praça da Alegria, 33-34; **Quinta da Luz - Carnide:** Findor, Rua Adelaide Cabete, 10-E, Tel. 7145271; **Saldanha:** Dalva, Av. Duque de Ávila, 125, Tel. 545225; **Xabregas:** Salter, Rua Xabregas, 63-65, Tel. 381185; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Banha, Av. Moscavide, 22-A, Tel. 2518518; **Odivelas:** Monserrate, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 31-A, Tel. 9811139; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Alvalade: Líbia, Av. Igreja, 4 B-C, Tel. 891681; **Arco Cego - Estefânia:** Délio, Rua Açores, 32-34, Tel. 572388; **Av. Novas - João Crisóstomo:** Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C, Tel. 520592; **Benfica - Bairro Santa Cruz:** Lavinha, Rua Eng. Paulo Barros, 28-A, Tel. 708242; **Cais do Sodré:** Africana, Rua Bernardino Costa, 43-45, Tel. 3469120; **Calvário:** Monge, Rua Lusíadas, 30-32, Tel. 3636704; **Chelas - Av. Dr. Aug. Castro - Carris:** Sacramento, Rua Actriz Palmira Bastos, Lote 42, Tel. 8590904; **Lapa:** Paiva da Costa, Rua da Lapa, 105-107, Tel. 664414; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rato - Príncipe Real:** Cunha, Rua Escola Politécnica, 18, Tel. 325455; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64, Tel. 2112070. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Godinho, R. Cândido Reis, 98, Tel. 4430090. Permanente; **Parede:** Aisir, Av. Gago Coutinho, B.º Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **S. João do Estoril:** Das Areias. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, Tel. 280170. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Helénica, R. Elias Garcia, 372, Tel. 4933613. Até às 22 h; **Damaia:** Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Permanente; Girassol, R. Elias Garcia, 17-C, Tel. 974161. Permanente; **Queluz:** Pereira Dias, Monte Abrão, Tel. 4375566. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9244002. Permanente; **Algueirão:** Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9212038. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

OUTRA BANDA

Almada: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** Morgado, R. Cabo Boa Esperança, 25-A, Tel. 2767356. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B, Tel. 2538572. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. S. Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Barreiro:** Diogo Roque, Av. Miguel Bombarda, 299, Tel. 2070602. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nunes, R. 1.º Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Amora:** Nova Amorense, E.N. 10 - Bloco A, Loja A, Paivas, Tel. 2216824. Permanente; **Torre da Marinha:** Alves Velho, L. Camões, 27, Tel. 2211132. Até às 22 h.

HÁ 20 ANOS

Demitiu-se o governo italiano

O governo italiano decidiu, hoje, demitir-se, em consequência de divergências internas sobre a administração das regiões da Itália recentemente criadas - anunciaram os ministros quando saíam de uma reunião. Entre os sindicatos e o governo uma nova prova de força iria travar-se na presente semana.

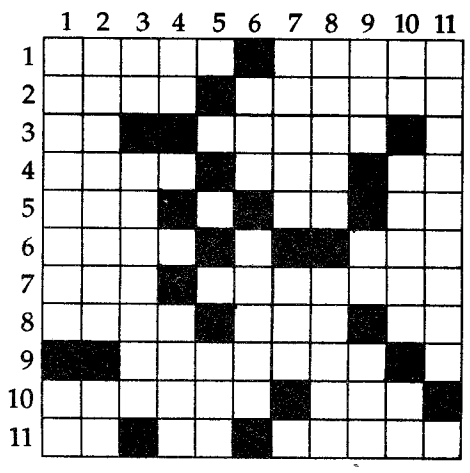
Vanessa Redgrave contestadora

A actriz britânica Vanessa Redgrave aproveitou um intervalo da rodagem do novo filme que está a interpretar em Londres, para explicar porque é uma contestadora. Com efeito, a sua participação em desfiles, protestos e manifestações a favor de causas, tem despertado a atenção do público.

Julgamento de 36 gregos

Um tribunal militar especial inicia hoje em Atenas uma série de julgamentos em que 36 gregos, pertencentes a várias organizações clandestinas, responderão por acusações de conspirarem para derrubar pela força o regime. Os réus estão sujeitos a uma pena de morte, se forem considerados culpados.

PALAVRAS CRUZADAS



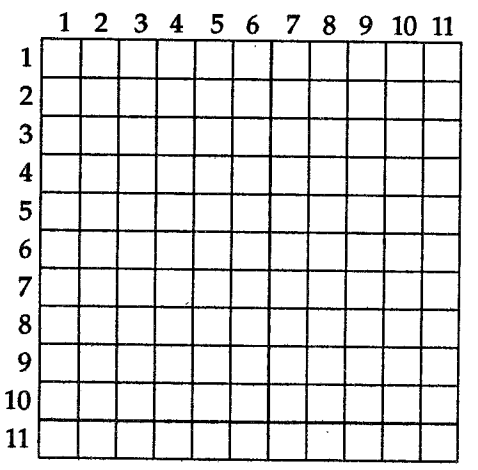
PROBLEMA N.º 17954

HORIZONTAIS

1 - De preferência. Fora do tempo.
2 - Formosa. Distrito de Nova Iorque.
3 - Reis. Palmada nas nádegas.
4 - Cidade da Malásia. Nome de letra. Aqui.
5 - Pico dos Pirenéus. Preposição e artigo. Aparência.
6 - Lavrar. Oásis.
7 - Oferecer. Navegara.
8 - Uma das partes do Mundo. General de Napoleão. Atmosfera.
9 - Décima quinta letra do alfabeto grego.
10 - Regulara. Regulara as doses de. Sadias.
11 - Alternativa. Letra grega. Planos.

VERTICAIS

1 - Freguesia do concelho de Alenquer. Contracção da preposição de com artigo.
2 - Nome de frutos. Alternativa.
3 - Tálio (s.q.). Espécie de lenço usado pelos Romanos para limpar a boca e o suor do rosto. (pl.)
4 - Duas vogais desiguais. Gostar muito de.
5 - Enguia.
6 - Pronome relativo. Jamais.
7 - Equipa. Ver.
8 - Que é do ar. Zelosa.
9 - Mãe de Rómulo e Remo. Autores. Em as.
10 - Neodímio (s.q. e inv.). Tombara. Solitário.
11 - Embatera.



PROBLEMA N.º 16764

HORIZONTAIS:

1 - Cada um dos setenta prelados que compõem o Sacro Colégio e que são os eleitores, os ministros e os conselheiros do Papa.
2 - Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Cantiga. Cério (s. q).
3 - Sacerdotes budistas. Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de África.
4 - Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Cidade de espanha.
5 - Oceano. Campânulas.
6 - Cobre (s.q.). Palmeiras da Amazónia.
7 - Poentes. Sufixo (s.q.). Lutécio (s.q.).
9 - Quatro em romano. Reis. Cântico de muitas vozes reunidas.
10 - Nome de frutos. Uma das Cíclades.
11 - Gorgulhos tropicais. Furioso.

VERTICAIS:

1 - Rei dos Israelitas, filho e sucessor de David e de Betsabé. Magnete natural.
2 - Mulher nobre. Homem de trabalho agrícola.
3 - Cada uma das subdivisões dum distrito judicial (pl.). Crómio (s.q.).
4 - Brisa. Empregarão.
5 - Chefe etíope. Avreviatura de Santíssimo Sacramento.
6 - Doutor. Numeral cardinal.
7 - Porção de cereais, que se debulham por uma vez na eira. Rio do estado do Pará.
8 - Autores. Lento.
9 - Cidade de Portugal. Curso de água natural e abundante.
10 - Rostos. Reino da Federação Indochinesa.
11 - Nome de frutos. Mérito (fig.).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo,

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 953

HORIZONTAIS: 1 - ANTES. MALHO. 2 - Naab. Cobaía. 3 - Triana. Sai. 4 - Aas. Cãs. 5 - Ribatejo. 6 - Safira. Oi! 7 - Alagarias. 8 - Aba. Ocaso. 9 - Quimera. 10 - Ura. Ansiar. 11 - Ea. Ama. Mios.
VERTICAIS: Antália. QUE. 2 - Nara. Aura. 3 - Tais. Sabiá. 4 - Abé. Ralam. 5 - Naifa. Mãe. 6 - Cá. BIGORNA. 7 - Mo. Caraças. 8 - Ab. Atara. Im. 9 - Lasse. Iscai. 10 - Hia. João. Ro. 11 - Ião. Ois.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 763

HORIZONTAIS: 1 - Ousilhão. És. 2 - Uro. Tia. Crê. 3 - Rs. Andorra. 4 - Eon. Dra. Imã. 5 - Aviaram. 6 - Toram. Atear. 7 - Airó. Amassa. 8 - Raspa. SS. 9 - Cod. M. It. 10 - Aso. Sarna. 11 - Rodear. Ar.
VERTICAIS: 1 - Ourenta. Cãs. 2 - Urso. Oiros. 3 - Só. Narrador. 4 - Vãos. 5 - Landim. Rd. 6 - Hidra. Aam. 7 - Atoaram. Usa. 8 - Atas. Ar. 9 - Crimes. 10 - Eram, Assina. 11 - Sé. Arrastar.

PROVÉRBIO:
ANTES MALHO QUE BIGORNA

EFEMÉRIDES

1535

•Morre o humanista inglês sir Thomas More

1945

•A Nicarágua é o primeiro país a aceitar, oficialmente, a carta das Nações Unidas

1962

•Morre o escritor norte-americano William Faulkner, prémio Nobel de Literatura em 1949 e prémio Pulitzer em 1955.

1975

•As ilhas Comores ascendem à independência

1976

•Divulgados os resultados finais do escrutínio, o general Ramalho Eanes torna-se no décimo quarto presidente da República Portuguesa, com 2 967 137 votos, equivalente a 60,79 por cento dos sufrágios.

1983

•A administração e representantes dos trabalhadores da Lisnave assinam um protocolo, o primeiro do género em Portugal, que prevê o estabelecimento de uma paz laboral na empresa durante três meses.

1986

•Partidários do ex-presidente filipino Ferdinando Marcos tentam pôr em marcha uma contra-revolução no país, proclamando um governo apoiado por 200 soldados e fuzileiros, chefiado pelo ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, Artur Tolentino.

1987

•É encontrado, próximo de Palmela, o corpo do padre Alberto Neto, 56 anos, assassinado com um tiro na cabeça.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
OLHA QUEM FALA
Filme de Amy Heckerling
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
SERES DO ESPAÇO II
Filme de Mick Garris
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
PESADELO EM ELM STREET IV
Filme de Renny Harlin
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/6 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
O JOVEM EINSTEIN
Filme de Yahoo Serious
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 3
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Bertel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
O JOVEM EINSTEIN
Filme de Yahoo Serious
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30,1930, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7
SERES DO ESPAÇO II
Filme de Mick Garris
M/12 anos - Às 13.45, 16.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
OS DELINQUENTES
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 24

AMOREIRAS 10
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zalman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 1515, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
LIBERDADE TOTAL
Hard-core - 1.º escalão (pornô)
M/18 anos - Às 15.00, 17:00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
NO PARQUE É QUE É BOM
Filme porno
M/18 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
LAMBADA
Filme de Joel Silberg
M/12 anos, às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
MISSÃO COBRA
M/12 anos - às 24 horas

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
UM GOLPE DE LOUCOS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
JAMES BANDE CONTRA O.S. SEX 69
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO ANDY WARHOL
KISS
Às 18.30
NUDE RESTAURANT
Às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zalman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,, 19.15 e 21.45

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Ás 22.00

AUDITÓRIO 2
TEMPO DOS CIGANOS
M/16 anos - Às 19.15 e 21.45,

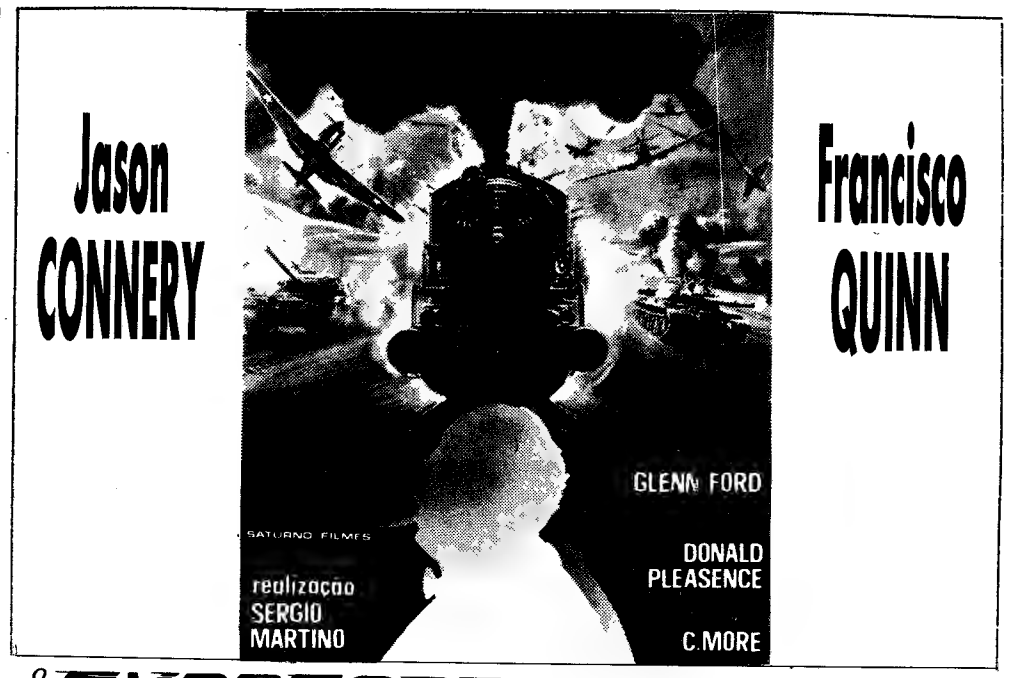
IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
ATENÇÃO BANDIDOS
Filme de Claude Lelouch
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
POLÍCIAS AO ATAQUE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
OS DELIQUENTES
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
O CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45



O EXPRESSO DE CASABLANCA

Já em exibição nos cinemas S. Jorge - Fonte Nova - Estúdio A.C. Santos

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
LAMBADA
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
CADILLAC COR DE ROSA
M/16 anos - Às 13.45, 16.30, 19.00 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
CALOR FATAL
Filme de Joel Silberg
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
PRAZERES ESCALDANTES DE SISSY
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade T.606847
INIMIGAS E AMANTES
UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 21.15 e 23.45

PLAZA 2
ASTÉRIX E A SURPRESA DE CÉSAR
Para todos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
O VERÃO FRIO DE 1963
Filme de Alexander Proshkin
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
COOKIE
M/12 anos - Às 15.00, 16.45 18.30, 20.15 , 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
OS FANTASMAS DE UMA ESTRELA
Filme de Peter del Monte
M/12 anos - Às 14.15, 16.15 18.15, 20,00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175
T. 579144
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.30 , 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
T. 804210
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
OS DELINQUENTES
M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A
T. 706666
A TURMA DOS REPETENTES
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9
T. 3468446
LAMBADA - O FOGO DA NOITE
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE
Telef. 2752127
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE
Telef. 246565
PARA ÍRIS COM AMOR
Filme de Martin Ritt
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS

MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.30 E 21.30
Sala 2
ARMADILHA SENTIMENTAL
Filme de Nicholas Roleg
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
A FEBRE REGRESSA
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
INIMIGAS E AMANTES
UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - Às 15.15 e 2130.

Sala 2
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45.

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
CORAÇÕES DE AÇO
M/16 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
PARA ALÉM DO KILIMANJARO, ATRAVÉS DE UM RIO DE SANGUE
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
CORRUPÇÃO NA CIDADE
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
AZELHAS AO VOLANTE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

A BARRACA (Cinearte)
Larg. de Santos, nº 2 - T. 3965360
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa

COMUNA
P. de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy
SALA 1
UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO
De Tennessee Williams

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45, Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE
R. da Glória - T. 325140
Sexta e Sáb. às 22.00
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - T. 770969
De 5ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00
NA SOLIDÃO DOS CAMPOS DE ALGODÃO
De Bernard- Marie Koltès
Em cena até dia 15

TEATRO DA CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-A
T. 3961515
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
UM POETA AFINADO
De Manoel de Figueiredo
Em cena até dia 8

TEATRO ESPAÇO
Caixa Económica Operária, Rua Voz do Operário, 64 - T. 676410
De 4ª a Sáb. às 22.00
CULPA
Cenografia de Helena Flor

VARIEDADES
Parque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30.
Domingos e Feriados também às 16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

RÁDIO

ANTENA 1
Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa
14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1 - 14/17; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** O Som dos Negócios; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2
FM 2 - Estéreo

17.00: Lugar à História; **17.35:** Um concerto para violoncelo de Haydn; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - As 32 sonatas para piano de Beethoven, por Alfred Brendel; **19.11:** Álbum Musical. Obras de Mozart, Gounod, Villa-Lobos, Chapi, Mendelssohn, Puccini, Wagner, Saint-Saens, Fauré e Bellini; **20.10:** Álbum Musical (Cont.); **20.30:** Esta Madrugada na Antena Dois; **21.00:** Os estudos para piano de Chopin por Maurizio Pollini; **22.00:** Música Vocal Comentada; **23.00:** Concerto da Noite com o maestro Wilhelm Furtwangler; **00.46:** Gravações Históricas - O pianista Arthur Schnabel. Obras de Beethoven e Mozart; **01.26:** Músicas Coral Sinfónica. «Stabat Mater» de Francis Poulenc; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

COMERCIAL
Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quanto o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

15.55 - A CASA DE IRENE
16.25 - OS AMORES DE NAPOLEÃO E JOSEFINA
17.10 - O MUNDO ANIMAL
6º episódio
17.35 - JUNTOS E AO VIVO
18.30 - OS MARRETINHAS
3º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - MENSAGEM DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA
20.30 - BOLSA
20.35 - O TEMPO
20.40 - BOLETIM AGRÁRIO
20.45 - RODA DE FOGO
21.50 - MILLER & MUELLER
6º e último episódio
22.45 - O ROSTO DA NOTÍCIA
23.50 - CHEFE, MAS POUCO...
00.20 - 24 HORAS
00.55 - REMATE
01.05 - PELA NOITE DENTRO
«Sonhos Alheios», um filme de Joseph Ruben (EUA, 1983), com Dennis Quaid, Max Von Sydow, Christopher Plummer, Eddie Albert, Kate Capshaw, David Patrick Kelly, George Vendt, Larry Gelman, Cory Yothers, Redmond Gleeson, Peter Jason e Chris Mulkey. O presidente dos estados Unidos, vítima de uma série de terríveis pesadelos sobre explosões nucleares, desde que a sua mulher morreu, convence-se de que tem de assinar com os soviéticos um tratado sobre armas nucleares na próxima cimeira de Genebra. Entretanto, na costa oeste dos EUA, Alex Gardner, que vive confortável mas ilegalmente graças aos seus poderes psíquicos que lhe permitem ganhar apostas nas corridas, é raptado pelo dr. Paul Novotny, que o convence a aceder a participar numa série de experiências. Este programa experimental está relacionado com a possibilidade de estabelecer ligações oníricas... Porém, tudo isto não passa de um sinuoso plano, cujo objectivo é assassinar o presidente através da mente. Mas Alex vai conseguir frustar a conspiração.

Amanhã, no 1º Canal às 19.10, o 1º episódio da série portuguesa «Nem o Pai morre nem a Gente almoça»

No 2º Canal (hoje) às 20.30, mais um «Bucha e Estica»

RTP-2

16.40 - HERÓIS
17.05 - AVENTURA DO SILÊNCIO
Em seis episódios, Martin Schliessler conduz-nos a sítios inóspitos da costa ocidental do Canadá e do Alasca, a regiões ainda não exploradas. Vancouver é o ponto de partida para as várias expedições, autênticos desafios ao perigo.
17.35 - PRIMEIRO ANDAMENTO
Com o «Octeto Flamen», que interpreta a Serenata nº 12 para dois oboés, dois clarinetes, duas trompas e dois fagotes, de Wolfgang Amadeus Mozart.
18.05 - ZIRCUS
18.40 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - AS CIDADES E AS TERRAS
20.30 - BUCHA E ESTICA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
41º episódio
23.00 - ESPECIAL DESPORTO
Torneio de Ténis de Wimbledon, em diferido
24.00 - ROTAÇÕES
01.00 - HAJA MÚSICA

SATÉLITE «ASTRA»
Mod. SAT 300/90
• Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
• LNB com polarizador incorporado.
• Receptor esterofónico com 16 canais memorizáveis. • Telecomando infravermelhos com todas as funções.
• Poder de captação:
— Actual: 8 canais
— A partir do final do ano: 24.
Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado
Audimax T. 4106275 Algés

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - TV RURAL
09.25 - MEU QUERIDO SÁBADO
12.30 - GRANDES TORMENTOS
13.00 - NOTÍCIAS
13.10 - UB 40 - LABOUR OF LOVE
14.05 - OS RECORDES DO GUINESS
14.30 - O BARCO DO AMOR
15.25 - VIVAMÚSICA
16.30 - SESSÃO DA TARDE
18.10 - VIAGEM INFINITA
19.10 - «NEM O PAI MORRE, NEM A GENTE ALMOÇA»
19.45 - TOTOLOTO
20.00 - JORNAL DE SÁBADO
21.15 - CONCERTO EM ROMA POR CARRERAS, PAVAROTTI E PLACIDO DOMINGO
24.00 - POIROT
01.00 - CINEMA DA MEIA-NOITE

RTP-2

09.02 - UNIVERSIDADE ABERTA
10.15 - CAMINHOS
10.45 - ZONA JAZZ
11.45 - UM LAR PARA OS ANIMAIS
12.30 - DOCUMENTÁRIO
12.55 - TAUROMAQUIA
13.20 - CINE SÁBADO
15.00 - TORNEIO DE TÉNIS DE WIMBLEDON
18.45 - FUTEBOL: ITÁLIA 90
Itália-Inglaterra para os 3º e 4º lugares
21.00 - PRIMEIRO LUGAR
21.15 - ARCA DE NOÉ
22.00 - MICHEL LEGRAN NO CASINO ESTORIL
23.00 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1 MILLER & MUELLER
RTP 2 DONA BEIJA
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

OLIVEIRA&LEAL,Lda
Móveis • Estofos • Decorações
(CASA FUNDADA EM 1945)
— Mobílias de quarto e sala em todos os estilos — Móveis estilo inglês — Móveis TV vidro.
— Jogos de maples em pele, globlam, veludo.
— Arcas, camas de ferro, colchoaria.
— Mobília em nogueira, incluindo camiseiros. Escrivaninhas, mesas holandesas, etc.
— Mobiliário em pinho — sommiers.
— Móveis em todos os estilos por desenho e por medida.
Entregas em qualquer ponto do país
Rua da Rosa (Bairro Alto), 73-81 — 158-160
Tel. 321872 (200 m2 exposição)

«Se Ceausescu comeu salmão fumado no Palácio da Ajuda, porque é que Le Pen não há-de comer sardinhas assadas em Sesimbra?»

Paulo Portas, «O Independente», 06.07.90

A PERGUNTA DO DIA

Alfredo César Torres secretário de Estado do Turismo

Como são reguladas as condições de segurança e qualidade dos parques aquáticos?

«A eclosão dos parques aquáticos é um fenómeno recente. Por isso, Portugal ainda não tem legislação em vigor sobre esta actividade.

O mesmo acontece com outros países da Europa Comunitária onde não existe também qualquer dispositivo legal sobre a actividade dos parques aquáticos.

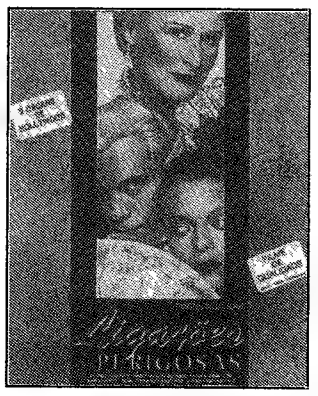
Contudo, dada a proliferação destas unidades em todo o País, a Secretaria de Estado do Turismo está a preparar um projecto de decreto-lei que regulamentará a fiscalização e as normas de segurança destes parques.

Este projecto está em fase final de elaboração, pondo fim ao vazio sobre esta matéria. Até ao momento, a licenciatura dos aquaparque, têm sido alvo da apreciação das câmaras municipais ou da Direcção-Geral dos Desportos.»

O DL SUGERE

a Leonor Beleza

Veja o filme LIGAÇÕES PERIGOSAS, uma obra de Stephen Frears, recentemente lançado no mercado de vídeo. Trata-se de um belo filme, muito bem transposto para a edição videográfica, e que dá um olhar libertino sobre a vida social na corte francesa da segunda metade do século XVIII. Uma boa forma de se descontrair, de afastar um pouco o pensamento das coisas desagradáveis que lhe têm acontecido nos últimos tempos e de ver como algumas ligações podem ser perigosas...



a Pedro Santana Lopes

Escolha o restaurante CAFÉ MARTINHO DA ARCADA para almoçar um destes dias. Depois da grande polémica sobre a possibilidade do seu desaparecimento, o chamado café (na realidade restaurante), lá surgiu de novo, retocado com os dinheiros do Estado. A comida é bastante aceitável e o serviço excelente. O único senão é o facto de o erário público ter financiado as obras de um café onde, para se tomar uma bica, se tem de almoçar primeiro e a preços que o seu mais notável frequentador, Fernando Pessoa decerto não poderia pagar.

a Mário Soares

Arquitectura do futuro no passado

Aproveite a sua estada em Coimbra para visitar a exposição de fotografia ARQUITECTURA DO FUTURO NO PASSADO, patente no Círculo de Artes Plásticas daquela cidade. O fotógrafo Erich Consemuller mostra-nos as obras da escola arquitectónica da Bauhaus, surgida na Alemanha entre as duas guerras. Uma boa oportunidade para o Presidente da República ver algumas das mais interessantes obras da arquitectura moderna e comparar com o que de moderno se está a fazer por este País fora...

a Miguel Castelo-Branco

Não perca, no domingo à noite, o último episódio de PARA ALÉM DA GUERRA, uma produção americana sobre a II Guerra Mundial e o tratamento infligido aos judeus pelos nazis. A série retrata a violência dos seguidores de Hitler e pode ser um bom motivo de reflexão para quem se anda a aproximar tanto de quem, na verdade, não passa de um seguidor do nacional-socialismo alemão, mesmo que se reclame democrata.

VAI ACONTECER

Gás vai faltar a partir de amanhã

Os trabalhadores da Petroquímica iniciam amanhã uma greve segundo um esquema de rotatividade, o que levará a um agravamento progressivo das condições de fornecimento de gás, podendo culminar no corte geral. Na base da paralisação estão motivos de ordem salarial, já que a administração propõe um aumento de 12,2 por cento, contra os 14,5 reivindicados pelos trabalhadores.

Dia das Forças Armadas celebrado em Viana

A cidade de Viana do Castelo será, no domingo, o palco das comemorações dos dias da Marinha e das Forças Armadas. A cerimónia militar é presidida pelo Chefe do Estado, contando com a presença do primeiro-ministro, do ministro da Defesa, do chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas e dos chefes de Estado-Maior dos três ramos das Forças Armadas. A Marinha comemora 493 anos, contados a partir da data em que Vasco da Gama partiu para a Índia. O Dia das Forças Armadas apenas começou a ser celebrado em 1984.

Famalicão homenageia Camilo

Iniciam-se, na próxima segunda-feira, em Vila Nova de Famalicão, as tradicionais Festas Antoninas, que se prolongarão até ao dia 14, sábado.

As festas deste ano integrarão um cortejo histórico sobre a vida e obra de Camilo Castelo Branco. A homenagem insere-se nas comemorações do primeiro centenário da morte do escritor, e conta com a participação das escolas preparatórias e secundárias do concelho.

Audiovisuais na Gulbenkian

O Museu Gulbenkian está a levar a cabo uma série de sessões de audiovisuais, que tiveram início na passada quarta-feira e que decorreram até ao dia 20 do corrente. As sessões têm lugar na sala de conferências do museu e a entrada é livre. O programa é inteiramente dedicado à história da pintura europeia, desde o Renascimento até aos caminhos da arte moderna.

Segunda-feira no
Diário de Lisboa
A longa maratona de Itália 90 chegou ao fim
Hospital de Faro: falta de pessoal e de camas
Os sete mais ricos reunidos em Houston
Um artigo de Alfredo Margarido

meteorologia

Le Pen no País das maravilhas

Sei: Luca precisa de Torello e Torello precisa de Luca. É a complementaridade, a dialéctica da coexistência conflituosa. Sem conflito, sem sinais opostos, não há vida, não há progresso e regresso, não há regresso nem progresso em caminhada nunca terminada; sem conflito nem há séries televisivas.

Mas há conflitos e conflitos: Luca e Torello são inventados. Le Pen, ao que se saiba, não o é. Não é produto da imaginação fértil dos argumentistas da semana. Le Pen é uma pessoa real.

Uma pessoa real, um viajante com curiosa bagagem num País por definição multirracial, não só à vista, mas também sem diferenças de cor, *multirracial, por dentro*, quer se queira quer não; mistura impura ou osmose, no melhor dos casos. Então, o Portugal dos *metèques* saúda-o, a ele e aos seus companheiros «puros» instalados em Sesimbra, onde o mar lava rapidamente a marca dos seus passos deixada na areia entre duas reuniões de trabalho...

Li algures, num livro qualquer sobre patologia, a confissão de um doente: «Passeio muito pelo jardim. As plantas não têm ego, não me podem mogoar.» Mas os *metèques* do jardim à beira-mar plantado não querem passar a conviver só com plantas, ofendidos por esses intrusos de ego violento, loiro, atrasado, de *anti-iluminação* que se deseja apenas súbita e não contínua.

Jorge Listopad

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º Prémio
48 843
100 000 contos

2.º Prémio
3 017
12 000 contos

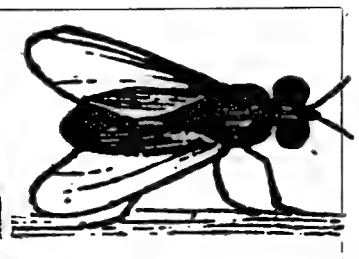
3.º Prémio
59 981
3000 contos

100 000 CONTOS
SORTE GRANDE
da Lotaria do Aniversário da Misericórdia distribuída num bilhete com o carimbo da
CASA DA SORTE
LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO

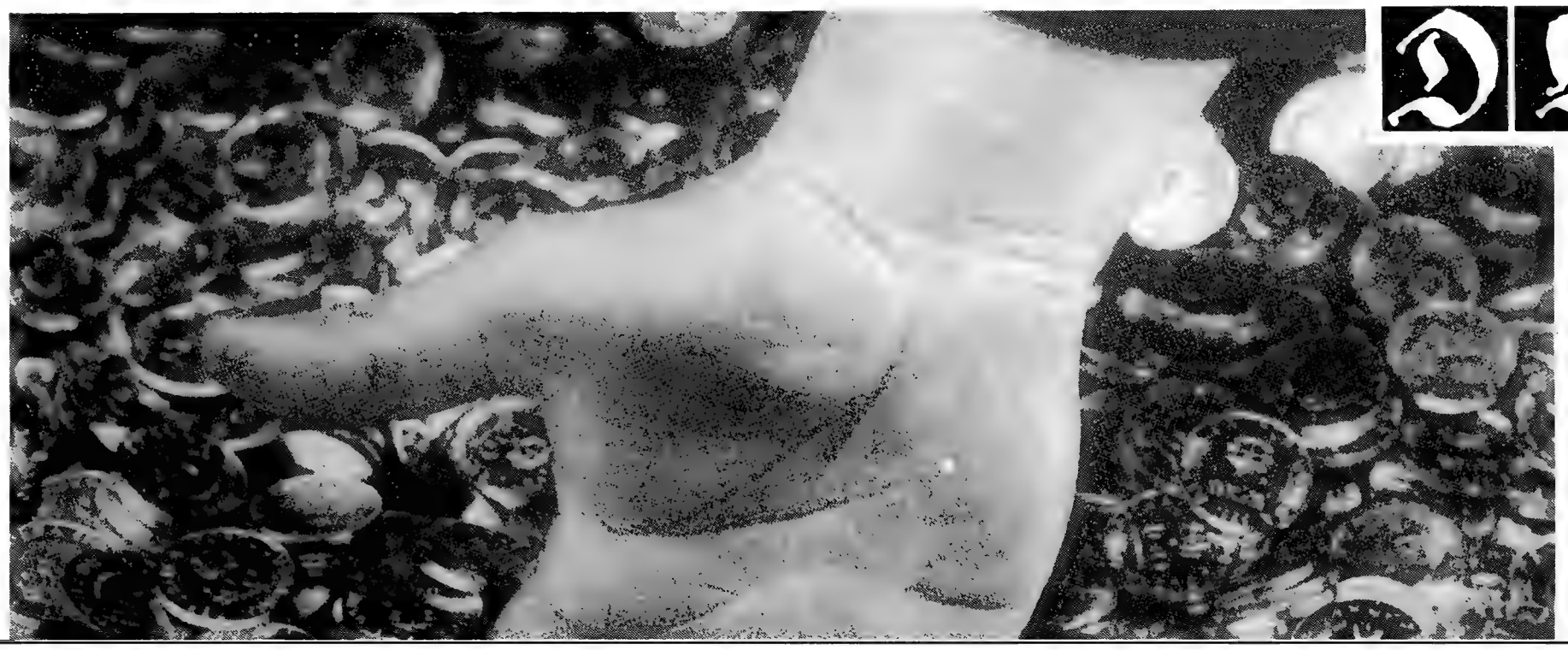
Entradas de lotaria
SAI SEMPRE!
CASA VIOLA — A sorte que «Toca»
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL
Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
6 DE JULHO DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA



D L



Texto de
Roby Amorim

A BOLSA OU A VIDA?

Isto é uma coisa excessivamente complicada para mim. Não faço a menor ideia do que se passa nas arcadas do Terreiro do Paço, daquela gritaria computorizada, daquele espaço composto de gestos e mímicas, onde, seguramente, Marcel Marceau teria alguma coisa a aprender.

A bolsa, aquele saquinho atado com cordões onde se traz o dinheiro julgado conveniente para a aventura do quotidiano, é tão velha como as moedas, vem lá das profundezas do tempo, de quando os homens descobriram ser mais conveniente trocar um cavalo por um certo peso em ouro, do que cambiar uma vaca por seis ovelhas. Hoje já ninguém a usa, nem mesmo as varinas, por baixo de uma das múltiplas saias que outrora eram de rigor. De rigor, agora, é a carteira.

O que pode provocar algumas confusões. Aqui há umas duas dezenas de anos, Helena Cidade Moura, a traduzir Shakespeare para uma memorável (e caríssima) edição, entendeu que *pick-pocket* se deveria dizer, em vernáculo, carteirista. O pior é que no tempo do dramaturgo isabelino ninguém imaginava que outra coisa pudesse ser uma carteira senão uma mesinha para escrever ou estudar...

Para o Zé do Telhado, vivendo e actuando numa época de transição, tanto lhe fazia a carteira como a bolsa, se uma ou outra estivessem bem recheadas. Anacrónicos são os seus seguidores dos nossos dias se, acaso, continuam a propor o exorbitante dilema de cedermos ou a bolsa ou vida. Mas isso são tempos passados: hoje onde se vai é directamente à fonte, ao banco e não se reclama bolsa nenhuma, porque não chega – necessários são uns sacos. Por trás da meia de vidro que serve de capuz, explica-se, calmamente, em voz o mais cava possível que «isto é um assalto» e sai-se em grande tranquilidade, enquanto a PSP ou a GNR ainda estão às voltas para ver se conseguem por a funcionar o motor do carro.

De qualquer maneira, o povinho entende que os Zés do Telhado do nosso tempo são precisamente aqueles que jogam na Bolsa (com maiúscula), com dinheiros que se multiplicam milagrosamente, como o peixe e os pães bíblicos, enquanto, há muito tempo, fora divinamente informado que o pão nosso de cada dia se tem que ganhar com o suor do nosso rosto (apesar do ar condicionado) e não com o pouco esforçado gesto de levantar um dedo e comprar ou vender umas centenas de (boas) acções.

É coisa para fazer bolçar (Alto aí, não proteste: tanto se pode escrever com esse como com cê) um espírito habituado a andanças de outros tempos. Rebenta-lhe a bolsa do fel (a vesícula) e lá se lhe enche a boca de um sabor a bílis. E se os cefalópodes entendessem destas coisas, o mesmo lhes aconteceria à bolsa do ferrado, que é um orgão vesicular onde, como o nome indica, guardam precisamente o ferrado (Desculpe, não posso estar aqui a dar todas as explicações. Vá ao dicionário).

Outrora, os reis e os grandes senhores atiravam, magnanimamente, uma bolsa carregada de moedas de oiro aos seus fieis servidores. Hoje, à falta de bolsas (excepto as tão desejadas da Gulbenkian), reservam-lhe um lugar no conselho de administração numa empresa estatizada e em vias de ser privatizada.

Sem esperança de que nos aconteça um tal milagre e descrente dos milagres das arcadas do Terreiro do Paço, restanos ir, delicadamente, cheirar a bolsa do pastor, que não fede a queijo de cabra, e é uma ingénua e delicada florzinha dos nossos montes, ainda prima germana das majestosas e arrogantes rosas que se exibem na mesa de quem manda na Bolsa, a tal.

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

- 1 ANO – 18 000$00
- 6 MESES – 9 000$00
- 3 MESES – 4 500$00
- 1 MÊS – 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados 70$00 cada • Mudança de endereço 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00 • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacional até 100 gramas, pelo que os encargos postais aí incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

Texto de
Jaime Rocha

DESEJOS SÚBITOS

Comprar na Bolsa era a única oportunidade para Gregório S. deixar de trabalhar. Tinham-lho dito uma vez no balcão de um banco, no dia em que decidiu trocar um maço de pesetas que trouxera de Madrid.

Fora ao museu do Prado, de propósito, para ver os quadros de El Greco, mas estava fechado para obras. Regressou nesse mesmo dia a Lisboa e nunca mais saíu do país.

No banco, o homem que insistira para que ele comprasse acções na Bolsa conversava com o sub-chefe sobre um crédito para um negócio de sapatos.

Sapatos não dá, dizia o sub-chefe, de momento está-se a optar por croissanterias, geladarias e lojas de hamburguesas.

Mas eu quero ficar no ramo dos sapatos, insistiu o homem.Trazia um embrulho com facturas e impressos do IRS.

Foi aí que Gregório S. decidiu ir para a Bolsa comprar. A discussão entre o sub-chefe e o homem estava a arrastar-se, o sub-chefe tinha um tique no pescoço, encolhia-se e passava os dedos pela gola da camisa. Falara vagamente de uma tuberculose e de um estadia em França, num estágio da Bolsa de Bordéus, e tentava convencer o homem a desistir dos sapatos, argumentando que agora com a unificação das alemanhas já não valia a pena.

O homem pediu explicações, perguntou qual era a relação entre isso e o negócio de sapatos, mas o sub-chefe assegurava que tinha sido o director do banco quem se referira a essa questão num seminário efectuado na semana anterior, em Coimbra.

O homem não arredaria pé enquanto o director não lhe viesse explicar por que razão não lhe davam um crédito para o negócio de sapatos. Gregório S. não esperou mais, dirigiu-se rapidamente para o Terreiro do Paço. Sentiu, após aquela discussão, que a única saída para a crise que estava a viver seria a Bolsa.

Na rua do Ouro, viu um homem pintado em cima de uma cadeira. Estava em tronco nu. Tinha os olhos fixos numa loja de câmbios que mostrava um letreiro: change/exchange.Não se mexia há horas, dizia-se. Um grupo de pessoas comentava que era o homem-estátua, um brasileiro. Outros asseguravam que era um ex-funcionário da Bolsa de Valores do Porto. Não se sabia ao certo. Era magro, estava bronzeado e guardava um saco de plástico com roupas.

Esta visão não fez estremecer Gregório S. Tinha decidido ir comprar títulos à Bolsa e nada o faria demover, embora a atitude do homem-estátua a olhar para os câmbios e a imagem do sub-chefe do banco a falar de tuberculose, o tenham perturbado.

Quando atravessou o arco do relógio que dava para a Praça do Comércio sentiu um grande inchaço no peito como se fosse iniciar uma caminhada pelo fundo do mar. Ficou com fome e com a garganta seca, ao que se seguiu um grande formigueiro. Há anos que ouvira falar na Bolsa de Lisboa, de pessoas que num dia se tornaram milionárias comprando acções de empresas dos mais variados produtos e, agora que estava à beira de cumprir esse sonho, sentia-se paralisado.

Tentou explicar este contratempo com o cheiro do cais das Colunas, o corropio dos cacilheiros. A estátua do cavalo branco comida pelo sol dava a ideia que ia tombar. Apenas faltava atravessar a praça, as linhas do eléctrico, o alcatrão enfolado, contornar os carros estacionados. Mas tudo isso pareceu a Gregório S. uma tarefa inultrapassável.

Dois homens surgiam já debaixo dos arcos, do lado da Bolsa. Vinham a discutir, sem convicção. O seu ar era de quem acabara de perder uma fortuna. Soube-se depois que tinham vindo da Beira Baixa com dez mil contos para investir em títulos.

Alguém, um emigrante vindo de Bruxelas, os havia aconselhado a comprar na Bolsa.Tinham uma ideia: comprar empresas de lanifícios para venderem depois à CEE.

Por qualquer razão, embora se atribuisse à falha dos computadores e a um japonês com residência em Macau que surgiu com gestos até ali nunca vistos, os dois beirões acabaram por comprar duas fábricas de sapatos falidas com sede em São João da Madeira.

Gregório S. viu-os seguir até ao Campo das Cebolas, cabisbaixos, a tossir como se estivessem tuberculosos. Decidiu então ir sentar-se nos bancos de pedra à beira do Tejo. Os barcos não paravam. Não entendia bem por que razão as pessoas corriam de um lado para o outro, vindas do passeio onde estava situada a Bolsa.

Não quis mais pensar nisso, viera a Lisboa impulsionado por um desejo súbito de enriquecer, mas verificou que talvez tudo fosse inventado, até a própria cidade e ele mesmo. Já não sabia por que estava ali nem mesmo se existia.

Texto de
Ernesto Sampaio

CEM MIL BRASAS

Perto da minha casa, na Lapa, que é das zonas mais distintas de Lisboa, existe um café quase sempre a abarrotar de crianças e adolescentes por causa do colégio que fica ao lado.

Apesar dos arrotos, estoiros de pastilha elástica, fioriturras rockeiras, escapes de motos e outros arruídos juvenis, sou frequentador assíduo do local, de elevado interesse sociológico. Por vezes, apanham-se autênticas pérolas, como as contidas nesta conversa entre duas crianças: «C'as acções, o meu tio ganhou mais de cem mil brasas só numa semana. Pôrra, meu! É aquilo com c'um gajo sonha!»

Pus-me a pensar que afinal não são assim tão grandes as diferenças entre gerações. Não por causa dos miríticos cem milhões, embora as quantias dos sonhos das pessoas da minha idade sejam mais pequenas, mas pelas semelhanças de fundo existentes entre a educação recebida pelos adolescentes de agora e os do meu tempo.

Nós saíamos do liceu mal preparados para a vida, cheios de «humanidades» inculcadas numa perspectiva demagogicamente idealista, habilitados com privilégios que não só dispensavam como desprezavam o trabalho com as mãozinhas.

Estes agora estão a pensar que daqui a dez ou quinze anos vão ganhar cem mil contos na Bolsa. O irrealismo é idêntico. E o dramático desmentido da vida vai ser igual. Daqui a dez ou quinze anos talvez nem sequer haja Bolsa.

«Flash back». Quando eu era miúdo, degredavam-me de vez em quando para um Vale da Morte no Oeste (há desses sertões a poucos quilómetros de Lisboa), propriedade de um meu tio-av^o meio maluco a quem nunca ouvi uma palavra inteira: só monossílabos. O sítio tinha a casa de lavoura do meu tio e a cerca de um quilómetro um csal com cinco casebres e um forno. Estradas, não havia: apenas dois ou três caminhos onde nem os carros de bois se aventuravam. O burro era o único meio de transporte.

A população do casal vivia das jornas pagas pelo meu tio amalucado à meia dúzia de homens válidos existentes. Trabalho duro, de enxada nas leiras, já que a água era pouca e às vezes nenhuma, mas trabalho assegurado quase todo o ano.

Um belo dia, o meu tio meio-maluco teve uma ideia. Contratou um vedor, furou um poço, abriu um caminho largo e comprou um tractor. Toda a gente do casal veio em feta admirar a novidade. O pior foi quando viram que o tractor fazia em dois dias o serviço que eles levavam três meses a fazer.

Hoje, já não há casal, isto é, há as ruínas. As pessoas dali, que não conheciam mais mundo, tiveram que ir resolver a vida para outro lado. O problema é que se as coisas se passaram assim com um casal, não podem acontecer do mesmo modo a um país inteiro, a um continente ou ao mundo. A esta escala, quem terá de mudar-se não é a população do casal, mas o meu tio-av^meio maluco. O tractor e as maquinarias prodigiosas que vierem não podem ser privados, mas colectivos, não podem pertencer a um só, mas a todos.

Há quem julgue que o socialismo é uma mania, uma tontice engendrada em abstracto na vasta e complexa cabeça de Marx, e que o motor da luta de classes é a inveja. Também há quem acredite que o mundo sempre existiu tal como existe hoje, com formas iguaizinhas de produção e propriedade. Segundo estes, o lambão que abichou as cem mil brasas na Bolsa corresponde a um modelo saído todo luzente das mãos de Deus quando a humanidade e a macacada ainda não sabiam que eram diferentes.

É estranho, mas é verdade: nestes tempos de escolarização democrática e acelerada, há adultos ignorantes da dialéctica que liga as formas sociais à aquisição de determinadas forças produtivas, isto é, as relações de propriedade. Por ora, com o auxílio da guarda, os expulsos foram os habitantes do casal, mas quando não houver alternativas, nenhum sítio, no vasto mundo, para onde os servos possam mudar-se, não há guarda que valha ao meu tio: o expulso será ele.

É mais ou menos isto o que Marx explica numa carta a Annenkov, de 28 de Dezembro de 1846: »Os homens nunca renunciam às suas conquistadas, mas isso não significa que não venham a renunciar à forma social que envolveu a aquisição de determinadas forças produtivas. Muito pelo contrário. Para não se verem privados do resultado obtido, para não perderem os frutos da civilização, os homens são forçados a modificar todas as suas formas sociais tradicionais, logo que o modo do seu comércio deixa de corresponder às forças produtivas adquiridas».

E o outro a pensar que todos os caminhos vão dar à Bolsa, sem suspeitar ue o inimaginável crescimento das capacidades produtivas vai fulminar o domínio da velha história, transformar as formas mistificadas de consciência que delas dependem, libertar as estruturas alienadas do trabalho. Ou então destruir tudo.

Texto de
Eduardo Siopa

DITADURA DE MERCADO

O neoliberalismo, púdico manto novo com que a direita mais extrema cobre as suas vergonhas, decretou o fim do socialismo. Segundo o senhor Giscard d'Estaing, «uma sociedade igualitária, nivelando as condições de vida, seria absurda» (entrevista ao *Figaro Magazine),* e na verdade parece que já ninguém se choca com estas glosas actualizadas do *Mein Kampf,* vindo como vem de campeões da democracia, sob as espécies da livre concorrência, do ensino livre ou da livre informação. Qual o objectivo desta orgia de liberdades? A restrição do papel do Estado, da sua intervenção no distribuir da riqueza.

Vai um alarido ensurdecedor no vasto império ocidental por causa da crise, e enquanto os meios de comunicação social ignoram ou fingem ignorar a filiação legítima da famosa crise — gigantescas transformações na divisão internacional do trabalho — os procuradores de cada nação vão adaptando as coisas às necessidades da nova ordem: abandono da planificação, preços livres, ataques às conquistas sociais e ao mundo do trabalho, despedimentos, desemprego, desmantelamento dos sistemas de saúde e segurança social, habitação só para os ricos, controlo cada vez mais estreito em matéria de polícia, educação, cultura, informação, etc.

O velho discurso liberal, baseado na igualdade das oportunidades e dos direitos, já não serve. Como em todos os períodos de crise grave, os detentores do poder político atiram às urtigas a cantilena da luta contra as desigualdades económicas e sociais e recorrem ao arsenal de temas da extrema-direita, camuflados à pressa sob uma máscara democrática de carnaval.

O *big business,* como é bem de ver, perseguiu sempre os mesmos objectivos da sua lógica de lucro, mas agora as condições são outras e o discurso ideológico tinha de ser diferente.

Em período de intensa competição, de aceleradas transformações técnicas e económicas, o que a ideologia neoliberal visa é liquidar rapidamente a resistência das vítimas. São três os grandes princípios da nova doutrina: identidade dos interesses particulares com o interesse geral, recusa do papel tutelar do Estado, submissão das decisões sociais à sua rentabilidade económica, quer no domínio colectivo, quer no individual. O primeiro princípio serve de suporte à economia de mercado e à livre concorrência; do segundo decorre o estatuto aliciante que permite a cada um fazer, se puder, o que melhor lhe convém; pelo terceiro, os cidadãos ficam autorizados a maximizar os seus lucros em todas as extensões da vida, quer se trate de política ou de sexo, de educação ou agiotagem.

O resultado de tanta «liberdade» é a imensa maioria da população não poder pagar os preços livres dos géneros e artigos de primeira necessidade, nem enviar os filhos às caríssimas escolas livres, nem viver em casas de aluguer livre, nem tão-pouco ganhar tranquilamente a vida trabalhando em empresas que contratam a prazo e despedem livremente.

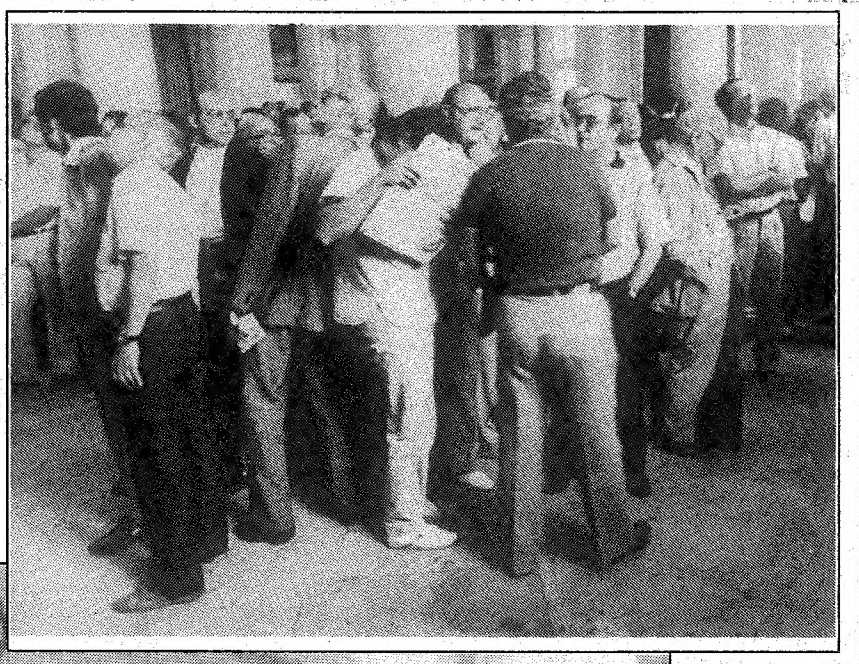
Aqui há uns tempos, um divertido rábula coimbrão, galvanizou justamente a terceira idade e as crianças destes sítios com uma palavra de ordem vaticana e cracoviana — «Liberdade contra o socialismo» — que resume expressivamente o avassalador «couro nouveau», tão irresistível que encontra prosélitos entre «socialistas» mores, eles próprios defensores do banimento de todos os entraves ao livre mercado, trate-se de subsídios ou de regulamentação de preços. Parece, com efeito, haver consenso quanto a um ponto fundamental da nova doutrina: a optimização social só pode ser obtida pela livre iniciativa privada, cabendo aos particulares tirar o melhor partido das suas potencialidades pessoais.

Os leitores não devem lembrar-se, mas o senhor Milton Friedman, patrão da escola de Chicago, inspiradora da ordem universal que chega agora até nós, foi um dos primeiros economistas a visitar Augusto Pinochet. Acaso? Talvez não. Ao propor que toda a vida social se submeta às regras do mercado, que não haja outros critérios senão os dos cálculos custos-lucros, Friedman também propõe um modelo pouco original de sociedade totalitária. A diferença está em que Pinochet mete os trabalhadores no Estádio de Santiago e Friedman não recorre a tais extremos: limita-se a lançá-los no desemprego.

Estranha liberdade esta nova, incapaz de conviver com a igualdade e a fraternidade duzentos anos depois da Revolução Francesa.

Texto de
Fernando Brederode Santos

UMA BANCARROTA EM CONTA



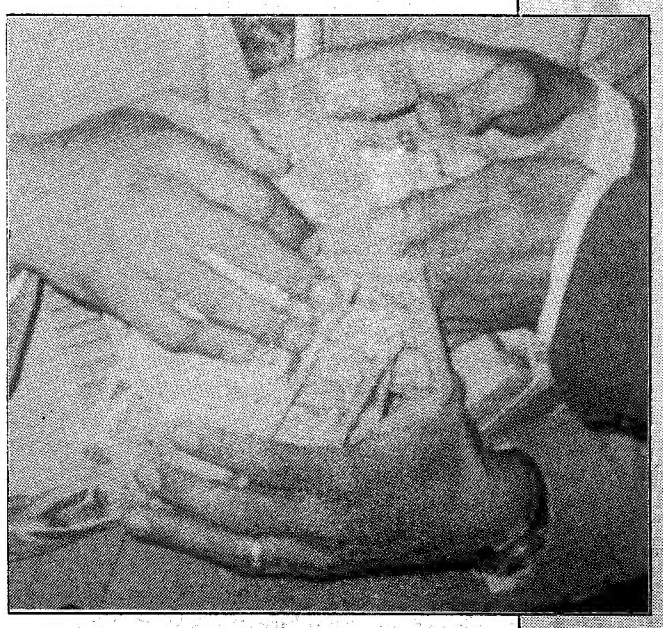
Foi aqui há uns anos. Entrando num bar, avistei um amigo a uma mesa, fui falar-lhe.

– «Sabes quanto perdi hoje?» -- perguntou-me.

-- «Perdeste?» -- estranhei. – «Perdeste como?»

-- «Na Bolsa» -- explicou. E com um gesto de desdém olímpico: -- «Trezentos contos.»

Escusado será dizer que abanquei ali, fascinado, a ouvir a história. Que era simples. Tudo para ele começara com a verificação, através dos jornais, de que as acções de determinada empresa subiam, semana após semana, com infalível regularidade, vinte e cinco tostões. Candidato insucedido a uma formatura em Economia, aquele meu amigo guardava dessa frustração escolar um secreto desejo de afirmação através de operações financeiras. Vai daí, e porque uma mudança de emprego lhe valera uma indemnização de algumas centenas de contos, resolveu investir parte naquele, aparentemente, tão discreto como seguro maná.



Confirmou que o era. Ao cabo de dois meses, duzentos contos tinham-lhe rendido seiscentos.

Foi só o princípio. A partir daí, tornara-se leitor atento dos boletins da Bolsa e conviva entusiástico de quem quer que se dedicasse ao mesmo processo acelerativo de multiplicação de poupanças. Apanhou assim nas primeiríssimas estações aquele combóio desvairado de valorização das participações nas empresas, que ocasionaria que qualquer barracão de serralharia, com três operários com salários em atraso, constasse do noticiário especializado da RTP. No meio do delírio, surgiam emissões de títulos mais baratos do que a cotação real. Ele entusiasmou-se. Aplicou o resto da indemnização em comprá-los. Setecentos contos transformaram-se em dois mil, três mil, quatro mil. O ritmo de crescimento chegou a ser tal, que a Bolsa, aquele estranho mealheiro de múltiplas bocas, onde, a sua indicação, o banco lhe introduzia as finanças excedentárias, começou a certa altura a render-lhe mais em dois dias do que, ao fim do mês, o trabalho de técnico bem remunerado.

Houve, por essa altura, muito quem vendesse o carrito, entre outros disparates maiores, para arranjar dinheiro que investir de imediato naquela fonte supostamente inesgotável. Não foi o que se passou com ele. Pelo contrário: precisado de automóvel novo, desfez-se das acções necessárias a dispôr de com que comprá-lo.

O pecúlio que tinha espalhado pelas Cipor, Cocofel, Partox e Lubrifina, Lda, ainda voltou a crescer até à beira dos cinco mil contos. Mas ele, entretanto, aborrecera-se daquela monótona sucessão de apostas vitoriosas. Estava mesmo indeciso entre retirar o dinheiro ou deixá-lo medrar, a ver até onde ia, quando o primeiro-ministro tomou uma iniciativa que lhe valeu a perene gratidão de todo o pessoal para quem a Bolsa de Valores representava um mais idóneo sucedâneo da D. Branca: num discurso de advertência tão caridosa como tempestiva, fê-la ruir abruptamente e em tais cacos que ainda hoje não se lhe vê hipótese de conserto.

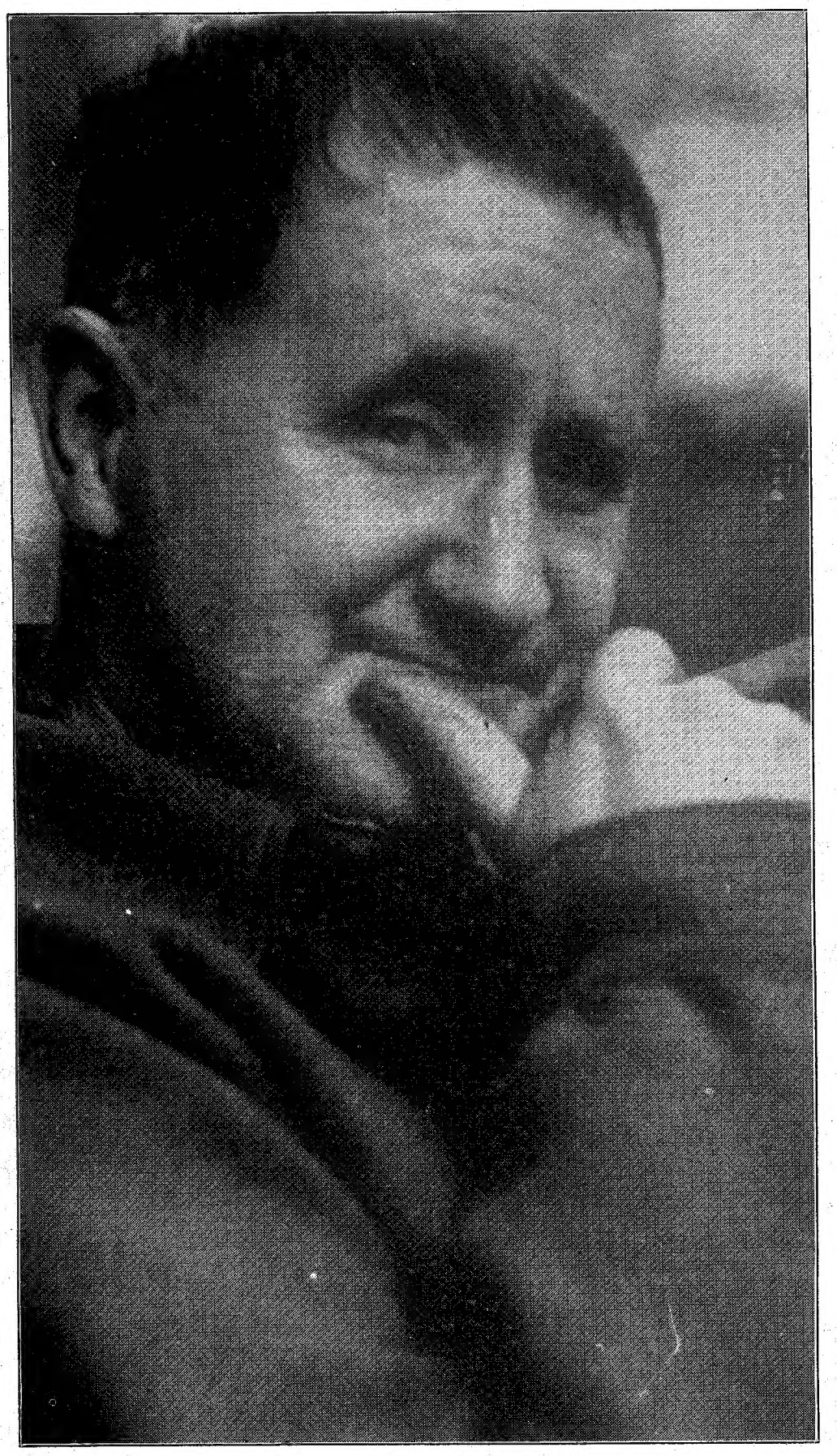
Foi por essa altura, caíam as cotações como balões rebentados pela ascensão irrefreada, que o encontrei, ao meu amigo. Mais afortunado do que a grande maioria, nada perdera na Bolsa, graças à oportuna compra do Toyota Celica vermelho-escuro, novinho em folha, que não tivesse sido a Bolsa a dar-lhe. De maneira que se deleitava naquele número de milionário atirado para a bancarrota por uma das crises do capitalismo a cuja cíclica fatalidade Marx, o profeta desacreditado dos nossos verdes anos, consagrou tantas páginas.

«Hoje» – anunciava a quem ia chegando, sempre com o mesmo movimento langoroso da mão com o *whisky* -- «lá perdi mais trezentos contos...»

Para mim, foi quando ganhou sentido a expressão «tirar o leite dos espinhos».

Texto de
Bertolt Brecht

A BAIXA DO TRIGO



O Senado prepara-se para defender um golpe mortal sobre Catilina! O homem mais popular, a partir desta noite, passou a ser o Sr. Catão, do partido do Senado. É inacreditável!

Às primeiras horas da manhã deu-se uma cena extremamente violenta entre C. e Crasso. O «Bolor» chegou aqui muito cedo, depois de ter passado visivelmente a noite em claro; mandou chamar C, que estava a dar a sua lição de esgrima. «Desde quando é que estás em Roma?», perguntou-lhe C. com hostilidade. Crasso nem sequer respondeu. Ainda no átrio, retomando o fôlego, explicou que o Senado tinha efectuado uma sessão nessa noite, no decurso da qual Catão acabara por fazer votar o estabelecimento das «distribuições de trigo gratuitas». - «Distribuições de trigo, numa altura destas?», indagou C. com ar incrédulo. - «Sim», volveu o «Bolor», procurando uma cadeira. «Estou cansado; passei toda a noite na Bolsa Agrícola. O decreto do Senado foi promulgado só às três horas da madrugada. Tens alguma coisa que eu possa beber?» - «Distribuições de trigo! E só agora, às oito horas, é que me vens contar isso?», berrou C.. O «Bolor» piscou os olhos. - «Mas tu não vês que eu na Bolsa não tinha mãos a medir! O preço do trigo baixou de vinte para dois. Julgas que uma operação como esta é um negócio sem importância?» Bruscamente perdeu as estribeiras. «E por que razão havia de ser eu a dizer-to?», gritou ele, fora de si, para se defender. «Porque é que não foste ao Senado? Quando se organiza um *putsh* não é no bordel que se deve estar, é na Bolsa! - «Há quem se dedique à política», disse C. entre dentes «e não apenas ao negócio.» Ambos igualmente pálidos entraram na biblioteca. Fui atrás deles. Houve uma disputa terrível. Crasso acabou por confessar que tinha previsto o decreto. Efectivamente, verificou-se que tinha especulado com a baixa do trigo, realizando assim uma fortuna. C. acusou-o de ter escondido completamente a questão de uma extraordinária importância política! O «Bolo» negou, asseverando que só tomara essas disposições depois de ter feito uma visita a Catão?», perguntou ele. O «Bolor» olhou-o sorrateiramente: «Um pouco antes de tu teres lá estado.» - «Eu fui lá por causa do movimento», gritou C. - O «Bolor»: «Também eu.» - C.: «Então deves saber que ele não cedeu. Não foi possível obter de Catão a mais leve amostra de concessão!» - O «Bolor»: «Não nesse momento, não antes das eleições. Ele bem sabia que a City não havia de permitir que Catilina obtivesse o consulado.» - C.: «E porque é que Catão cede agora?» O «Bolor», que se tinha sentado, mediu C. com um olhar pouco amigável: «Tu não estás actualizado, meu caro Caio Júlio. Ele cede porque o coronel Nepos foi eleito tribuno - talvez tenhas ouvido dizer isso em casa dessas senhoras que frequentas. E porque eles têm um medo terrível de Pompeu.» Durante um bom bocado C. permaneceu silencioso. Manifestamente não tomara a sério a emoção do Senado derivada dos boatos que circulavam sobre Pompeu. «E tu, então, nem um só instante pensaste em arriscar nada por Catilina, não é verdade?», inquiriu em seguida, com um ar indiferente. «Pensei», respondeu o «Bolor» prontamente, «mas tanto faz que seja Catilina ou o Senado a distribuir o trigo, o seu preço em nada se alterará. Continua a baixar.» C. rodou bruscamente sobre os calcanhares e enfrentou-o. Estava completamente fora de si: «Mas desse modo também o valor de Catilina baixará! Quer recebam o trigo das mãos de Catilina, quer das mãos de Catão, as pessoas preocupam-se lá com isso! E o que vai ser de nós? Não imagines que nos safamos sem complicações. Será a derrocada agora, e a seguir o inquérito.» Crasso pareceu compreender. «Decerto, a situação é agora difícil para Catilina. É um belo golpe de catão, esse velho bêbado», murmurou. Houve um silêncio. Quando C. retomou a palavra, julgar-se-ia estar a ouvir um velho, tão fraca era a sua voz: «Estou arruinado, comprei propriedades.» O «Bolor» sobressaltou-se: «Compraste o quê?», perguntou, como se não acreditasse no que ouvia. «Propriedades», repetiu C.. O «Bolor» parecia abatido. «Pelo Estige!», murmurou ele, «o que é que pretendias com isso?» - «É preciso, no entanto, encontrar uma solução para o problema agrário», disse C. para tentar defender-se. «Pelo Estige!», repetiu simplesmente o «Bolor», e na sua voz transparecia a compaixão. «E agora vamos ter um inquérito. Desfiz-me por tuta-e-meia de todos os bens imóveis que possuía, para poder ir-me embora, se fosse necessário. Este inquérito, se houver inquérito, somos nós que o devemos conduzir» - «Isso custar-nos-á dez milhões», avaliou C, surdamente. - «Cinco», replicou logo o «Bolor». - «Ontem teria custado cinco milhões, hoje custará dez», teimou C. irritado. «Toda a gente sabe que nos é indispensável dirigi-lo.» - Catilina não está ainda completamente posto de lado», objectou o gordo. «Muitas coisas podem ainda mudar. Afinal de contas, ele dispõe de um exército.»

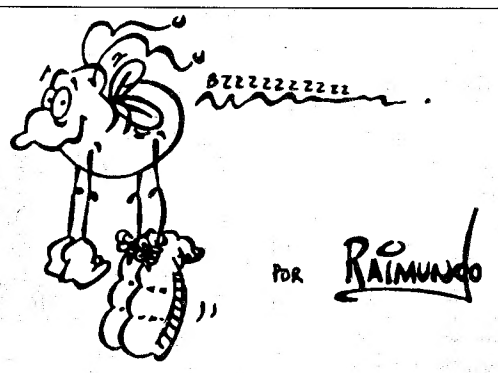
Agora já um certo nervosismo começa, apesar de tudo, a apossar-se da City; o receio de que um belo dia Catilina já não consiga conter os escravos do ser exército. As distribuições de trigo vão decerto cavar alguns vazios nas suas fileiras que terão de ser preenchidos com escravos. E, desde há algum tempo, reina entre eles uma efervescência perigosa. A superabundância de escravos da Ásia, vendidos a baixo preço, pesa no seu padrão de vida.

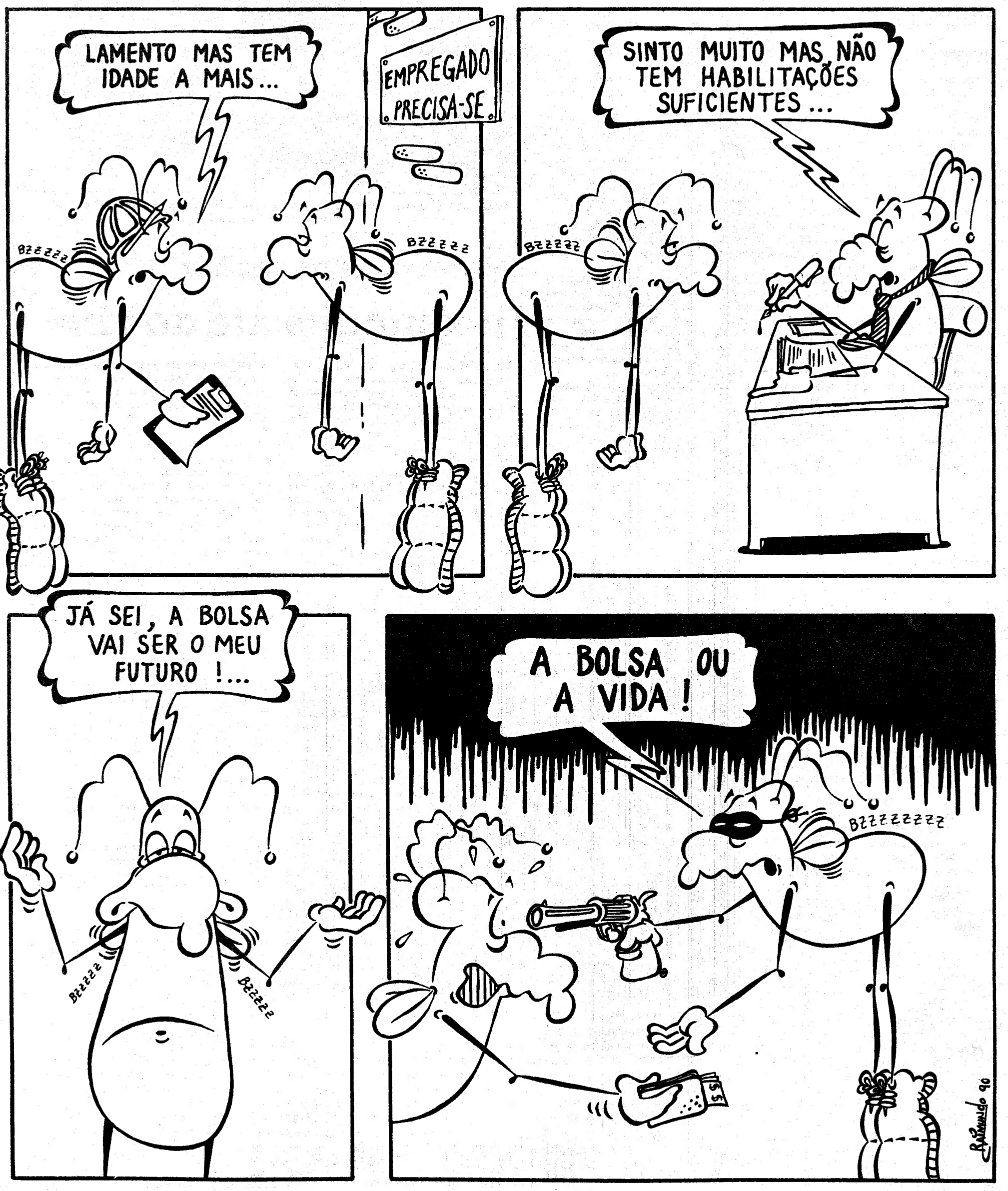
Já se manifesta claramente um sintoma alarmante: as grandes associações profissionais uniram-se para fazer frente, contra Catilina. Estão furiosas com as promessas veladas que ele fez aos escravos. Catão teria consentido em restabelecer as distribuições gratuitas de trigo aos desempregados ao cabo de longas negociações com as associações profissionais.

Os títulos asiáticos sofreram uma baixa.

(Em os negócios do senhor Júlio César)

A MOSCA


BZZZZZZZZZZ
POR RAIMUNDO


LAMENTO MAS TEM IDADE A MAIS...
EMPREGADO PRECISA-SE
BZZZZZ
BZZZZZZ
SINTO MUITO MAS NÃO TEM HABILITAÇÕES SUFICIENTES...
BZZZZZZ
JÁ SEI, A BOLSA VAI SER O MEU FUTURO !...
BZZZZZ
BZZZZZ
A BOLSA OU A VIDA !
BZZZZZZZZZZ
$$
RAIMUNDO 90